



Universidade do Minho
Instituto de Educação

Emma de Jesus Subtil Saraiva

**Museu do Traje:
vestindo «novos» públicos de cor e tradição**

Outubro de 2012



Universidade do Minho
Instituto de Educação

Ema de Jesus Subtil Saraiva

**Museu do Traje:
vestindo «novos» públicos de cor e tradição**

Relatório de Estágio
Mestrado em Educação
Área de Especialização em Mediação Educaional e Supervisão
na Formação

Trabalho realizado sob a orientação da
Professora Doutora Maria do Céu de Melo

Outubro de 2012

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO PARCIAL DESTE RELATÓRIO APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE;

Universidade do Minho, ____/____/____

Assinatura: _____

TÍTULO: Museu do Traje: vestindo «novos» públicos de cor e tradição

AUTORA: Ema de Jesus Subtil Saraiva

RELATÓRIO DE ESTÁGIO

**Mestrado em Educação – Área de especialização em Mediação Educacional e
Supervisão na Formação**

Universidade do Minho

2012

RESUMO

Fruto das convulsões da sociedade dos nossos dias, a mediação tem vindo a revelar-se um caminho a percorrer e a adotar em várias frentes. Este projeto previu o estudo e intervenção no Museu do Traje de Viana do Castelo, sustentado na lógica da mediação cultural.

Durante o percurso, foi observada a realidade museológica, diagnosticando-se as suas necessidades relativamente aos públicos. Desta forma, foram traçadas algumas propostas de intervenção, para as quais contribuiu a aproximação ao público escolar. Estas propostas tiveram como principal objectivo otimizar a oferta do Museu, tendo em vista a função educativa e pedagógica do mesmo e, essencialmente, a aproximação e criação de laços com o público.

O trabalho desenvolvido previu também o estudo de outras variantes, tais como a observação de visitas guiadas e análise de iniciativas de mediação no Museu do Traje.

TITLE: Costume Museum: dressing «new» publics with color and tradition

AUTHOR: Ema de Jesus Subtil Saraiva

Profissional Practice Report

Master in Education – Specialization in Mediation and Supervision and Professional Development

University of Minho

2012

ABSTRACT

As a result of the convulsions of today's society, mediation is revealing itself to be a way to take in several fronts. This project was intended for the study and intervention in the Costume Museum of Viana do Castelo, based on a framework of cultural mediation.

During the course of the project, the museological reality was observed, and its needs concerning the public were diagnosed. Consequently, some proposals of intervention were designed, in which the close contact with the public from schools was a considered contribution. These proposals had, as a main goal, the optimization of the Museum's public offer, considering its educational and pedagogical functions, and were essentially meant to bring together and to establish a closer relationship between the Museum and the public.

The work involved was also intended to study other variants, such as the observation of guided tours and the analysis of the initiatives for mediation in the Costume Museum.

ÍNDICE GERAL

RESUMO	iii
ABSTRACT	v
INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO 1.....	13
A INSTITUIÇÃO MUSEOLÓGICA.....	13
1.1 Espaço Cultural	13
1.2 Espaço de Educação.....	15
1.3 Espaço de Mediação.....	17
CAPÍTULO 2.....	23
CONTEXTUALIZAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO	23
2.1 Viana do Castelo, a «Capital do Folclore»	23
2.2 Caracterização do Museu do Traje	24
CAPÍTULO 3.....	33
O ESTUDO	33
3.1 Objetivos da investigação	33
3.2 Metodologias de recolha de dados	34
CAPÍTULO 4.....	39
ANÁLISE DOS DADOS	39
4.1 Entrevistas às funcionárias do Museu do Traje	39
4.2 Entrevistas aos funcionários do Museu de Artes Decorativas.....	46
4.3 Entrevistas aos comerciantes de Lojas Regionais.....	54
4.4 Análise de registos de visitantes	58
4.5 Observação de visitas guiadas no Museu do Traje (MT)	66
CAPÍTULO 5.....	73
MEDIAÇÃO NO MUSEU DO TRAJE.....	73
5.1. – Iniciativas de mediação.....	73
5.2. – Contributos teóricos.....	81
5.3. – Propostas de atividades e instrumentos	91
5.3.1 «Era uma vez... a nossa história»	91
5.3.2 «Vamos trajar o Mural»	103

5.3.3 «Tocar no passado»	103
5.3.4 «Viver no passado»	105
5.3.5 Guiões de visita guiada e de Questionários.....	106
REFLEXÕES FINAIS	111
BIBLIOGRAFIA.....	117

ÍNDICE DE APÊNDICES E ANEXOS

Apêndice I – Guião de entrevista aos funcionários do Museu do Traje e do Museu de Artes Decorativas	123
Apêndice II - Guião de entrevista aos Comerciantes de Lojas Regionais	125
Apêndice III – Transcrição da entrevista n.º1 (Museu do Traje).....	127
Apêndice IV – Grelha de análise das entrevistas do Museu do Traje	133
Apêndice V - Transcrição da Entrevista n.º9 (Museu de Artes Decorativas).....	135
Apêndice VI - Grelha de análise das Entrevistas do Museu de Artes Decorativas.....	145
Apêndice VII – Grelha de análise das Entrevistas aos Comerciantes de Lojas Regionais .	149
Apêndice VIII – Grelha de observação para visitas guiadas	151
Apêndice IX – Guião da atividade «Era uma vez... a nossa história»	153
Apêndice X - Proposta de Guião para visita autónoma	157
Apêndice XI - Proposta de Guião para visita em família.....	161
Apêndice XII - Proposta de questionário para professores, educadores e animadores.....	165
Apêndice XIII – Proposta de questionário para crianças do 1.ºCiclo.....	167
Anexo I – Circular sobre as Oficinas Itinerantes.....	171
Anexo II – Tabela das Escolas com Oficinas Itinerantes.....	173
Anexo III – Questionário do Museu do Traje sobre a visita e Serviços Educativos	175

Introdução

A produção textual que se segue orienta-se pelas veredas de aprendizagem oriundas do estágio curricular inserido no Mestrado em Educação, área de especialização em Mediação Educacional e Supervisão na Formação. A extensão e os limites que envolvem este estágio foram concebidos no âmbito institucional do Museu do Traje, na cidade de Viana do Castelo, «*concelho rico de tradições, mas também de amor e dedicação ao que de mais genuíno tem*» (Botelho, 2010:5).

O Museu do Traje de Viana do Castelo é reconhecido como um grande promotor e catalisador da cultura e tradição da cidade, dada a sua génese e trabalho. É identificado como um ícone representante da cidade e suas histórias, perante a população local e pessoas vindas de outros locais do país e do mundo.

A área cultural, que constitui um desafio enquanto campo profissional complexo (não complicado) dá conta de uma ampla diversificação da área de atuação (interdisciplinar). Trabalhar na área cultural exige que se reconheça o local onde se atua identificando as suas potencialidades e singularidades problematizando e discutindo, continuamente, os aspetos que lhes estão inerentes. Requer, ao mesmo tempo, uma visão crítica do papel desempenhado, em harmonia com a criatividade e dinâmica colorida.

Os projetos desenhados nesta área podem tomar inúmeros moldes e seguir caminhos infundáveis, tendo em conta as suas características, potencialidades e possibilidades, e os tipos de público participantes e ausentes nestes contextos.

Nesse sentido, o conceito de mediação cultural assume a tónica que se deseja desenvolver no contexto museológico, uma vez que o objetivo dos serviços de mediação cultural assenta na divulgação/elucidação do seu acervo através de um programa diversificado de atividades, dirigido a todos os públicos.

Assim, apresenta-se, em seguida, o suporte onde se encontra exposto aquilo que viu necessário narrar sobre o estudo realizado ao longo de nove meses no Museu do Traje, tendo em conta as potencialidades e necessidades relacionadas com o conceito de mediação cultural, especificamente no Museu do Traje de Viana do Castelo.

O projeto não se revela hiperbólico em ambição nem tão pouco pusilânime. Foi, antes, no equilíbrio destas conceções que se situou este plano. Atribuindo subjetividade à perspetiva, o

estudo funcionou como um trato entre nós e o mundo para troca de ideias retidas, informações, decisões e, sobretudo, aprendizagens.

Este relatório organiza-se nos seguintes capítulos:

Capítulo **1** – “A instituição museológica” - é feita uma abordagem teórica a temas fundamentais adjacentes a este estudo e que se relacionam com a temática geral da instituição museológica. O Museu enquanto espaço cultural, espaço de educação e espaço de mediação são os assuntos desenvolvidos por estarem diretamente associados ao tema deste estudo e pela pertinência e destaque que evidenciam ao longo de todo o trabalho.

Capítulo **2** – “Contextualização e caracterização da instituição” - pretende-se clarificar as características da instituição e da cidade que foram o palco deste estágio, durante nove meses: o Museu do Traje, em Viana do Castelo. A referência aos dois itens torna-se essencial, não só para proporcionar a contextualização do projeto mas também, neste caso específico, para tornar evidentes a relação íntima entre ambos. As caracterizações feitas vão para além de descrições despretensiosas sendo que, no caso da instituição, é feita uma referência ao espólio e às exposições atuais disponíveis no Museu do Traje.

Capítulo **3** – “O estudo” - é introduzido o assunto relativo ao estudo. São referidos os objetivos traçados no início da investigação e quais as perguntas que se pretendem ver respondidas, no final do projeto. Para o alcance destes objetivos são definidos e produzidos metodologias e dispositivos de recolha de dados, devidamente explicitados e fundamentados neste capítulo.

Capítulo **4** – “Análise dos dados” - análise dos dados recolhidos através das metodologias e dispositivos de recolha de dados elaborados e indicadas no capítulo 3

Capítulo **5** – “Mediação no Museu do Traje” - dá conta da realidade de mediação do Museu do Traje e está dividido nos seguintes pontos: iniciativas de mediação e proposta de atividades e instrumentos. Com o título pretende-se, de forma lata, fazer a referência e a ponte entre a instituição e as iniciativas de mediação observadas durante a permanência no Museu. Com base nessas práticas e nos dados recolhidos e na realidade observada, é também neste capítulo que se procede à apresentação daquela que é uma das etapas mais pertinentes deste projeto: a conceção de algumas atividades e instrumentos, que deixamos em proposta neste relatório, passíveis de implementar no Museu do Traje, tendo em vista a aproximação de públicos. A destacar neste capítulo é ainda a descrição da implementação de uma das atividades

concebida no âmbito deste projeto, que propusemos à equipa do Museu, e das reflexões advindas dessa implementação.

No capítulo **final** deste relatório – “Reflexões finais” são apresentadas algumas ideias, pensamentos e ilações acerca do processo que envolveu o estágio, bem como a implementação do projeto e acompanhamento inerente ao mesmo. O objetivo deste capítulo é proporcionar ao leitor uma abordagem sumária e pragmática sobre a permanência no Museu do Traje que antecede as reflexões finais, de carácter mais pessoal.

CAPÍTULO 1

A INSTITUIÇÃO MUSEOLÓGICA

«Um Museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos, ao serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberto ao público, e que adquire, conserva, estuda, comunica e expõe testemunhos materiais do homem e do seu meio ambiente, tendo em vista o estudo, a educação e a fruição».

(ICOM - International Council of Museums, 1995)¹

1.1 Espaço Cultural

O mundo contemporâneo traduz constantes fluxos e metamorfoses em todas as esferas e contextos: políticos e económicos, sociais e culturais.

A globalização e abertura da sociedade em várias dimensões, bem como a evolução da sua forma de estar, têm contribuído para o enriquecimento cultural do cidadão comum. O estímulo da curiosidade, a construção de novos saberes e o alargamento de conhecimentos através da procura de novas experiências têm vindo a evidenciar-se. Consecutivamente, o enriquecimento cultural do cidadão é, cada vez mais, tomada como uma prioridade pelo que a cultura representa um papel essencial neste âmbito.

O conceito de cultura é múltiplo em definição e entendimento e está em permanente evolução. A conceção arbitrária do termo leva-nos a pensar em vários mecanismos e rotinas, principalmente no estudo, pelo que o senso comum pode associar, inadvertidamente, a cultura apenas a instrução. No entanto, não podemos afirmar que indivíduos que não despendem o seu tempo no estudo são desprovidos de cultura. Os costumes, a língua, a história e tradições de todos os seres humanos têm que ser tidos em conta quando nos referimos a cultura. Este é, por isso, um conceito bastante complexo.

Numa visão antropológica podemos definir cultura como uma teia de significados que dão sentido ao mundo, à sociedade. Segundo este raciocínio, concluímos que todos os indivíduos têm cultura, pois ninguém nasce nem permanece fora de um contexto social, seja ele qual for.

¹ Informação consultada em: http://www.icom-portugal.org/documentos_def.129.220.detalhe.aspx

A cultura é, então, o conjunto de manifestações artísticas, sociais, linguísticas e comportamentais de um povo ou civilização. Abrange um misto de elementos como a música, teatro, língua falada e escrita, mitos, hábitos alimentares, danças, arquitetura, invenções, pensamentos e formas de organização social. É, no fundo, tudo o que resulta da criação humana, e é essencial para a compreensão de valores e da forma como eles conduzem as nossas emoções e sentidos.

Uma grande parte destas manifestações culturais é preservada (transmitida) nos Museus, que se têm tornado uma instituição de natureza mundial. Este facto tem gerado um pensamento específico sobre ela, que tem vindo a consolidar-se ao longo dos últimos cinquenta anos. Os Museus, enquanto veículos transmissores de cultura, oferecem não apenas um encontro privilegiado entre o público e uma determinada realidade preservada (cultural, objeto, natural...) como também os contextualizam na sociedade contemporânea. Deste modo, as características das instituições museológicas atestam-nas enquanto espaços culturais, pois permitem a construção de plataformas dialógicas e de pontes entre o local e o global, entre o passado e o futuro.

O processo de musealização encerra uma relação íntima entre o património cultural, a interação com os sujeitos sociais (nomeadamente através da educação) e o acervo institucional. A interação com os sujeitos sociais está diretamente relacionada com a apropriação, difusão e fruição do património cultural sendo que a investigação, conservação, divulgação e educação são funções de cada Museu.

Relativamente a isto, e não deixando dúvidas que um Museu é sinónimo de espaço cultural, o artigo 3º da Lei-Quadro dos Museus Portugueses² é clara, ao apresentar a seguinte definição:

«1 — Museu é uma instituição de carácter permanente, com ou sem personalidade jurídica, sem fins lucrativos, dotada de uma estrutura organizacional que lhe permite:

a) Garantir um destino unitário a um conjunto de bens culturais e valorizá-los através da investigação, incorporação, inventário, documentação, conservação, interpretação, exposição e divulgação, com objetivos científicos, educativos e lúdicos;

b) Facultar acesso regular ao público e fomentar a democratização da cultura, a promoção da pessoa e o desenvolvimento da sociedade».

² Informação consultada em: http://www.ipmuseus.pt/Data/Documents/RPM/Legislacao_Relevante/lei_dos_museus.pdf

1.2 Espaço de Educação

O Museu é um importante instrumento no processo de educação permanente do indivíduo, contribuindo para o desenvolvimento da sua inteligência e capacidade crítica e cognitiva, bem como para o desenvolvimento da comunidade, fortalecendo a sua identidade e consciência crítica e enriquecendo a qualidade de vida individual e coletiva.

Independentemente do conteúdo específico de cada Museu temos vindo a assistir, ao longo dos últimos anos, a preocupações com a sua função educativa. Novas formas de apresentar exposições, sugestão de novas atividades e uma maior preocupação em cativar os visitantes (procurando entender que tipo de públicos existem, de modo a estabelecer novas relações com estes) são evidências dos cuidados crescentes dos Museus, relativamente à educação. «*Advindo dos propósitos essenciais duma política cultural (...) a função educativa do museu constará, à partida, da sua programação, determinando, por parte da tutela, os meios e o modelo de gestão possíveis e adequados*» (Filipe, 2002:s/pág).

O Museu e a Educação estabelecem uma relação íntima, visto que educar é uma das suas principais funções, quer através de palavras, gestos, relações que se estabelecem, quer através da presença efetiva e material dos objetos.

Partindo do pressuposto que a educação é para todos, os Museus devem estar preparados para receber todo o tipo de públicos. Este processo de ensino-aprendizagem exige da parte destes uma atualização constante. Hooper-Greenhill (2007:1) reconhece que...

«(...) new ideas about culture and society and new policy initiatives challenge museums to rethink their purposes, to account for their performance and to redesign their pedagogies (...) Museums have been subject to innumerable calls to modernize as their purpose and performance have been scrutinized, analyzed and critiqued. New ways of thinking about media audiences have confirmed the dynamic character of the relationship between museums and their audiences, and the interpretation of collections is high on the priorities of most museums»

Os Serviços Educativos dos Museus, que têm um papel fundamental nas iniciativas pedagógicas, devem trabalhar com o objetivo de prover e projetar um conjunto de atividades específicas para os seus públicos. Estas são responsáveis por despertar atenções e estimular o interesse de novos públicos que:

«(...) prestando-se a uma pluralidade de interpretações, desenvolvem a sensibilidade e a imaginação, desempenhando por isso um papel importante na experiência pessoal dos indivíduos. O convívio com a arte é um dos modos mais eficazes para a formação da personalidade e para a integração do indivíduo nos valores superiores à humanidade» (Gonçalves et al., 2002:10).

Os papéis desenvolvidos pelas equipas dos Museus assumem um carácter dinâmico, em que o responsável pela área educativa pode assumir diferentes papéis, quer na direção do Museu, quer de participação na programação das exposições (Hooper-Greenhill, 1998).

Segundo Oliveira (2006:35), a dinâmica no espaço museológico

«...consiste em animar, quer dizer dar vida aos objetos expostos, recriando o ambiente natural e social em que esses objetos viveram para que o público recupere a sua memória inteirando-se da utilidade e da funcionalidade deste ou daquele objeto no seu habitat natural. Uma outra tarefa consiste em divulgar técnicas e artes em extinção para que o público não perca esses valores».

Se tivermos a escola como espaço de referência *«o museu é uma extensão escolar na medida em que vem completar a formação dada na escola, daí a necessidade dos museus cooperarem com as escolas para se inteirarem dos seus programas e currículos a fim de proporcionar aos visitantes do museu a informação adequada e necessária»* (ibidem).

Assim, os Serviços Educativos dos Museus devem considerar a vertente comunicativa, perspetivando o estabelecimento de relações entre o Museu e públicos que recebem/públicos que cuja atração é necessária. Tendo em vista a responsabilidade educacional da instituição, espera-se que sejam planificadas atividades educativas destinadas a diferentes públicos e articuladas com diferentes instituições.

A importância da política educacional de cada Museu deve ser reconhecida no seio de cada instituição, com a finalidade de proteger o sucesso da mesma. A política deverá ser convertida num plano de trabalho realista e específico de maneira a que as atividades possam ser efetivamente implementadas. O reconhecimento da importância da educação é o primeiro grande passo para o acesso à cultura, de forma equitativa. A prática da educação é sinónimo de prática da cidadania na formação de indivíduos críticos, criativos, autónomos e capazes de agir no seu meio e transformá-lo.

«A compreensão é ao mesmo tempo meio e fim da comunicação humana. O planeta necessita, em todos os sentidos, de compreensões mútuas. Dada a importância da educação para a compreensão, em todos os níveis educativos e em todas as idades, o desenvolvimento da compreensão necessita da reforma planetária das mentalidades; esta deve ser a tarefa da educação do futuro». (Morin, 2002:104).

O serviço educativo de cada museu reflete a intervenção comunitária e o compromisso social por que cada instituição é responsável. Este espaço é, em si mesmo, um mediador entre o Museu e os públicos/utilizadores permitindo, também, uma interação com outras entidades ou parceiros. No fundo, torna possível a relação entre o Museu e a comunidade, através de vários caminhos e compreensões não-formais *«nomeadamente como forma de satisfazer e potenciar*

públicos diversificados, convergindo com outros meios de educação formal» (Filipe, 2002:s/pag).

É necessário (re)pensar constantemente a multiplicidade e a riqueza do Museu, enquanto espaço de educação. O que é que isso significa? Que estratégias adotar? Direcionadas para que públicos? Com que objetivos?

Transformar o Museu «num espaço de felicidade, não de medo», ideia dilatada por Maria Acaso (2012), é uma pista formidável sobre as estratégias que podem ser desenvolvidas nestas instituições: *«Cuando nos acercamos al aprendizaje, mirándolo como un suceso inacabado, transformador y mágico, lo convertimos en una experiencia de placer que nos empodera para ejecutar el cambio. Pero no podemos olvidarnos de las zonas de penumbra que encontramos en este paso y que son necesarias para que los procesos transcurran»*³.

1.3 Espaço de Mediação

Durante muito tempo, falar do relacionamento entre o Museu e a comunidade era sinónimo de falar da relação entre o Museu e o seu público, mais propriamente da sua carência que, uma vez identificada, alertava para a necessidade de criar atividades. Contudo, a elaboração de atividades nos Museus nem sempre contemplava a aproximação com toda a comunidade, o que significa que as atividades eram pensadas para públicos específicos que já frequentavam o Museu e que a instituição já conhecia.

«A função museológica é, fundamentalmente, um processo de comunicação que explica e orienta as atividades específicas do Museu, tais como a coleção, conservação e exibição do património cultural e natural. Isto significa que os museus não são somente fontes de informação ou instrumentos de educação, mas espaços e meios de comunicação que servem de estabelecimento da interação da comunidade com o processo e com os produtos culturais» (Filipe, 2002:s/pág).

As discussões sobre o papel social e pedagógico dos Museus e a sua relação com os públicos foram-se modificando gradualmente, em paralelo às transformações sociais. À medida que as reflexões sobre o tema se vão desenvolvendo, as relações entre os Museus e os seus públicos vão ganhando novos contornos, de acordo com os diferentes contextos e grupos para os quais se desenvolvem os projetos.

O Museu é um espaço de comunicação que transmite mensagens através dos dialetos que utiliza nas suas exposições e que produz significados sobre a cultura, a vida e a natureza.

³Informação consultada em: http://mariaacaso.blogspot.pt/2012_04_01_archive.html

Proporciona a produção de sentidos, ideias e emoções através de uma linguagem nem sempre verbal, antes ampla e total, próxima da percepção da realidade e das capacidades percetivas de todos os indivíduos.

Os anseios por mudança na instituição museológica são o resultado das transformações na sociedade. Nesse sentido, os Museus passaram a ser agentes ativos, necessitando interagir com o meio onde estão inseridos com os problemas da vida quotidiana, procurando a realização de atividades, inclusive, com outras entidades de carácter cultural, social, recreativo.

Atualmente, podem identificar-se vários avanços no que respeita ao papel que o Museu deve desempenhar na sociedade e isto percebe-se em várias preocupações e comportamentos adotados. Destacam-se o cuidado em avaliar os serviços oferecidos ou a transformação de visitas guiadas em verdadeiros momentos de aprendizagem, através do estímulo do aluno, com base na interdisciplinaridade.

Este trabalho não está, no entanto, desprendido da complexidade das relações sociais. É preciso apelar à criatividade, a *«novos caminhos para conseguir, a actual industrialização e transnacionalização das comunicações, manter um diálogo não só com o local, com o regional, como também com as muitas vozes e imagens que nos chegam de todo o planeta»* (Filipe, 2002: s/pág).

A mediação é, justamente, um conceito que remete para o desenho desses caminhos criativos e que tem vindo a revelar-se uma prática interventiva, um procedimento resolutivo em franco desenvolvimento. É, no entanto, verdade, que existe ainda *«uma certa confusão conceptual tanto na definição como nas práticas associadas a este modo de regulação»* (Bonafé-Schmitt, 2009:16, cit por Silva & Moreira, 2009).

O progresso e o desenvolvimento sobre a mediação tem vindo a evidenciar-se, e cada vez mais autores se têm dedicado ao estudo e esclarecimento desta matéria. Schnitman (1999:22) afirma que:

«(...) os novos paradigmas e as condições contemporâneas propõem cenários alternativos de fluxo, incluem o emergente, o viver e o administrar processos de mudança permanente, a surpresa de explorar o ainda desconhecido e descobrir a efetividade do que se está conformando, o surgimento de possibilidades, incluindo a possibilidade de trabalhar e construir na incerteza».

Durante o processo de mediação, o mediador assume o papel de terceiro elemento. Desempenha, simultaneamente, a função de tradutor, facilitador, negociador e intermediário

entre dois ou mais interlocutores em diferentes contextos de sociabilidade num processo que, segundo Silva e Moreira (2009:7- 8) aparece

«(...) como uma função especializada que se acrescenta a outras atividades socioprofissionais. Assim, habitualmente, a prática de mediação aparece como uma função especializada que se acrescenta a outras funções que são desenvolvidas pelos profissionais com formações muito diferenciadas, mas que têm em comum uma intervenção educativa, entendida em sentido amplo».

O processo de mediação é enformado pela conjuntura social em que vivemos. É, por isso, flexível ao ponto de se poder aplicar aos vários contextos e esferas de vivência e atuação do ser humano – familiar, educativa, laboral, cultural. A mediação pode prevenir ou ajudar a resolver um conflito, pode aproximar indivíduos, estreitar relações, fomentar interações. É, então, uma atividade social e educativa, cujo objetivo essencial é o (r)estabelecimento de laços e interações inexistentes ou magoadas ou a prevenção da contenda, fomentando um ambiente sereno e a cidadania/participação ativa e responsável. Não é apenas uma nova forma de arbitragem ou regulação social. É antes uma lógica que reflete diálogos transformadores em vários âmbitos, nomeadamente na cultura.

«La médiation culturelle oscille entre des pôles tels que l'enseignement ou le marketing, avec lesquels il ne faut cependant pas la confondre. En effet, elle n'a pas comme objectif ultime l'évaluation formelle ou l'appel à la consommation. La médiation transmet certes des contenus mais elle sensibilise aussi à des valeurs, des goûts et des attitudes face au musée».⁴

Oliveira (2006:41) diz-nos que *«falar de comunicação em museu é falar do museu propriamente dito, isto porque, o museu pode ser, por si, considerado um fenómeno de comunicação e um meio de comunicação por excelência, que pode usar e potenciar todos os outros meios de comunicação».*

Criado com um dos objetivos de preservar e salvaguardar património, o museu está a alterar-se para ser também capaz de transmitir e possibilitar aos diversos públicos experiências sensoriais através da interligação com o objeto museológico. Existe, por isso, a consciência de que é necessário inovar um espaço tradicional e limitado para que este dê lugar a um que se possa adaptar às necessidades exigentes dos diversos públicos atuais.

«A tendência que cada indivíduo, como animal gregário, sente para seguir um comportamento de massas, definível através de modas universais, ainda que transitórias, pode ser aproveitada pelos museólogos no sentido de tornar este espaço num centro de cultura e lazer aberto a todos. Abandonando conceitos elitistas e sectários, a divulgação do museu como um local público de múltiplas potencialidades vivenciais realiza-se através dos meios de comunicação de maior tiragem ou audiência» (Roque, 1990:40).

⁴Informação consultada em: <http://www.mediamus.ch/picture/upload/file/Definition%20mediation.pdf>

Os Museus dedicam-se a produzir uma enorme quantidade de mensagens intencionais através de tudo o que têm para oferecer: as exposições, as salas temáticas, os folhetos, os *posters* e outras formas de comunicação (Hooper-Greenhil, 1998). Hodge e D'Souza (cit. por Hooper-Greenhil, 1998:57) referem que *«los museos no sólo conservan sino que también comunican (...) La exposición de objetos es un medio de comunicación social, y su ejercicio requiere una comprensión especial de los procesos de comunicación, es decir, de la naturaleza de la comunicación de masas»*.

O Museu deve, por isso, refletir as diferentes linguagens na sua ação num processo de comunicação que não é unidirecional, mas interativo; um diálogo permanente entre emissores e recetores, que contribui para o desenvolvimento e enriquecimento mútuo.

Contudo, muitas instituições museológicas não conhecem as motivações, interesses e necessidades da comunidade em que estão inseridos, nem os seus códigos de valores e significados, daí a pertinência da prática de mediação cultural.

No Museu, o mediador cultural assume o papel de interlocutor entre a comunidade e a instituição, na medida em que potencia relações mais próximas entre ambos. Cabe-lhe estabelecer processos de comunicação entre os intervenientes geradores dessas relações. Esta ligação deverá ser trabalhada tendo em conta não só os públicos que visitam assiduamente cada Museu, mas também os públicos que a instituição museológica tem dificuldade em captar, afirmando a conceção do Museu enquanto canal de comunicação.

Com os outros elementos da equipa, o mediador deverá aproximar e levar até ao Museu esses públicos, desenvolvendo as estratégias e mecanismos necessários. Torremorell (2008:80) diz-nos que:

«(...) a dinâmica da mediação, a partir do momento em que incorpora os mediadores, cria novos canais de comunicação e mensagens que (...) são formuladas desde fora, mas respondidos a partir de dentro. Abre-se uma comunicação multívia que, curiosamente, impulsiona o fluido dialógico através de um circuito circular, a informação retorna ao emissor enriquecida, carregada de valores e, possivelmente, partilhada».

Sendo certo que a adesão dos públicos às unidades museológicas têm aumentado, e que as políticas de âmbito cultural se têm intensificado, não significa que haja uma relação direta entre estas circunstâncias com a democratização, igualdade e perceção da informação disponível nos mesmos. Estes são alguns dos motes de trabalho do mediador cultural: sedutores desafios profissionais na medida em que a aproximação dos públicos possibilitar-lhes-á a

percepção da informação e a compreensão de diversas linguagens para a produção de significados de forma criativa.

«O Serviço de Educação e Mediação tem como principal objetivo a divulgação e interpretação das coleções do Museu através de um programa diversificado de atividades e eventos que pretendem criar relações duradoras e enriquecedoras com públicos específicos. Um serviço de mediação cultural à medida da sua missão, sem constrangimentos organizacionais, capitalizando sempre as políticas de marketing de comunicação. Uma parceria permite que uma entidade mais pequena e mais ágil seja um mediador eficiente e atento, com claros benefícios para a instituição cultural»⁵

O mediador cultural deve adotar metodologias que permitam a exploração das potencialidades do Museu, a problematização das epistemologias individuais e a promoção da consciencialização da responsabilidade cultural, tendo em mente que *«a mediação cultural agrupa o conjunto das ações que visa reduzir a distância entre a obra, o objeto de arte ou de cultura, os públicos e as populações»⁶.*

Não obstante a importância da mediação cultural nos Museus, que a deveria tornar indispensável,

«(...) ironicamente (...) o mediador ou educador continua a não ter uma voz institucionalmente autónoma que permita a construção de uma estratégia relacional a longo prazo com os públicos. No entanto, os novos valores associados à importância dos museus para a sociedade, e que se devem adicionar aos já defendidos (promoção da tolerância; igualdade de oportunidades; compreender o que é diferente) vão exigir uma cada vez maior especialização destes profissionais»⁵

⁵Informação retirada do folheto informativo da Mapa das Ideias – Think Outside The Box

⁶Informação consultada em: http://www.ufmg.br/proex/cpinfo/cultura/docs/09a_Informacao_e_mediacao_-_Ana_AL_Martins.pdf

CAPÍTULO 2

CONTEXTUALIZAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO

2.1 Viana do Castelo, a «Capital do Folclore»

«Da localização geográfica das terras de Viana resultam motivos psicológicos determinantes. Relativamente afastadas dos grandes centros, situam-se no eixo das populosas áreas da Galiza e do Porto. É fugaz a convivência entre ambas. O intercâmbio é escasso sob o ponto de vista cultural, se bem que acentuado quanto ao aspeto turístico (...) Os meios rurais, mesmo os mais próximos de Viana eximem-se a estes contactos sectorizados. Dir-se-ia constituírem uma “ilha” vivendo entregues a si próprias e expandindo as suas tendências, livre das influências estandardizadas de outros meios. Com o rio, mar e montanha a «dois passos», proporcionando meios de subsistência mais acessíveis, formou-se um «habitat» singular, propenso a manifestações artísticas» (Paço, 1979:39).

Abastada em memórias e tradições, Viana apresenta características únicas e uma população apegada à sua terra, mar e história. Porque é um território genuinamente sedutor, em 1990 Miguel Esteves Cardoso escreveu que *«Viana do Castelo é uma cidade clara. Não esconde nada. Não há uma Viana secreta. Não há outra Viana do lado de lá. Em Viana do Castelo está tudo à vista. A luz mostra tudo o que há para ver. É uma cidade verde-branca. Verde-rio e verde-mar, mas branca»*⁷.

Ainda sobre esta cidade, António Paço (1979:37) é claro:

«(...) o sortilégio deste recanto de Portugal, exuberante de cores e de halos perfumados nas suas úberes encostas, concorre de certo modo para criar na mente dos seus habitantes um ideal onde a noção do Belo se inculca e expressa frequentemente nos motivos complementares da paisagem, como sejam os preciosismos arquiteturais que distinguem, mesmo, a cidade de Viana, no próprio conjunto do País».

E se *«as três primeiras e fundamentais necessidades do homem são o alimento, o traje e a casa»* (Teixeira, 2008:354), a cultura e património regional de Viana do Castelo estão especialmente associados a um destes itens: o traje.

«A designação comumente aceite de “Viana – Capital do Folclore” surgiu fundamentalmente como corolário da variada gama de trajes populares, alguns deles de extraordinária beleza» (Paço, 1979:37), sendo que o traje «à vianesa» é hoje o ícone etnográfico representativo de Viana do Castelo.

⁷ Informação consultada em: <http://kapa.blogspot.pt/2005/12/norte-nome-de-portugal.html>

«Se na paisagem ressalta a montanha de Santa Luzia e a radiosa ribeira Lima, se na Arquitetura avolumam as formas dos monumentos (...) se na Economia há evidência para a construção naval, na etnografia agigantam-se os expressivos e policromos trajes femininos, fruto de mãos hábeis e de uma rara sensibilidade estética e poética» (Paço, 1979:37)

Sobre o traje «à vianesa», Botelho (2010:9-10) começa por explicar:

«... por traje à vianesa entendemos o traje feminino, popular, rural, usado nas aldeias em redor de Viana do Castelo, que adquiriu características que o individualizam e tornam imediatamente identificável. Este traje foi usado desde meados do século XIX até meados do século XX. Ao longo do século XX, e coincidindo com o momento em que começou a deixar de ser usado e a perder o seu papel na vida sócio cultural, o traje foi sendo alvo do olhar de estudiosos que lutaram pela manutenção do seu uso quotidiano. Depois, percebendo que tal não era possível, procuraram outras formas de preservar a sua genuidade, o que acabou por acontecer num conjunto de práticas performativas de que resultaram os grupos folclóricos e a sua elevação à categoria de atração principal das festas da cidade, em honra da Senhora da Agonia».

Ainda sobre este traje, Botelho (*ibidem*) continua:

«É um traje de cores garridas, com predominância para o vermelho, composto por uma saia de lã com riscas verticais e outros elementos decorativos, um avental também de lã com uma profusa decoração toda feita no tear, uma pequena algibeira, ricamente decorada com bordados, que podem incluir missangas e lantejoulas, um colete com elementos decorativos semelhantes aos anteriores e uma camisa de linho que pode ter os ombros e punhos bordados. Nos pés, chinelas, que podem ser também decoradas com bordados e meias rendadas de fio de algodão branco. Completam os trajes considerados mais luxuosos por não obedecerem à lógica da produção caseira, tendo de ser adquiridos no mercado: um lenço, por vezes completado com outro de peito estampado com motivos florais e cornucópias, de seda ou lã muito fina, de fabrico estrangeiro e o ouro que é usado sempre na forma de brincos e colares que podem ter uma enorme sofisticação».

O traje «à vianesa» é testemunho da evolução dos tempos. Reflexo do seu povo e das alterações das suas formas de vida, as suas características originais foram evoluindo. As metamorfoses nos quotidianos espelharam-se no trajar e na forma como o traje se foi fazendo ao longo do tempo. Resultado dos produtos da terra, o traje explica-se no vínculo que se percebe com esta e com as pessoas. *«O traje teve, com certeza, muitas influências no seu desenvolvimento, mas é no relacionamento socioeconómico com o território que se explica e ganha significado a evolução que sofreu» (idem:33).*

2.2 Caracterização do Museu do Traje

A criação de um Museu dedicado ao património e às questões etnográficas de Viana do Castelo, especialmente ao Traje, *«para divulgar a criatividade das raparigas da região na confeção dos seus trajes foi, desde o início do século XX, uma aspiração dos vianenses e por ele lutaram estudiosos» (idem:11).*

Foi já na década de 1960 que a pertinência da construção de um Museu do Traje, na cidade apelidada de «Capital do Folclore», começou a ser discutida com relativo afincio.

Paço (1979:44) escreve que:

«(...) não surpreendeu, portanto, que em 16 de Janeiro de 1973 a Câmara Municipal de Viana do Castelo deliberasse criar o Museu do Traje, nesta cidade. Volvidos poucos dias, por ocasião da festa anual de S. Francisco de Sales (...) o industrial, sr. João Martins Lima, na presença do então Governador Civil, presidentes da Câmara e da Comissão Municipal de Turismo, fazia verbalmente a oferta de um lote de terreno nos arredores da cidade (em Darque) com a finalidade determinada para este museu. A Câmara Municipal de Viana desenvolve esforços para que o Museu do Traje venha a instalar-se no antigo edifício do Orfanato e Oficinas de S. José, supondo-se que as obras de adaptação venham a começar em 1979».

No entanto, o propósito de erigir o Museu não teve continuidade nos anos subsequentes. A «Capital do Folclore» teve sim, durante muito tempo, apenas uma limitada secção de traje no Museu Municipal da cidade, predominantemente dedicado à cerâmica, embora a Câmara Municipal tivesse nas suas dependências numerosos e valiosos fatos guardados.

A oportunidade verdadeiramente efetiva de fundação deste Museu manifestou-se no ano de 1996, com o encerramento da delegação do Banco de Portugal da cidade. A Câmara Municipal adquiriu o edifício que o albergava e, em 1997, estabeleceu aquele que veio a designar-se por Museu do Traje que reside, até hoje, naquele que foi o grandioso edifício, tipicamente «Estado Novo», situado na Praça da República (centro histórico da cidade), construído em 1958, para acomodar o Banco.

Numa fase inicial, o espaço divulgou um conjunto de exposições temporárias sobre o traje, organizadas pelo etnógrafo Amadeu Costa, sendo que a tutela estava atribuída à Comissão de Festas da Senhora da Agonia. Mais tarde, em 2000, a tutela foi assumida pela Câmara Municipal de Viana do Castelo. Nesta altura, foram definidos a missão e objetivos do Museu, o que permitiu a candidatura da instituição à Rede Portuguesa de Museus (RPM). Ficou claro que o Museu do Traje alcançara as funções que a Lei-Quadro dos Museus Portugueses prevê.

Em 2002, o Museu do Traje deu início ao processo de adesão à RPM, que foi concluído em 2004, e que lhe conferiu grandes responsabilidades no estudo, conservação e divulgação dos bens culturais. No mesmo ano apresentou a primeira exposição permanente, intitulada «A Lã e o Linho no Traje do Alto Minho», comissariada por Benjamim Pereira.

Em 2007, o edifício foi alvo de profundas obras de requalificação que permitiram a *«conquista de espaços para exposição, reservas, serviços educativos, tertúlias e administração que melhorassem consideravelmente as condições para o cumprimento das funções*

museológicas» (Botelho, 2010:14). Reabriu a 21 de Agosto de 2008 com uma nova galeria, sob o nome do etnógrafo Amadeu Costa, com uma nova exposição permanente. Duplicou a área destinada a exposições temporárias, com condições de controlo ambiental e acessibilidades para pessoas com deficiência.

O Museu desenvolveu, também, um conjunto de cinco Núcleos Museológicos temáticos para possibilitar o conhecimento do território em cinco freguesias rurais do concelho: Outeiro (dedicado ao pão), São Lourenço da Montaria (aos moinhos de água), Carreço (aos moinhos de vento e às atividades agro-marítimas) e Castelo de Neiva (à apanha do sargaço). Até 2010 o Museu do Traje foi visitado por cerca de 160 mil pessoas e apresentou cerca de cinquenta exposições temporárias e duas de longa duração.

O Museu do Traje é uma instituição devidamente sectorizada, tendo em conta os propósitos que estão na sua origem e as finalidades que, claramente, se relacionam com Viana do Castelo enquanto «Capital do Folclore». O seu espólio é maioritariamente composto por trajes «à vianesa» (e outras peças de vestuário) e alguns objetos, desde que relacionados com o Alto Minho.

No Catálogo do Museu do Traje, Botelho (2010:13) informa que *«completam o acervo coleções de objetos de valor etnográfico relacionados com a confeção e com situações do uso do traje, nomeadamente na festa (objectos de adorno ou específicos de rituais festivos e religiosos) e no trabalho (alfaías agrícolas, especialmente o ciclo do linho)»*. O Espólio do Museu do Traje é, então, composto por diversos trajes e objetos etnográficos associados ao seu uso no Alto Minho. Está, atualmente, retratado em duas exposições permanentes «Traje à Vianesa» e «Trabalhos do linho», numa exposição temporária e na Sala do Ouro:

a) A *exposição «Traje à Vianesa»*⁸ ilustra o uso dos vários trajes pelas lavradeiras no passado. Neste espaço estão expostos exemplares dos vários trajes «à vianesa», com as devidas elucidações, e são explicados os conceitos de «lavradeira» e «traje à vianesa». Existem vários tipos de traje com características distintas, e que eram usados em ocasiões diferentes. Segue-se, a título de exemplo e curiosidade, uma breve explicação daqueles que podem ser considerados os mais representativos do traje «à vianesa»:

⁸As imagens referentes aos trajes apresentadas nesta alínea foram consultadas no catálogo do Museu do Traje - BOTELHO, J. A. (2010). *Museu do Traje Viana do Castelo Catálogo*. [Catálogo]. Viana do Castelo: Câmara Municipal de Viana do Castelo – CMVC.

O traje de Festa⁹ é o mais rico e vistoso e, por essa razão, o mais conhecido e emblemático dos trajes que as raparigas de Viana usavam. Na sua confeção eram usados os melhores materiais, com os mais finos linhos e lãs, que se decoravam de forma artística, combinando o trabalho do tear com o bordado e a aplicação de missangas e lantejoulas. Era um fato caro que nem todas as raparigas podiam usar nas ocasiões mais especiais, como são as festas em honra do santo padroeiro da aldeia ou da senhora d'Agonia, na cidade.

A sua decoração tem raízes no traje erudito barroco interpretado popularmente com motivos e padrões inspirados na exuberância da natureza minhota. Aliás, o traje é também uma forma de celebrar a fertilidade dos campos, que é a origem da riqueza da casa.

Com este fato as raparigas usavam os melhores e mais coloridos lenços e adornavam-se com o melhor ouro que possuíam, apresentando-se no seu esplendor e mostrando a sua riqueza.

A grande exuberância decorativa dos trajes à vianesa de festa, e o facto de terem o mesmo conjunto de peças (saia tecida com avental e algibeira, camisa de linho com colete, chinelas e meias, lenços na cabeça e no peito) pode levar-nos a pensar que, em Viana do Castelo, existia uma forma de vestir uniformizada para as festas mais importantes.

No entanto, o traje de cada freguesia obedecia a regras que possibilitavam a identificação da origem da rapariga que o envergava. Genericamente, sabemos que o traje de Afife é o mais simples, o de Areosa o mais vermelho, o de Geraz é verde e o de Santa Marta o mais exuberante, mas há todo um conjunto de características decorativas que diferenciam os trajes:

— A cor da barra da saia pode ser vermelha (Areosa) ou preta (Afife e Carreço) ou ter bordados brancos em silva (Santa Marta, Meadela, Perre, Outeiro) ou ainda ter um bordado mais trabalhado com várias cores, missangas e lantejoulas (Areosa);



Fig.1 - Traje de Festa

⁹Informação disponível nas legendas da exposição «Traje «à vianesa». Escrito por BOTELHO, J.

— O avental pode estar decorado apenas com listas verticais pretas e brancas (Afife) ou usar essencialmente motivos geométricos (Areosa) ou ainda ter uma grande exuberância com motivos florais (Carreço, Santa Marta, Meadela, Perre).

Outros pormenores são também identificados, como o tipo e quantidade de bordado na camisa ou a cor e a forma de colocar os lenços.

Quando se juntam as raparigas trajadas de diferentes aldeias, revela-se a enorme diversidade e riqueza plástica que o traje à vianesa pode apresentar.

O termo Lavradeira significa «rapariga que lavra a terra». O facto de, no Alto Minho, este termo definir um grupo social e enfatizar o género feminino, demonstra bem o papel central da agricultura na vida económica e o peso fundamental da participação da mulher neste sector. No âmbito de uma economia rural tradicional quase autossuficiente as roupas eram feitas recorrendo à produção caseira dos tecidos de linho e lã.

O traje de trabalho¹⁰ é o mais simples, feito com tecidos grosseiros e decorações pouco trabalhadas, uma vez que a dureza das tarefas depressa estragaria materiais mais finos ou decorações mais delicadas.

A designação traje de trabalho alberga diferentes tipos de traje, desde os mais duros, como são as idas ao monte cortar o mato que fará as «camas» dos animais, aos mais leves como são as «idas à erva» no fim do dia para a alimentação da criação caseira, ou a apanha do marisco com que a alimentação era enriquecida nas aldeias junto ao mar.

Assim, consideramos traje de trabalho diversos tipos de roupas que se adaptam aos diferentes tipos de trabalhos, protegendo a pele de arranhões do mato ou facilitando a agilidade entre as rochas onde o marisco se agarra.

Apesar da sua simplicidade, reconhecem-se facilmente neste traje as características que permitem que identifiquemos como traje à vianesa.



Fig.2 - Traje de Trabalho

¹⁰ Informação disponível nas legendas da exposição «Traje à vianesa». Escrito por BOTLHO, J.



Fig.3 - Traje de Domingar

O traje de festa tinha um papel cerimonial muito importante, mas no trabalho do dia-a-dia, as raparigas vestiam roupas mais pobres, de tecidos grosseiros e decorações adequadas aos duros trabalhos dos campos.

Para os momentos de descanso, ou para os trabalhos mais leves (onde podia haver momentos de convívio e encontros com o namorado), as raparigas vestiam-se com roupas um pouco mais elaboradas com que podiam exibir os seus dotes de boas donas de casa. Genericamente, chamamos à roupa vestida nestas ocasiões **o traje de Domingar**¹¹. Sendo um traje mais decorado do que o de trabalho e mais liberto das condicionantes do de festa, a criatividade da sua executante tem menos limites podendo, por isso, apresentar padrões estéticos mais diversificados.

O traje de domingo é usado em ocasiões em que as raparigas se querem apresentar mais bonitas. Muitos destes momentos decorriam no quadro de uma economia de autossuficiência familiar que era complementada pela existência de uma tradição de trabalhos coletivos e recíprocos de entre ajuda dentro da comunidade. Estes trabalhos eram atenuados com momentos lúdicos — como a tradição do milho — rei nas desfolhadas onde se permitiam rodadas de beijos e abraços — que se tornaram ocasiões fundamentais de sociabilidade, com cantigas e danças (que os ranchos folclóricos procuraram reproduzir) ou refeições melhoradas, onde as raparigas gostavam de se apresentar mais bem arranjadas para sobressair entre as demais.

O traje de Mordoma¹² é um caso especial dentro do traje regional. As mordomas são as raparigas escolhidas na comunidade para organizar as festas, fazendo peditórios e leilões arranjando os espaços dos actos festivos. Além destes trabalhos, têm também a função de representar a freguesia nos momentos



Fig.4- Traje de Mordoma

¹¹ Informação disponível nas legendas da exposição «Traje «à vianesa». Escrito por BOTELHO, J.

¹² Informação disponível nas legendas da exposição «Traje «à vianesa». Escrito por BOTELHO, J.

mais importantes como são as cerimónias religiosas ou a apresentação da Festa às autoridades civis e religiosas.

Em algumas freguesias, as mordomas usavam o traje especial para esta ocasião. Era um traje de grande cerimónia e, por isso mesmo, foi escolhida a cor preta (ou azul escuro) que assinala o importante estatuto de organizadora da festa.

A mordoma, como representante da freguesia, devia vestir-se apropriadamente para mostrar a sua riqueza e conferir solenidade à situação. Era também com este traje, com pequenas alterações, que a rapariga se casava.

b) No primeiro piso do Museu pode ver-se a **exposição «Trabalhos do linho»**, que retrata o linho e lã enquanto base do vestuário popular rural alto minhoto, até ao início do século XX. Nesta exposição é retratado o processo caseiro e artesanal de colheita, tratamento e tecelagem do linho e da lã através de um conjunto de operações que envolviam os objetos expostos: ripo, maço, engenho, cortiço, espadela, sedeiro, restelo, cardas, roca, fuso, sarilho, dobadoira, urdideira e, finalmente, o tear. Nesta sala podem, também, ser apreciados três trajes diferentes: traje serrano (usado no monte), sargaceiro (para a apanha de sargaço) e a caroça ou croça (para a proteção da chuva). Existem, também, duas vitrinas onde está exposto artesanato contemporâneo inspirado no traje e tradição do Alto-Minho e pode também ser vislumbrado o bordado de Viana.

c) Além destas exposições, o Museu apresenta sempre uma **exposição temporária** sobre diferentes aspetos da cultura popular rural vianense. Aqui, e tendo sempre o Traje como referência, são recriados e estudados os ambientes em que era utilizado ou mostrada a enorme variedade e riqueza de que se reveste, evidenciando assim as formas de vida tradicionais vianenses¹³.

d) Às exposições permanentes e temporária, aquiesce parte da **coleção de peças de ouro**, tipicamente vianesas, exposta na Sala do Ouro. Esta coleção foi doada por Manuel Rodrigues Freitas (proprietário de uma das mais conhecidas ourivesarias portuguesas) na sequência de um violento assalto à sala Museu do Ouro Tradicional Português, que possuía e

¹³ Informação consultada em: http://www.cm-viana-castelo.pt/index.php?option=com_content&task=view&id=341&Itemid=566

que acabaria por encerrar. Em 2011, num raro gesto de generosidade e amor à sua terra, decide doar a coleção que reuniu ao longo dos anos (composta por peças de ourivesaria tradicional, mas também com outras peças, mais eruditas, como são, por exemplo, os relógios), tendo por isso criado a Fundação Eduardo Freitas – que homenageia o seu filho.

O local escolhido para mostrar esta coleção à cidade foi o Museu do Traje, mais concretamente o cofre do antigo Banco de Portugal¹⁴.

Através de exposições temporárias é apresentada, parcialmente, a coleção que está guardada no cofre de um banco da cidade.

e) Serviços Educativos

«Partindo do convívio com qualquer das modalidades expressivas – seja o desenho, a música, a poesia, etc. – a educação estética, quando é correta, abre caminhos ao entendimento estético das outras modalidades» (Gonçalves et al., 2002:13).



Fig.5 - Atividades nos Serviços Educativos

Os Serviços Educativos do Museu do Traje desenvolvem atividades que, através deste entendimento estético, pretendem estimular a criatividade e o desenvolvimento da sensibilidade daqueles que se envolvem nas atividades atestando, desta forma, a vertente pedagógica do trabalho do Museu.

Satisfazendo, também assim, a função museológica de comunicação que a Lei-Quadro dos Museus prevê, o Museu do Traje desenvolve formas de aproximação aos seus diferentes públicos através dos Serviços Educativos, especialmente dirigidas ao público-escolar

¹⁴ Informação disponível na Sala do Ouro. Escrito por BOTELHO, J.

(nomeadamente 1.º Ciclo). As atividades dos Serviços Educativos do Museu do Traje são delineadas com os objetivos essenciais de¹⁵:

- Contextualizar e ajudar a compreender a temática da exposição;
- Facilitar a identificação das características do Traje;
- Estimular a curiosidade;
- Interiorizar e aplicar os conhecimentos adquiridos na visita à exposição a novas situações;
- Desenvolver a criatividade e o sentido estético;
- Promover um olhar crítico.

Os ateliês e as oficinas de trabalho pretendem um contacto com o Traje à Vianesa que, para muitos, é proporcionado desta forma pela primeira vez fora do meio familiar. Além dos ateliês anuais («lavradeirinha», «tear» e «caixa coração»), estão previstos ateliês temáticos mensais, com atividades relativas a cada mês e que promovem a aproximação do público mais jovem ao museu. São exemplos de alguns ateliês anuais¹⁶:

- Abril (Páscoa) – Palmitos: aprender a fazer os tradicionais palmitos de Páscoa com folhas de palmeira;
- Maio – Coroas de flores: reviver a tradição fazendo com flores silvestres as Maias que afastam as tristezas;
- Agosto (Festa Nossa Senhora d'Agonia¹⁷) – Cabeçudos: participar na alegria da Festa fazendo cabeçudinhos de papel;

Embora estejam previstas atividades específicas para cada mês, é possível adequá-las conforme o interesse particular de cada grupo. A oferta das actividades está disponível num panfleto que integra as actividades dos Serviços Educativos do Museu do Traje e do Museu de Artes Decorativas (os dois Museus da cidade).

Os dois Museus oferecem, também, a Oficina Itinerante de Serviços Educativos, com atividades pensadas para serem feitas nas escolas com mais dificuldades de transporte.

A realização das actividades está prevista para grupos de até vinte e cinco elementos e as visitas (que incluam atividade dos Serviços Educativos ou visitas guiadas) deverão ser previamente marcadas via telefone/e-mail.

¹⁵ Informação disponível nos Serviços Educativos

¹⁶ Informação disponível no panfleto sobre os Serviços Educativos do Museu

¹⁷ Festas da cidade, em honra de Nossa Senhora da Agonia, cujo culto remonta ao séc. XVIII. É considerada a Romaria das Romarias, tal a magnanimidade e impacto do evento

CAPÍTULO 3

O ESTUDO

3.1 Objetivos da investigação

Os objetivos de qualquer projeto traduzem um resultado claro e verificável cuja consumação exige uma concentração de ações coerentes e esforços concertados durante um determinado período de tempo.

Segundo Randolph e Posner (1992:29) *«os objetivos são princípios de orientação que norteiam os esforços dos membros da equipa desenvolvidos no sentido de contribuírem para alcançar o alvo do projeto»*. São, por isso, um enunciado pontual que especifica as intenções subentendidas numa ação. Evidenciam propósitos, domínios, um processo a levar a cabo por pessoas, grupos e/ou instituições.

Este estudo foi desenhado com a finalidade de caracterizar a dinâmica do Museu do Traje de Viana do Castelo, enquanto instituição museológica. Através dos instrumentos metodológicos adotados para esse fim, foi nosso intuito tomar conhecimento, compreender e envolver-nos nas atividades e práticas existentes no Museu.

Após a definição deste ponto de partida, o objetivo traçado para este projeto foi o dar resposta a duas questões, formuladas no início desta investigação:

1) Quais são os tipos de públicos que não têm usufruído das atividades do Museu do Traje?

2) Quais são os tipos de atividades a privilegiar considerando as especificidades desses públicos?

Para responder a estas questões, os métodos e técnicas de recolha de dados privilegiados foram a entrevista semiestruturada, realizada às funcionárias do Museu do Traje, aos funcionários do Museu de Artes Decorativas e a elementos da comunidade comerciante local de Lojas Regionais (associada ao conteúdo do Museu), a observação direta e a pesquisa bibliográfica.

Como produto final, pretendeu-se produzir uma proposta de intervenção, pertinente e sustentada, baseada nos resultados da investigação. Esta perspetivou a sugestão de algumas atividades suscetíveis de adotar no Museu. Com a execução desta proposta é pretendido dar resposta a uma outra questão:

3) Que instrumentos /atividades podem ser utilizados neste museu, tendo em conta a sua dinâmica?

Assim, o nosso estudo teve uma finalidade visivelmente investigativa e científica aspirando a conceção de contribuições práticas a implementar no futuro, se pertinente e exequível.

3.2 Metodologias de recolha de dados

Como já mencionado, um dos instrumento de recolha de dados foi a **entrevista**. Segundo Bogdan e Biklen (1994:134)

«(...) em investigação qualitativa, as entrevistas podem ser utilizadas de duas formas. Podem constituir a estratégia dominante para a recolha de dados ou podem ser utilizadas em conjunto com a observação participante, análise de documentos e outras técnicas. Em todas estas situações, a entrevista é utilizada para recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspetos do mundo».

A entrevista semiestruturada foi o instrumento privilegiado para a recolha de dados neste estudo. Neste tipo de entrevista, *«a ordem das questões é flexível, possibilitando o imprevisto na pergunta, decorrente do inesperado da resposta»* (Máximo-Esteves, 2008:96).

Embora apresente algumas desvantagens na sua utilização, a entrevista continua a representar uma técnica muito eficiente na obtenção de dados. Constitui, por isso, um instrumento muito rico e pertinente, embora tenha sido adotado neste estudo em conjunto com a observação e pesquisa bibliográfica.

«Na sua essência, a entrevista é um acto de conversação intencional e orientado, que implica uma relação pessoal, durante a qual os participantes desempenham papéis fixos: o entrevistador pergunta e o entrevistado responde. É utilizada quando se pretende conhecer o ponto de vista do outro» (Máximo-Esteves, 2008:92-93).

Geralmente, e como se verificou neste caso, o investigador tem uma série de questões-guia relativamente abertas, para que possa receber toda a informação por parte do entrevistado. As perguntas podem não ser colocadas na ordem em que as elaborou, pois o que se pretende é que o entrevistado fale abertamente, com as palavras que desejar e na ordem que lhe convier.

«O investigador esforçar-se-á simplesmente por reencaminhar a entrevista para os objetivos, cada vez que o entrevistado deles se afastar, e por colocar as perguntas às quais o entrevistado não chega por si próprio, no momento mais apropriado e de forma tão natural quanto possível» (Quivy e Campenhoudt, 1992:194).

Os objetivos para os quais a entrevista é especialmente adequada, segundo Quivy e Campenhoudt (1992), são a análise do sentido que os atores dão às suas práticas e aos acontecimentos com os quais se vêm confrontados (os seus valores, as suas normas, as interpretações das suas próprias experiências), a análise de um problema específico e a reconstituição de um processo de ação, de experiência ou de acontecimentos passados. Apontam como principais vantagens do método o grau de profundidade dos elementos da análise recolhidos e a sua flexibilidade e fraca diretividade do dispositivo, que permite recolher os testemunhos e interpretações dos interlocutores, respeitando os seus próprios quadros de referência.

Assim, a entrevista que é «*uma das estratégias mais utilizadas na investigação educacional*» (Máximo-Esteves, 2008:92), foi aplicada a vários sujeitos neste estudo, com objetivos específicos.

Com a intenção de recolher informação que permitisse dar resposta a questões semelhantes que, contudo, possibilitassem o alcance de objetivos distintos, efetivaram-se entrevistas em três contextos diferentes: Museu do Traje (instituição de estágio), Museu de Artes Decorativas e aos comerciantes de Lojas Regionais (estabelecimentos diretamente relacionadas com o acervo do Museu do Traje).

A análise das respostas dadas às entrevistas contemplará as seguintes dimensões que emergiram da leitura reiterada:

- Tempo, função (e variabilidade) na instituição
- Públicos e sua afluência
- Oferta educativa do Museu
- Melhorias a implementar

A observação direta é uma das técnicas fundamentais utilizadas no processo de investigação pois «*permite o conhecimento directo dos fenómenos tal como eles acontecem num determinado contexto*» (Máximo-Esteves, 2008:87). Permite a verificação da ocorrência de um determinado fenómeno e é sempre feita através de uma dada perspetiva, encerrando as singularidades desse ponto de vista.

O método de observação direta permite registar os comportamentos no momento, sem a intercessão de um documento ou testemunho. A recolha das informações é feita pelo próprio investigador, com instrumentos de observação construídos a partir de indicadores pertinentes e

que designam os comportamentos a observar. A informação recolhida a partir da observação direta é objetiva, sendo que os sujeitos observados não intervêm em qualquer fase do processo.

Os métodos de observação direta constituem os únicos métodos de investigação social (à exceção da investigação-ação) que captam os comportamentos no momento em que eles se produzem e em si mesmos (Quivy & Campenhoudt, 1992). Descobrem-se novos aspetos de um problema e é feita a colheita de dados em situações onde não é possível evidenciar outras formas de atuação.

O papel que o observador representa é discutível e depende do seu nível de envolvimento. Por um lado é possível que este se limite a observar o cenário que lhe é dado a conhecer, sem participar minimamente na(s) atividade(s) que observa. Por outro, o observador pode adotar a postura oposta envolvendo-se, por completo, com a instituição e indivíduos inerentes ao contexto sendo difícil (ou mesmo impossível) distingui-lo dos membros da equipa institucional.

Segundo Bogdan e Biklen (1994:125) «*é necessário calcular a quantidade correta de participação e o modo como se deve participar, tendo em mente o estudo que se propõe elaborar*». O registo das observações é essencial, sendo possível o recurso a métodos diversos como anotações, imagem e vídeo. No entanto, os observadores devem apenas registar e observar um comportamento de cada vez, e deve ser feito no momento da ação através de um processo de registo simples.

A evolução dos recursos tecnológicos permitiu uma melhoria na recolha de dados no processo de observação. Os investigadores podem recorrer à videogravação, que capta imagem e som que fornece uma maior riqueza de conteúdo e informação embora a utilização deste recurso levante inúmeras questões éticas, exigindo um outro tipo de procedimentos no processo de investigação-ação.

A observação direta pode ser dividida em observação participante e observação não participante. No caso da observação participante, o observador torna-se parte da situação a observar. Esta pode ser geradora de hipóteses para o problema de investigação e o nível de envolvimento pode variar entre assistir a uma situação e agir sobre ela. Embora a observação participante permita estudar causas geradoras de problemas e recolher mais dados sobre elas, (que podem ser potencialmente importantes e úteis) analisar os dados resultantes e tirar conclusões pode não ser fácil. Com o aumento do grau de participação, a objetividade pode

facilmente desaparecer e a presença do observador pode influenciar a situação, perdendo-se espontaneidade e rigor.

Quando o investigador opta por fazer investigação não participante, não se envolve diretamente na situação que observa. Isto quer dizer que não interage nem afeta de modo intencional o objeto de ação; observa «do exterior». A principal vantagem desta forma de observação é o registo dos acontecimentos tal e qual como estão a ocorrer, sem qualquer tipo de interferência da parte do observador embora a dificuldade ao acesso a alguns dados possa, também, dificultar o processo de observação não-participante.

Para que processo de observação seja bem-sucedido é necessário ter em atenção algumas variáveis importantes ao longo deste processo. A parcialidade da pessoa que observa pode resultar em erros de avaliação de situações observadas (efeito Halo). Este enviesamento pode comprometer a validade de toda a investigação. É, por isso, uma metodologia que exige tempo, e que deve ser aplicada em amostras pequenas, sistematicamente. As variáveis (categorias de observação) que se pretendem observar devem ser definidas à partida. O investigador tem, pois, que decidir claramente que comportamentos estão ou não relacionados com o que pretende estudar.

A observação realizada neste estudo concentrou-se na observação direta de visitas guiadas, durante os primeiros meses de permanência no Museu. Esta observação, embora evidente e pronunciada, consistiu-se em observação não participante em que não houve envolvimento ativo na dinâmica dos grupos durante as visitas.

A recolha de informação relativa ao que ocorreu nestas visitas foi feita com base em indicadores pré definidos (v. Apêndice VIII), que se acharam de relevo evidenciar, tendo em conta a temática envolvente deste estudo. Estes indicadores aludiram-se a cinco dimensões latas a ter em conta (posteriormente subdivididas noutros indicadores), a saber:

- Organização/gestão dos visitantes/guia e da sala;
- Interação entre os intervenientes;
- Discurso do guia;
- Relação entre os visitantes;
- Clima durante a visita.

A **pesquisa bibliográfica** foi também uma etapa fundamental na definição de todas as etapas deste estudo. Antes do início da recolha de dados, foi imprescindível fazer uma procura bibliográfica sobre o «objeto» museológico da instituição – o traje de Viana.

Com esta pesquisa foi possível fazer um pequeno histórico sobre o tema, uma atualização sobre o assunto, e encontrar respostas a problemas formulados.

Uma vez que «*a pesquisa bibliográfica remete para as contribuições de diferentes autores sobre o tema, atentando para as fontes secundárias*»¹⁸ a busca bibliográfica sobre questões mais concretas relacionadas sobre o estudo antes da intervenção, permitiu o levantamento de possíveis contradições sobre o tema, e evidenciou a precaução em relação a possíveis trabalhos já realizados neste âmbito. Possibilitou, ao mesmo tempo, o conhecimento de diferentes contribuições científicas sobre os temas, suportando as várias fases da investigação.

Os resultados obtidos da pesquisa bibliográfica (e posterior estudo) contribuíram para o desenvolvimento de todas as fases da investigação em decurso, bem como as exigências inerentes a todo o processo.

Ao longo deste texto foram utilizadas as seguintes **siglas** que passamos a explicar de modo a facilitar a leitura:

Museu do Traje (**MT**)

Museu de Artes Decorativas (**MAD**)

Questões/Intervenções da entrevistadora – por ordem **numérica** (Exemplos: **1E; 3E; 5E...**)

Respostas/Intervenções dos entrevistados – por ordem numérica e número de entrevista (Exemplos: **2E1; 4E1; 6E1...**)

¹⁸ Informação consultada em: http://www.rbhcs.com/index_arquivos/Artigo.Pesquisa%20documental.pdf

CAPÍTULO 4

ANÁLISE DOS DADOS

«Este trabalho indutivo, o vaivém constante entre as hipóteses de partida, a recolha e o tratamento dos dados são particularmente importantes quando se encara a análise qualitativa numa lógica exploratória, como um meio de descoberta e de construção de um esquema teórico de inteligibilidade» (Maroy, 1997:117).

4.1 Entrevistas às funcionárias do Museu do Traje

A realização destas entrevistas teve como objetivo conhecer as perceções que as colaboradoras do museu do Traje têm do seu trabalho e do serviço que é prestado por esta instituição. Ambicionou-se, também, clarificar o que pensam as entrevistadas sobre os tipos de público que recebem, mudanças que poderiam ser implementadas no Museu do Traje e de que forma.

Aquando a realização deste estudo, exerciam funções no Museu do Traje de Viana do Castelo cinco funcionárias. Procedeu-se à realização de quatro entrevistas semiestruturadas, pois uma das funcionárias não realizou connosco a entrevista por falta de disponibilidade, embora tenha contribuído para a nossa investigação de outras formas.

Em anexo encontra-se a transcrição integral de apenas um exemplar das entrevistas efectuadas em cada Museu. Neste capítulo, as citações de excertos das entrevistas, quando colocadas em texto corrido, serão também expressas em itálico de modo a salientar esses contributos.

As primeiras dimensões em análise – ***tempo, função (e variabilidade) na instituição*** permitem-nos perceber que a caracterização institucional dos elementos entrevistados apresenta uma clara constância já que as funções de todas as entrevistadas têm sido estáveis ao longo dos anos de serviço, que abrangem um espaço temporal entre três e nove anos. No entanto, esta estabilidade, como admitem quase todas as entrevistadas, permite uma flexibilidade na execução de outras tarefas: *«a minha experiência aqui tem sido a trabalhar um pouco em todos os postos»*, E2. Se nos determos nas funções, os Serviços Educativos e a Receção são duas tarefas presentes no trabalho das quatro entrevistadas sendo que as visitas guiadas, a conservação preventiva e a inventariação do espólio são referidas apenas por uma

entrevistada, que nos explica do seguinte modo: «*MT-4E4: Como sou Técnica, faço visitas guiadas, faço a parte dos bastidores do Museu, a parte da conservação preventiva, a inventariação de todo o espólio*». O restauro é, também, uma atividade referida por apenas uma outra entrevistada (E2), sendo que nesta função apenas auxilia nos procedimentos.

As dimensões adstritas ao serviço prestado por qualquer instituição, bem como a sua missão e objetivos, são associadas ***aos públicos e sua afluência***. No que respeita ao trabalho realizado pelo Museu, as quatro funcionárias manifestam consciência de que as principais finalidades da instituição são: a divulgação da cultura e tradição e a investigação e divulgação do traje. Esta compreensão reflete-se nas seguintes respostas:

[MT-26E1: Eu acho que o trabalho que é feito pretende mostrar um bocadinho da cultura aqui da nossa região. E depois, com as exposições temporárias, mostrar outras iniciativas que se podem ver aqui no Museu. Mas, também, mostrar um bocadinho a cultura.

MT-27E: Mostrar a cultura e a tradição...

MT-28E1: Sim, mostrar também a tradição à volta dos trajes].

Quando questionadas acerca do tipo de público recebido, todas as funcionárias assumem que o Museu recebe «*todos os tipos de público*», sendo que nenhum público se destaca. Contudo, referem a presença de oscilações no período de Verão, em que o número de estrangeiros aumenta. Eis um excerto da entrevista a propósito:

[MT-17E: Que tipo de públicos é que o Museu recebe?

MT-18E4: Todos. Todos os tipos de público. Público escolar, que é o mais vulgar agora no ano letivo, depois temos os seniores, também com grande procura e, no verão, público estrangeiro.

MT-19E: Portanto, não dirias que o Museu recebe um público que se destaque mais do que outro?

MT-20E4: Não é igual, em geral].

As entrevistadas exemplificam os tipos de público que recebem: portugueses de uma forma geral, estrangeiros, emigrantes, pessoas do município, cidadãos portadores de deficiência, público sénior, crianças, visitas de Escolas, Jardins de Infância e outros grupos. A seguinte citação corrobora a enumeração anterior: «*MT-12E2: Portugueses, estrangeiros, visitas de escolas, emigrantes, deficientes, também. Temos visitas de toda a gente*».

Apesar de todas afirmarem que a distribuição das visitas pelos vários tipos de público é equilibrada, é curioso que duas funcionárias refiram que «*MT-20E3: as pessoas de perto é que não conhecem o Museu*», informação reiterada em conversas informais, o que nos leva a questionar o porquê dessa realidade e a pensar sobre a necessidade de a combater com estratégias de mediação. Sobre esta questão a E5 diz-nos o seguinte:

[MT-36E1: Há uma falta de interesse. Até os professores que cá vêm com as crianças não conhecem o Museu. Também pode ser falta de divulgação

MT-37E: Acha que era preciso divulgar mais o Museu?

MT-38E1: Eu acho que a divulgação pela internet, pelos folhetos são boas ideias mas depois as pessoas acabam por pôr «de lado». Falta dar informação pessoalmente, ir aos sítios, comunicar o que vai acontecer. Quando se fala pessoalmente no Museu o interesse é outro!]

Conclusões interessantes podem, também, ser retiradas acerca de um público particular: os cidadãos portadores de deficiência, especificamente os invisuais. Uma das funcionárias expressa que este público não é muito recebido. Afirma o seguinte: «*MT-16E2: até recebemos bastante gente com outras deficiências, mas não invisuais*».

A primeira funcionária entrevistada indicou a frequência desse público como uma necessidade sentida, quando questionada acerca dos públicos que o Museu não recebe e poderia receber. Referiu que «*MT-E1: se poderia fazer alguma coisa em relação a esse aspeto*». Ainda sobre este assunto, podemos destacar a seguinte declaração: «*MT-34E4: (...) investir em audiovisuais, materiais dinâmicos, portáteis para os próprios invisuais. Há mil e uma formas com que podemos trabalhar, e melhor desenvolver este trabalho (...)*», que se refere a condições passíveis de implementar no Museu para receber este público.

Ainda sobre a questão dos públicos, e partindo do pressuposto que visitam o Museu «todos os tipos de público», é interessante que, quando questionadas acerca da preferência por trabalhar com públicos específicos, sejam predominantemente as crianças que cativam as funcionárias (E1, E3 e E4), como expresso no seguinte excerto:

[MT-9E: (...) Há algum tipo de público com quem prefiras trabalhar?

MT-10E4: Crianças e idosos. Se calhar prefiro as crianças.

MT-11E: Preferes trabalhar com as crianças por alguma razão especial?

MT-12E4: Pelas brincadeiras... Não quer dizer que os adultos não as tenham, mas acho que me divirto mais um bocadinho com as crianças.

MT-13E: Se calhar o público adulto é mais sério...

MT-14E4: Não, é diferente. São coisas diferentes, não quer dizer que eu não goste, mas prefiro as crianças].

A terceira entrevistada afirmou que, além das crianças, também gosta de trabalhar com idosos. Apenas uma afirma que não têm preferência por trabalhar com nenhum público específico (E2).

O gosto por trabalhar com crianças reflete-se na importância que todas as funcionárias atribuem à **oferta educativa do Museu**, outra das dimensões da entrevista. As vantagens que reconhecem aos Serviços Educativos, que estão claramente dirigidos para as crianças, traduzem-se nas seguintes declarações:

[MT-44E1: Acho que o que acontece aqui é muito bom para as crianças, muito bom! Não digo isto só porque acho mas pelo que os professores e as crianças, no fim, nos transmitem e nos comunicam. Toda a gente diz que gosta. Às vezes vou na rua e as pessoas perguntam-me se vamos fazer mais atividades. Os pais das crianças dizem que os meninos chegam a casa e falam muito da atividade que fizeram aqui no Museu. Dão-nos sempre os parabéns.

MT-45E: De certa forma estas atividades ajudam na compreensão do conteúdo do Museu.

MT-46E1: Sim. E ajudam a trazer, muitas vezes, os pais. Muitas vezes acabam por dizer: «eu ainda não fui ao Museu e agora vou passar lá».

MT-47E: Acaba por ser uma forma de mediação com a família.

MT-48E1: Também, sim. Conheço muita gente que já me disse coisas como «ainda não fui lá, [referindo-se ao Museu] nem conheço. O meu filho já foi, gostou muito da atividade, está em casa a continuar a atividade, tive que o ajudar...» e acabam por visitar o Museu. Acabam por trazer outro público que, neste caso, serão os pais, os avós, os padrinhos que, muitas vezes, vêm visitar porque o filho ou o neto esteve aqui].

[MT-23E: Achas que a oferta educativa do Museu é importante?

MT-24E4: Sem dúvida.

MT-25E: Porque é que achas que essa oferta é importante?

MT-26E4: Porque são os mais novos que vão passar a história da nossa região, neste caso através do traje de Viana. É através dele, e com pequenas brincadeiras, que conseguimos incutir nas crianças certos valores, certas tradições. Elas, depois, vão ficando com a ideia daquilo que é. Através do simples pintar de uma bonequinha aprendem porque é que o traje é vermelho, ou azul e não é amarelo e isso já é muito bom.

MT-27E: Já percebi que através da vossa oferta educativa as crianças podem aprender determinadas características da nossa cultura e tradição...

MT-28E4: Exatamente. O Museu está mais focalizado para o traje, nesse sentido. As atividades de todo o Serviço Educativo não devem ser feitas por fazer. É fazer para que as crianças percebam...

MT-29E: As características do conteúdo do Museu, do traje, da tradição e da cultura.

MT-30E4: Exato].

Se as entrevistadas admitem a importância e as vantagens da oferta educativa e reconhecem o trabalho da instituição que, afirmam, tem vindo a atrair todos os tipos de público, quais terão sido as reações quando interrogadas acerca de possíveis **melhorias a implementar?**

Em relação a este item, três funcionárias (E1, E3 e E4) admitem a possibilidade de melhoria. A outra opinião (E2) exprime-se da seguinte forma: «*MT-22E2: Acho que os recursos são suficientes para as atividades que temos*». As funcionárias vão apontando algumas possibilidades de melhoria, maioritariamente nos Serviços Educativos. A funcionária responsável por estes Serviços identifica necessidades materiais, relacionadas com a aquisição de mobiliário referindo, também, a dificuldade em atender a vinte e cinco crianças, se estiver sozinha. Na seguinte afirmação, podem identificar-se estas necessidades:

[MT-55E: Os recursos que existem para essas atividades poderiam ser melhorados?

MT-56E1: Eu espero bem que sim, que sejam melhorados... Já estivemos pior, muito pior. Neste momento, pelo menos, já temos uma sala, já temos algumas coisas. Já estivemos bem pior[...]. Agora são necessárias outras coisas.

MT-57E: Que coisas é que acha que estão a precisar?

MT-58E1: Mobiliário, principalmente. Mas não é fácil em termos de recursos financeiros.

MT-59E: Se receber, sozinha, um grupo nos Serviços Educativos sente necessidade de ajuda?

MT-60E1: Sim. Os grupos podem ser de vinte e cinco pessoas e não é fácil estar responsável por vinte e cinco crianças (...) Eles trazem professores mas, muitas vezes, acabam por ficar entregues só a nós. Os professores até acabam por querer fazer as atividades, como os meninos. Às vezes tenho ajuda, mas se não tiver fica difícil.

MT-61E: Acha que o Museu poderia ter ofertas diferentes para atrair novos públicos?

MT-62E1: Sim, as coisas podem sempre ser melhoradas... Estou penso sempre que podemos aprender todos os dias, melhorar todos os dias].

Outra melhoria identificada relativamente aos Serviços Educativos refere-se à própria localização do espaço. Segundo esta opinião:

«MT-26E3: (...) A sala dos Serviços Educativos devia estar no rés-do-chão e não no primeiro piso. Acho que isso era uma melhoria porque as crianças às vezes fazem barulho e ao lado há uma exposição onde os visitantes gostam de estar sossegados (...)».

De referir que a autora desta sugestão tem como função principal estar no serviço de receção do Museu. É curioso que se tenham tecido estas considerações sobre a área educativa do Museu que é o espaço dedicado ao público com quem a maioria das funcionárias prefere trabalhar.

A responsável pelos Serviços Educativos identifica necessidades diferentes das da funcionária cuja atividade principal é a receção, o que quer dizer que a função das entrevistadas talvez exerça influência na perspetiva que têm das melhorias necessárias, neste caso identificadas nos Serviços Educativos.

Ainda no seguimento desta ideia reparamos que a E4 identifica melhorias que vão além dos Serviços Educativos. Esta afirma que seria favorável *«MT-34E4: (...) investir em audiovisuais, materiais dinâmicos, portáteis para os próprios invisuais, visuais para os surdos (...)».*

Esta entrevistada não identificou melhorias nos Serviços Educativos (apesar de ter referido as crianças como público com quem prefere trabalhar), pois admite que não passa lá muito do seu tempo.

É impossível não assinalar, e fazer um breve comentário, sobre as referências que três das quatro entrevistadas vão fazendo ao longo das entrevistas ao público com necessidades especiais, sobretudo os invisuais. Se na primeira entrevista nos foi dito que *«este público não era muito recebido no Museu e que era provável que se pudesse fazer alguma coisa em relação a isso»*, na segunda essa mesma informação confirmou-se. Na última entrevista, o assunto tornou-se ainda mais desenvolvido. Este não foi identificado como um dos público que visita o Museu com frequência e, no entanto, foram as condições e estratégias para recebe-lo que foram identificadas como melhorias a implementar. Ainda em relação a possíveis melhorias a

implementar, apenas uma entrevistada afirma que o seguinte: «(...) Não vejo que seja preciso criar mais ofertas», 24E2.

A primeira entrevistada admite que já idealizou propostas de atividades diferentes para o Museu, vendo como muito pertinente torná-lo mais dinâmico: «MT-64E1: Eu sempre achei (...) que se podia criar aqui um bar, até. Não sei, um espaço aberto ao público. Pode ser “tolice” minha, mas acho que trazia outro ânimo ao espaço». Esta ideia, assumida pela própria como desajustada ao contexto, revela, no entanto, uma preocupação com a atividade e dinamização da instituição. Esta sugestão, mesmo que desvalorizada pela sua autora, merece um comentário, pois hoje muitos museus têm um serviço de bar /café aberto ao público, decisão que faz parte das estratégias de «chamar novos públicos». Enquanto responsável pelos Serviços Educativos, que também está na recepção quando necessário sugere, também, a criação de um espaço para as crianças que não visitam o Museu com as Escolas. A entrevistada afirma:

« MT-68E1: Eu, na recepção, vejo o que as crianças querem e, muitas vezes, eles espreitam aqui a sala [referindo-se à sala dos Serviços Educativos] e também querem fazer as atividades. Acho que era importante criar um espaço onde essas crianças, que não vêm com as Escolas, pudessem fazer estas coisas, também. Era uma forma de atraí-las».

Mais uma vez, as crianças são o público privilegiado nas ofertas que as entrevistadas concebem para a atração dos públicos. Todas as entrevistadas que apresentam possibilidades de novas ofertas (E1, E3 e E4) mencionam o público júnior. Além da sugestão da E1, a E3 pensa que seria pertinente ajustar ou adicionar atividades à oferta existente. Esta afirma o seguinte: «MT-28E3: Acho que se podiam fazer coisas diferentes, sim. Nos serviços educativos podiam-se fazer atividades com teatro, coisas mais “mexidas”, por exemplo». A E4, à semelhança da E1 menciona a possibilidade de criar um espaço dedicado às crianças, mas especifica a pertinência deste funcionar a tempo inteiro, tal como ilustra a seguinte afirmação: «MT-40E4: Claro que era ótimo que houvesse um espaço dedicado às crianças a tempo inteiro, tipo um ATL, onde se pudesse interagir com elas. Era ótimo! Quer para o Museu, quer para as próprias pessoas».

Como tem vindo a ser referido, a segunda funcionária a ser entrevistada afirmou que não são necessárias melhorias na instituição, que as atividades existentes atraem muita gente, não tendo identificado novas ofertas para atrair o público nem admitido ter alguma vez idealizado sugestões. Sobre este assunto, a E2 afirma: «MT-26E2: Às vezes lembro-me de algumas coisas, mas prefiro não falar muito das minhas ideias...». As restantes três entrevistadas foram capazes de identificar melhorias a adotar bem como ofertas para atrair novos públicos, dando exemplos

dessas ofertas. Contudo, a concepção destas ideias verificam-se apenas no contexto da entrevista, pois a única entrevistada que admitiu alguma vez ter idealizado sugestões na instituição foi a primeira entrevistada que, dando o exemplo do bar no museu, refere a importância de abrir um novo espaço ao público. Sabendo, à partida, que esta sugestão nunca foi implementada, quando questionada sobre o assunto, a E1 responde: *«MT-66E1: tínhamos que pensar melhor em criar o espaço e ver se seria possível. Porque trazia outro público. Não sei, podiam-se criar coisas diferentes para isto não estar sempre parado»*.

Nenhuma outra entrevistada reconhece ter apresentado sugestões, o que não quer dizer que não as tenham visionado. Aliás, como podemos depreender através das sugestões de melhorias que vão dando e das considerações acerca de ofertas para atrair os públicos, a carência de ideias não parece ser uma realidade nas entrevistadas. Isto leva-nos a pensar porque é que, uma vez confrontadas com esta questão, as funcionárias têm reações como esta: *«MT-30E3: às vezes lembro-me de algumas coisas, como esta ideia do “teatro”. Mas acho que nunca sugeri que mudasse alguma coisa...»*.

A quarta entrevistada, apesar de fazer as suas sugestões de melhoria e de atração de novos públicos, não deixa claro se alguma vez o fez dentro da instituição:

[MT-37E: Alguma vez idealizaste ou apresentaste ofertas ou sugestões de atividades que não existem no Museu do Traje? Quais?

MT-38E4: Nos Serviços Educativos?

MT-39E: Por exemplo...

MT-40E4: Relativamente à parte dos Serviços Educativos não tanto, porque também não estou todo o tempo lá, mas claro que dou o meu apoio e colaboro. Claro que era ótimo que houvesse um espaço dedicado às crianças a tempo inteiro, tipo um ATL, onde se pudesse interagir com elas].

Apesar de não ser óbvio que a entrevistada dá, ou alguma vez deu, sugestões no Museu, é manifesto que a sua postura sobre o assunto é de maior descontracção. Se relacionarmos a dimensão «tempo na instituição» com as «melhorias a implementar» e as «ofertas para atrair novos públicos» é curioso que sejam as duas entrevistadas que trabalham há menos tempo na instituição que nunca tenham feito sugestões e, no caso de uma delas, não considere necessárias melhorias. As duas entrevistadas que trabalham há mais tempo no Museu (oito e nove anos) apresentam um maior à-vontade com o assunto sendo que uma delas apresenta, inclusive, idealização e apresentação de sugestões dentro da instituição.

Assim, a entrevistada que trabalha no Museu desde 2001 foi, também, a única que acrescentou informação às questões que lhes são colocadas. Esta achou importante falar sobre as Reservas do Museu dizendo o seguinte:

«MT-42E4: Relativamente a dinamizar as reservas, posso-te dizer que vamos tentar por as reservas visitáveis. Também é um fator que está em arranque porque as pessoas entram no Museu e queixam-se que tem pouca coisa para ver. E nós temos que dizer que o Museu não pode expor tudo, só pode expor uma coleção de cada vez».

Referiu, ainda, o trabalho de bastidores do Museu, de estudo e investigação, que os visitantes muitas vezes não identificam ou não reconhecem. Sobre isto diz-nos o seguinte:

[MT-44E4: (...) não conhecem o trabalho de bastidores. Pensam que o Museu é uma porta aberta e por onde se entra e vê o que se que tem, e o Museu não é isso. O Museu, além de expor, estuda e ao mesmo tempo divulga.

MT-45E: Também há um trabalho de investigação.

MT-46E4: Exatamente. É um trabalho muito minucioso. Não parece aquilo que é «ao fim e ao cabo». Mas todos os serviços têm estes senãos...].

Além de terem permitido uma aproximação ao contexto institucional, as entrevistas realizadas no Museu do Traje possibilitaram a recolha de abundantes ilações, quer acerca das dinâmicas adotadas no Museu, quer acerca dos pensamentos, reflexões e sugestões das funcionárias. Ficamos a conhecer quais as funções do Museu do Traje, segundo a visão das entrevistadas, e como são evidenciadas através do seu trabalho, os públicos que recebem (e que poderiam receber), a importância que dão à oferta educativa e que melhorias poderiam ser implementadas, informações essenciais para o desenho de estratégias de mediação.

4.2 Entrevistas aos funcionários do Museu de Artes Decorativas

O Museu do Traje e o Museu de Artes Decorativas representam dois espaços culturais de Viana do Castelo. Tendo mudado três vezes de designação, o Museu de Artes Decorativas é o espaço museológico mais antigo da cidade.

A decisão de realizar entrevistas aos funcionários do Museu de Artes Decorativas (que, aquando a realização das entrevistas se denominava Museu de Artes e Arqueologia) teve como principal objetivo estudar as dinâmicas/práticas existentes nesse espaço relativamente às atividades do Museu, e entender que consciência estes têm das mudanças passíveis de implementar, nomeadamente no que respeita a políticas de mediação. Numa análise mais profunda, podemos dizer que estas entrevistas também tiveram como finalidade fazer um estudo comparativo entre o MT e o MAD (que se situam na mesma cidade e são tutelados pela mesma entidade), no que confere à perspetiva do trabalho que é realizado, ao público que é recebido e às práticas de mediação que são desenvolvidas ou que se sentem necessárias.

No MAD foram entrevistados todos os funcionários. Aquando a realização das entrevistas exerciam funções sete pessoas no total. O guião de entrevista para as funcionárias do

MT e para os funcionários do MAD foi o mesmo, uma vez que aquilo que se pretendia auscultar, de ambos os lados era similar.

Ao analisar as primeiras dimensões das entrevistas, fica evidente a longevidade do MAD face ao MT. A história mais longa que este Museu tem reflete-se nos anos que os funcionários apresentam de **permanência na instituição** que se situa entre dois a dezoito anos. No que concerne às **funções**, todos eles são muito claros. Apresentam uma função específica designando, na maior parte dos casos, a sua profissão (o que não acontece no MT). Há uma clara caracterização profissional académica, que se repercute nas funções que apresentam, o que não invalida que haja uma flexibilidade nas mesmas, tal como acontece no MT. Isto é-nos dado a entender em afirmações como esta: «MAD-6E5: *Nós fazemos um bocadinho de tudo. Todos os meus colegas fazem um bocadinho de tudo*». No entanto, esta flexibilidade não está tão clara como nas entrevistas das funcionárias do MT.

Ainda no que se refere às funções dos entrevistados, afirma-se que foram sempre as mesmas, exceto o(a) E8 que nos diz o seguinte:

[MAD-6E8: Não foram sempre. Quando vim para aqui estava à porta. Apesar de sempre fazer a estatística do Museu.

MAD-7E: Estava na receção?

MAD-8E8: Sim, sim. Quando vim para aqui deram-me logo a estatística para eu fazer, mas estava na receção. Estive muitos anos na receção].

No que concerne à questão relacionada com o **público recebido**, as respostas obtidas na entrevista 5 e 9 clarificam que o Museu recebe todo o tipo de público, informação que está de acordo com aquela recolhida nas entrevistas do MT. O(a) E6 não tem dúvidas que o acervo do Museu é de interesse para qualquer público, mas que é o público escolar que mais dele usufrui. Afirma:

[MAD-12E6: Eu acho que este Museu tem um espólio que permite qualquer tipo de público e que será interessante para qualquer tipo de público. Primeiro, porque a coleção incide num período do séc. XVIII, séc. XIX, logo, retrata um período da nossa história. O público escolar tira partido disso porque será um complemento, sempre, ao ensino. Nunca substitui o ensino mas é sempre um complemento].

Além de reconhecer que este é o público que mais usufrui da oferta Do Museu, também assegura a importância destas visitas, admitindo o espaço museológico como propício à educação não-formal:

[MAD-14E6: E depois tem, digamos que, aquilo que seria o estúdio da aprendizagem teórica que eles têm nas aulas. Quando falam em D. João V ou em D. José, eles vêem aqui as peças que são desse período. Portanto, conseguem materializar isso e, se calhar, conseguem também ter outro aproveitamento com essa visita. Isto, no público escolar].

Os outros entrevistados referem as visitas de outros públicos, além das visitas de Escolas. Portugueses, estrangeiros (especificamente espanhóis, inclusive), idosos e emigrantes foram as referências feitas, como podemos confirmar na seguinte declaração, a título de exemplo: «MAD-12E11: *No Verão recebemos mais estrangeiros. Depois, recebemos muitos miúdos no tempo da Escola e idosos, que vêm de vários sítios*».

Apesar de não terem manifestado dificuldade em mencionar os públicos que o Museu recebe, de uma forma geral, o mesmo parece não ter acontecido quando lhes foi questionado que público o visita com mais frequência. Embora se consiga identificar uma ligeira propensão para o «público escolar», é de assinalar a disparidade de respostas neste item. O público escolar é referido, a título singular, por dois entrevistados (E6 e E7), o que pode ser ilustrado na seguinte afirmação:

«MAD-12E7: Essencialmente público escolar. Este Museu trabalha muito com as Escolas, principalmente, porque estamos inseridos na cidade onde há um número maior de alunos. Trabalhamos mais com esse, o público principal são estudantes».

Um(a) outro(a) entrevistado(a) (E9) refere o público escolar a par do público estrangeiro. Sobre as visitas das Escolas esclarece um aspeto importante:

[MAD-18E9: As Escolas visitam mais os Museus porque nós também tentamos dar a conhecer às Escolas o trabalho que há e, normalmente, as pessoas tentam fazer a ponte, a ligação com o estudo. É estar a falar aos miúdos de algo que eles estão a estudar, já nos tem acontecido isso. Por exemplo, a coleção que temos aqui, o próprio edifício marca uma época, temos acervo que marca determinadas épocas e os professores, principalmente aqui do concelho, sabem que nós aqui temos essa exposição e fazem, muitas vezes, a ponte, com as matérias que estão a dar. No fundo dão cá uma aula. E isso é mais fácil, quando alguém nos está a explicar e nós estamos a ver in loco...].

Com esta afirmação percebemos que existe, por parte do Museu, um trabalho de divulgação. Entendemos, também, que o espaço museológico é reconhecido como uma extensão do contexto formal, funcionando como campo de educação não formal, informação que reforça e corrobora a declaração do(a) E6.

Os espanhóis (especificamente) e os emigrantes são o público referido pelo(a) entrevistado(a) (E11), que está na receção. Declara o seguinte: «MAD-14E11: *Os espanhóis vêm cá muito. Frequentam muito isto. E os emigrantes também. É engraçado porque os espanhóis procuram logo os azulejos*». Curiosamente, o(a) outro(a) entrevistado(a) - (E10) - que também está na receção reitera parte desta afirmação, dizendo que quem mais visita o Museu são os espanhóis, mas realça as visitas dos idosos: «MAD-20E10: *São idosos. E recebemos mesmo muitos espanhóis que, normalmente vêm por causa dos azulejos*».

Resposta não coincidente com estas foi mencionada pelo(a) E5. Segundo este(a), o público que mais visita o Museu de Artes Decorativas não é o público escolar, nem tão pouco o estrangeiro ou os idosos, mas sim pessoas com interesse específico no conteúdo do Museu: «MAD-20E5: *Habitualmente as pessoas que gostam da Arte Antiga, sem dúvida. A grande parte das pessoas vêm ao Museu porque já ouviram falar do nosso Museu e das nossas peças*». Existe outro(a) entrevistado(a) - E8 - que nos diz algo semelhante:

[MAD-22E8: Nós recebemos tanta gente... Não sei, mas talvez mais aquele público já com uma certa cultura é que nos procura.

MAD-23E: Portanto, é um público com um interesse específico no conteúdo do Museu?

MAD-24E8: Sim, sim.

MAD-25E: Eles já sabem o que vão encontrar...

MAD-26E8: Em princípio já sabem o que vão encontrar, sim, mesmo as Escola. Portanto, nós mandamos o currículo e quando mandamos a cartinha explicamos sempre que géneros de exposição vão encontrar].

Embora o conteúdo de ambas as afirmações se possa relacionar, pois versam sobre público com interesse específico no conteúdo do Museu, as declarações distinguem-se, pois a participação das Escolas (enquanto público no Museu) é referida apenas numa delas.

Não obstante a disparidade de respostas obtidas no item relacionado com o público que mais visita o Museu, o público escolar foi identificado várias vezes e referido ao longo das entrevistas. Isto leva-nos a pensar na oferta educativa deste Museu e na importância que lhe será atribuída pelos funcionários. Relativamente a este aspeto, as opiniões foram unânimes. Todos reconhecem a oferta educativa como muito importante, interessante e essencial apontando-a como pertinente:

[MAD-21E: E em relação à oferta educativa do Museu, acha que é importante?

MAD-22E5: Apostar nas crianças? Sem dúvida!

MAD-23E: Porque é que me diz isso?

MAD-24E5: Para sensibilizar logo de pequenino. Para criar o “bichinho” e, também, com o objetivo de transmitir aos pais, para novos visitantes. Para eles começarem a crescer e a apreciar os Museus. Não verem os Museus como uma “casa” que tem peças antigas].

[MAD-18E7: É a oferta educativa que nos vai promover para o futuro, principalmente, quando nós trabalhamos com um público-alvo como os estudantes, principalmente ciclo e secundário. É isso que nos vai transmitir para o futuro uma imagem diferente e é isso que nós pretendemos, cativar esse público para não ficarem com uma ideia errada do que são os Museus. Eu lembro-me que quando ia visitar os Museus tinha a noção que era: “Museu barra seca”. E, então, nós tentamos, de certa maneira, dar a volta para eles terem outra noção e terem mais prazer para cá voltarem. E isso acontece porque eles vêm-nos muitas vezes visitar quando já são homens, digamos. Quando já têm a sua profissão e continuam a vir ao Museu].

A importância da oferta educativa, reconhecida por todos (tal como no MT), por várias razões, bem como o reconhecimento do Museu enquanto contexto de educação não-formal,

também se reflectiu nas respostas dadas quando lhes questionado com que público preferem trabalhar. Embora três entrevistados afirmem não ter preferência por trabalhar com nenhum público em específico, dois entrevistados disseram preferir trabalhar com crianças (E5 e E8) e um(a) com público escolar, sendo que a idade não foi especificada (E6). Um(a) outro(a) entrevistado(a) - E10 - afirmou que gosta especialmente de receber grupos, pois evidenciam mais facilmente o que sentem ao ver o espólio do Museu:

«MAD-12E10: Sim, pessoas que venham em grupo. Porque sente-se aquele ambiente, eles gostam. As pessoas mais adultas gostam muito destas mobílias e as crianças também ficam com aquela... É bonito receber essa emoção! Perceber que temos coisas bonitas».

Os entrevistados que referem preferir trabalhar com crianças têm alguma dificuldade em justificar a sua preferência. No entanto um(a) - E6 - foi mais objetivo(a) na sua alusão referindo:

[MAD-10E6: Porque é divertido. É divertido e temos a percepção que... E vamos vendo a evolução deles, também. Porque eles vêm para aqui como crianças e ao fim de alguns anos são adultos. E, alguns deles, vêm-nos visitar. E é sempre gratificante, depois, receber algumas pessoas que há alguns anos passaram por cá e que agora estão na Universidade e que estão noutros empregos. É sempre gratificante, isso (...)].

O trabalho realizado no Museu (e os seus objetivos) merece ser analisado à luz da relação resultante entre os públicos que os entrevistados reconhecem receber e a importância da oferta educativa que todos, sem exceção, admitem representar. Sobre o trabalho que é realizado no Museu, os entrevistados parecem reconhecer várias funções no seu trabalho. A educação, a valorização do património, conservação, investigação, restauro, divulgação e atendimento ao público são alguns dos objetivos referidos ao longo das entrevistas, como podemos observar na seguinte afirmação:

[MAD-10E7: A missão do Museu, principalmente, é ser gerador de informação do espólio que temos aqui. Temos regional, temos nacional e internacional, também. Temos Património e peças de todo o mundo. Normalmente, é informar, divulgar e transmitir informação dessa coleção para qualquer tipo de público. Claro que consoante a idade e o público-alvo o discurso expositivo vai mudar...].

Neste item, encontramos uma disparidade evidente face às respostas obtidas nas entrevistas do MT, em que os objetivos do trabalho referidos pelas entrevistadas foram essencialmente: a divulgação do traje e da cultura da região, o que se justifica, naturalmente pelo cariz de cada Museu, que é desigual.

Os funcionários do Museu de Artes Decorativas também foram questionados sobre **as melhorias** que poderiam ser implementadas na instituição em que trabalham. Não tendo sido

completamente unânimes, é possível encontrar traços semelhantes nas respostas. Três entrevistados não hesitam em apontar a necessidade de melhorias no imóvel. Esta necessidade é perceptível através da seguinte afirmação do(a) E8:

[MAD-78E8: É assim... Melhorias acho que poderiam ser implementadas muitas. O problema é a verba. Porque o Museu está a precisar de obras, mas obras a fundo. Não é, assim, uns pequeninos arranjos como fazem. É virmos todos para a parte nova e fazerem obras a fundo na ala antiga e vice-versa. Porque mesmo esta ala nova está muito degradada, chove cá dentro e tudo mais].

O(a) E11 especifica a aquisição de um elevador, por exemplo.

Três entrevistados afirmaram que há ainda uma melhoria a realizar na tarefa de divulgação do Museu. O(a) E9 falou-nos da iniciativa de mediação que adotaram no Dia Internacional dos Museus com a comunidade comerciante local. Esta justifica a iniciativa da seguinte forma:

«MAD-32E9: Sentíamos que eles não vinham, começámos a ficar, entre aspas, preocupados (...) Era uma melhoria que era preciso rapidamente fazê-la, porque eles agora são nossos amigos neste sentido de se alguém vai lá para saber onde é que pode ir, automaticamente eles dizem: "olhe, tem aqui o Museu! Que tem louças antigas, que tem mobiliário...". Portanto estávamos a pensar, para o próximo ano, continuar com esta iniciativa e alargar (...)».

Sendo que este nosso estudo versa sobre a mediação, a aproximação aos públicos e estratégias para a tornar possível, convém frisar este comentário. Este(a) funcionário(a) deu-nos conta de algumas iniciativas de divulgação/mediação que evidenciam a consciência da necessidade dessas práticas. Sente-se, como em outras entrevistas, que no Museu de Artes Decorativas os funcionários têm vindo a levar a cabo dinâmicas de aproximação com potenciais públicos; dinâmicas que se sentem necessárias. A divulgação do Museu é, de resto, um fator a melhorar e que foi identificado pelos entrevistados.

Se tivermos apenas em conta a informação recolhida nas entrevistas, seria possível afirmar que a questão da mediação não assume um papel tão preponderante no MT, uma vez que as funcionárias não a mencionaram de uma forma tão clara e sistemática. No entanto, a informação recolhida nas entrevistas não é suficiente para permitir fazer esta declaração. Embora não tenham sido referidas práticas de mediação de uma forma clara, isso não significa que estas não tenham sido efetivamente realizadas ou que não se sinta essa necessidade.

Em relação a outros fatores de melhoria que os entrevistados do MAD encontram, registam-se a aposta na diversidade e regularidade das exposições temporárias e a mudança da localização geográfica do Museu. Em relação às exposições temporárias é-nos dito o seguinte:

[MAD-20E6: (...) de facto, a qualidade das exposições temporárias será, definitivamente, a aposta para a captação de novos públicos, não tenha qualquer dúvida. A divulgação tem que ser uma aposta agressiva, também, que tenha um objetivo. Pelo menos definir públicos, também, nessas exposições. E, depois, isso arrasta as pessoas para o contacto com a exposição permanente. Naturalmente, a divulgação vai trazer frutos].

Isto revela uma sensibilidade em relação ao conteúdo das exposições e ao seu efeito nos públicos, bem como a necessidade de as tornar atraentes e mais regulares. Mais do que isso, é referida a importância da captação de novos públicos o que, mais uma vez, nos remete para a consciencialização das questões da divulgação e estratégias inerentes.

A referência à localização do Museu referida pelo(a) E9 é também um facto interessante. Este(a) entrevistado(a) faz, inclusive, uma comparação com a localização do MT:

«MAD-28E9: A nossa situação geográfica, em relação ao Museu do Traje, é problemática porque o Museu do Traje está num sítio central. Só por aí é já um benefício grande em relação a nós que estamos aqui num Largo que tem pouca atividade cultural, pouca atividade de que foro for».

Esta parece ser uma das justificações possíveis para a referência constante, por parte destes entrevistados, à necessidade de divulgação deste Museu, comparativamente às entrevistadas do MT. Sendo assim, seria de esperar que todos os entrevistados respondessem afirmativamente à possibilidade de **existência de ofertas para atrair novos públicos**, e que conseguiram exemplificar. As ofertas que dão como exemplo têm, mais uma vez, a ver com a divulgação do Museu (E6, E8 e E9) bem com a aposta em exposições temporárias (E5 e E6). À semelhança de sugestões que surgem nas entrevistas do Museu do Traje, também se apontam iniciativas com públicos específicos (invisuais), ou divulgação junto dos comerciantes vizinhos. Surgem duas sugestões curiosas: ter novos artigos para venda e proporcionar o contacto entre os artistas e o público.

A questão do público invisual não deixa de ser motivo de reparo, especialmente porque também foi amplamente referida nas entrevistas realizadas no MT. Com a informação recolhida concluímos que nenhum dos dois Museus tem condições integrais para receber este público. Tanto no MT como no Museu de Artes Decorativas foi-nos dito que seria de salutar o desenvolvimento de condições para o receber, sendo que neste último se têm vindo a desenvolver algumas ações nesse sentido. O(a) E9 descreveu-nos as iniciativas:

[MAD-39E: Sentiam essa necessidade? De trabalhar com invisuais?

MAD-40E9: Sentíamos. Porque é que vêm só pessoas ditas “normais”, e eu vou já explicar porque é que eu estou a dizer “ditas normais”, visitar o Museu? A cultura tem que ser acessível a toda a gente. Não pode haver entraves, de maneira nenhuma. Era como eu dizia há bocado, se aparece aqui alguém sem dinheiro para visitar o Museu não é por causa disso que não o visita. Não interessa, entra na mesma. Nós queríamos trabalhar com cegos, com amblíopes mas não sabíamos como, não sabíamos que

cuidados ter e então fomos à procura. Falámos com a Íris, eles ficaram logo entusiasmados, claro. (...) Então marcámos uma formação de uma manhã, com a Dra. [nome] em que ela trouxe uma série de materiais, uma série de atividades que fizemos e estendemos isso ao Museu do Traje. Convidamos os colegas do Museu do Traje e fizemos a atividade (...)].

As diligências que o Museu de Artes Decorativas tem tomado no sentido de promover ações que ilustrem a necessidade de criar condições para receber invisuais, tornam claro que existe na instituição a consciência de que é essencial desenvolver estratégias de mediação com novos públicos. Ilustram, também, que os funcionários têm feito um esforço no sentido de as implementar, envolvendo os seus parceiros, neste caso o Museu do Traje, que identificam a mesma necessidade, como nos foi dito.

Relativamente às duas últimas dimensões da entrevista, que se referem à **idealização de sugestões** na instituição por parte dos entrevistados, e às **razões para a sua (não) implementação**, é de destacar o silêncio que se registou. Nas quatro entrevistas em que foi posta esta questão, todas as respostas permitiram perceber que os funcionários não fazem sugestões na instituição. De reparar que os entrevistados 7 e 8 dão a mesma justificação e nos explicam que não lhes cabe fazer idealizações no local de trabalho:

«MAD-28E7: Dir-lhe-ia que, pronto, eu posso opinar. Sugerir não, porque isso não me compete a mim».

«MAD-94E8: (...) porque, em princípio, não são aceites. E, depois, os Diretores são os Diretores e nós somos nós».

Se pensarmos que estes entrevistados colaboram na instituição há mais de uma década (à exceção do(a) E11, que trabalha na instituição há quatro anos), é interessante pensar neste silêncio, que não existe no MT, apesar de ambos os Museus estarem sob a mesma tutela e direção.

Não obstante estes comentários, um(a) dos(as) entrevistados(as) - E11 - fez questão de referir o seu gosto em trabalhar no Museu de Artes Decorativas, no final da entrevista, sendo que mais nenhum outro se quis manifestar quando lhes foi perguntado se tinham mais informações que gostariam de acrescentar.

Estas entrevistas permitiram contemplar a diversidade de perspetivas dentro da mesma instituição, à semelhança do MT. É interessante verificar a multiplicidade de respostas, como por exemplo, em relação aos públicos recebidos no Museu. Por outro lado, permitiu perceber que há aspetos em que os funcionários estão totalmente em uníssono, como o facto de que não devem fazer sugestões ou a importância que dão aos Serviços Educativos. A recolha e análise destes dados podem, também, ser o ponto de partida para uma reflexão mais profunda

sobre os aspetos da mediação /divulgação, já que é uma questão abordada e valorizada ao longo das entrevistas.

4.3 Entrevistas aos comerciantes de Lojas Regionais

O principal objetivo das entrevistas realizadas aos comerciantes de Lojas Regionais foi perceber o impacto das dinâmicas e atividades do Museu do Traje junto da comunidade comercial, cuja área de comércio se relaciona com o espólio da instituição.

Através destas entrevistas procurámos perceber a necessidade de mediação com o exterior sendo que fomos, também, em busca de opiniões acerca das iniciativas do Museu e de recolha de sugestões.

Apesar de termos visitado mais estabelecimentos comerciais, apenas seis dos comerciantes com quem falámos se dispuseram a colaborar connosco. A explicação da finalidade e dos objetivos do trabalho, bem como do contexto em que o mesmo se insere, parece não ter sido suficientemente apelativa para alguns comerciantes, que preferiram não contribuir para o estudo mencionando indisponibilidade ou incapacidade para responder às nossas questões.

Nas primeiras entrevistas que realizámos, não nos foi permitido gravar as declarações. Por isso, embora tenhamos conseguido gravar, posteriormente, dois dos depoimentos, optámos por não apresentar a transcrição de nenhuma entrevista aos comerciantes neste relatório. As respostas que registámos em papel encontram-se organizadas numa grelha de análise (v. Apêndice VII), com onze dimensões referentes às questões do guião de entrevista.

As primeiras questões que colocámos a todos os entrevistados relacionam-se, naturalmente, com o ***conhecimento da existência do Museu do Traje e respetivo espólio***. Tendo em conta as características específicas da comunidade comerciante que decidimos entrevistar, o desconhecimento do Museu do Traje ou do seu conteúdo seria, à partida algo que pudéssemos estranhar. No entanto, embora os seis entrevistados tivessem admitido saber da existência do Museu bem como da sua localização, apenas o entrevistado 4 e 5 não reacearam afirmar que têm conhecimento do que lá está exposto. Os restantes quatro entrevistados disseram ter *“pouco conhecimento”* acerca do espólio do Museu do Traje.

O maior ou menor conhecimento que cada entrevistado manifestou daquilo que se pode encontrar no Museu do Traje pode estar relacionado com diversos aspetos: divulgação, conversas com pessoas que o tenham visitado. Mas, em primeira instância, esse conhecimento

estará relacionado com as visitas que o próprio terá realizado, uma vez que estas são a forma privilegiada de o conhecer.

Analisando a possibilidade de terem feito **visitas ao Museu**, torna-se mais claro o desconhecimento geral dos entrevistados relativamente ao espólio do Museu: metade dos inquiridos nunca o visitou e dois visitaram-no «há muito tempo». Apenas na entrevista n.º 5 percebemos um conhecimento mais sólido acerca da dinâmica do Museu do Traje, que se reflete no número de visitas (duas) feitas em contextos distintos (uma com os filhos e outra no âmbito de um evento cultural), e no conhecimento acerca das atividades (neste caso, dos Serviços Educativos) que, no caso de qualquer outro entrevistado é nulo ou “pouco” (E1).

Todos os entrevistados admitiram a **importância do Museu do Traje na cidade**, sendo que uns desenvolveram mais a sua opinião do que outros. O Museu do Traje é reconhecido por estes comerciantes enquanto motor de «circulação» de pessoas, o que traz vantagens comerciais (E6), atração de turistas (E4 e E6). É também visto como responsável por iniciativas e atividades importantes para vários públicos (E5) e, claro, promotor do traje à «vianesa» (E1). Não podemos deixar de referir que, através das respostas obtidas nesta dimensão, facilmente identificamos o facto de nos estarmos a dirigir a elementos da comunidade comerciante. A maioria das respostas direccionaram-se, de forma natural, para as vantagens que estes comerciantes admitem que o Museu traz à cidade e ao comércio e não tanto para as questões culturais, etnográficas e pedagógicas, relacionadas com a divulgação do traje.

Ainda sobre a importância que os comerciantes das Lojas Regionais reconhecem ao Museu do Traje, não deixa de ser curioso ter sido esta a questão que despoletou conversas um pouco mais longas e próximas com alguns comerciantes, das quais lamentámos não ter registo áudio. Nestas conversas, os comerciantes confessaram-se tristes com a falta de atividade na cidade, o que se reflete no comércio. Designaram-na de «cidade fantasma» e lamentaram o facto de não haver mais divulgação de algumas iniciativas, apresentando todo este panorama como uma espécie de «fenómeno» ao qual cidades e regiões próximas parecem conseguir escapar.

Estas conversas ajudaram-nos a clarificar vários aspetos, sobretudo aqueles relacionados às vantagens (quase exclusivamente) comerciais que os entrevistados parecem atribuir ao Museu do Traje. Permitiram também justificar algumas respostas obtidas sobre a quantidade de público visitante e sobre o tipo de públicos.

Relativamente à **quantidade de visitas recebidas** no Museu do Traje pretendíamos apenas uma resposta genérica, uma vez que os conceitos de «muito» ou «pouco» são subjetivos. As respostas obtidas apresentam algumas variâncias e alguns pontos de convergência. Na entrevista n.º1 foi-nos dito que *«as pessoas conhecem o traje, atribuem-lhe importância e têm interesse em visitar o Museu»* sendo que o(a) entrevistado(a) *«não sabia se o Museu seria muito visitado ou não»*. As respostas do(a) E2 e E4 vão no mesmo sentido, afirmando que o Museu é *«muito visitado»*. Opinião contrária é manifestada pelos entrevistados n.º6, n.º4 que referem um possível aumento de visitas no Verão. O(a) E3 acha que se o Museu fosse mais divulgado seria mais visitado.

A questão relativa aos **públicos recebidos**, não deixa de ser uma das dimensões com respostas mais curiosas. Na entrevista n.º1 foi afirmado que quem visitará o Museu são *«principalmente portugueses, pois os estrangeiros não atribuem importância ao traje»*. A tendência desta resposta foi imediatamente contrariada na entrevista seguinte em que o inquirido afirma precisamente o contrário privilegiando as visitas dos estrangeiros. O(a) E3 diz que são os turistas portugueses ou estrangeiros, fazendo já aqui uma observação subtil à *«ausência da população local»*, que mais visitam o Museu. Na entrevista n.º5 são distinguidas as visitas de verão e inverno: os turistas visitarão mais no verão e a população local no inverno. O(a) E4 indicou um público distinto dos que têm vindo a ser referidos: *«pessoas de meia-idade, com cultura geral elevada»*, sendo que na entrevista n.º6 apenas nos foi indicado desconhecimento em relação ao assunto.

Verificámos, nesta dimensão uma disparidade muito interessante de respostas, que pode ser analisado à luz do (des)conhecimento específico que cada entrevistado tem do Museu. É o caso do(a) E6 que parece ter mais conhecimento da realidade do Museu, e que apresentou um indicador distintivo das visitas: a época do ano. As concepções que cada um pode ter do Museu determinaram também esta variabilidade.

Embora as respostas tenham sido diversas relativamente ao tipo de público que o Museu recebe, as respostas sobre as **Visitas da população local** foram muito semelhantes. Na entrevista n.º1 foi afirmado que *«a população local é a que menos visita»*. Esta resposta deve ser alvo de um apontamento, pois este entrevistado dissera anteriormente que os estrangeiros também não manifestariam interesse em visitar o Museu. Isto leva-nos, então, a concluir que os portugueses a que se refere é população portuguesa não residente no concelho. Os E2 e E4 afirmam categoricamente que a população local não visita o Museu, assim como o E3 que

justifica o facto com o natural conhecimento dos trajes pela população. O E5 supõe que todos os vianenses conhecem o Museu do Traje, embora não tenham por hábito visitá-lo, e apenas o E6 pensa que é possível que a população local se interesse mais do que a restante.

Não deixa de ser tentador comparar estas respostas com as das funcionárias do Museu do Traje precisamente pela diferença abismal que há no que respeita ao conhecimento da instituição, o que nos fornece uma perspetiva interna e externa sobre o assunto. Todas as funcionárias indicaram a frequência de «*todos os tipos de público*» no Museu (portugueses, estrangeiros, público escolar) não tendo conseguido destacar nenhum deles, em particular. Disseram-nos, apenas, que pessoas com deficiência (em particular, invisuais) não eram visitas frequentes. No entanto, as informações que obtemos junto às funcionárias relativamente à população local não são muito distintas das opiniões que recolhemos nas entrevistas aos comerciantes, o que nos leva a pensar nas verdadeiras razões para esta ausência. Será que o conhecimento quase que inato dos trajes indicado pelo comerciante 3 será suficiente para justificar o não destaque das visitas da população local no Museu do Traje?

Também perguntámos aos comerciantes se já haviam recebido ***pedidos de orientação para chegar até ao Museu do Traje***. Todos responderam afirmativamente, o que já não se verificou quando lhes perguntámos se costumavam sugerir a visita ao Museu do Traje por sua livre iniciativa. Quatro dos entrevistados não costumam fazer essa sugestão, sendo que o(a) E2 o costuma fazer «*quando pedem sugestões de locais a visitar na cidade*» e o(a) E5 também, pois «*acha que é uma boa visita para se fazer*».

No que concerne referências a ***melhorias da oferta do Museu***, alguns comerciantes foram capazes de idealizar algumas sugestões. O(a) E1 gostava de ver danças de ranchos folclóricos no Museu e pensa que o teatro poderia ser uma atividade a adotar (não tendo especificando de que forma). Esta ideia é também referida pela E3 no MT, que a direciona para o público infantil.

Em relação às ***razões que levariam estes comerciantes a visitar, ou visitar mais vezes o Museu do Traje***, dois dos entrevistados referiram a necessidade de ter mais disponibilidade. O(a) E3 diz que visitou há «*muito tempo*» o Museu, e o(a) E6 diz que nunca o visitou. O(a) E6 refere ainda que para visitar o Museu gostaria de ter mais conhecimento acerca do seu conteúdo. Registámos ainda duas respostas em que os entrevistados afirmam que visitariam o Museu para ver o que lá está exposto (o(a) E2 para ver os trajes e o(a) E4 para ver a coleção do ouro, uma vez que diz «*conhecer bem os trajes, desde que nasceu*»). O que é

intrigante nestas duas respostas é o facto de que se o espólio do Museu (ou pelo menos parte dele) é razão suficiente para levar os dois entrevistados até ao Museu que razão os terá impedido de o visitar até agora? Ainda sobre esta dimensão, o(a) E1 refere, numa clara defesa da sua posição/profissão, a adoção de entradas gratuitas para comerciantes relacionados com artesanato enquanto razão que o levaria a visitar novamente o Museu.

Através das conversas com estes comerciantes, percebemos que mesmo entre aqueles de quem o Museu está mais próximo, quer fisicamente quer culturalmente, não deve haver espaço para a criação de equívocos relativamente ao conhecimento destes acerca do Museu do Traje, suas iniciativas e atividades.

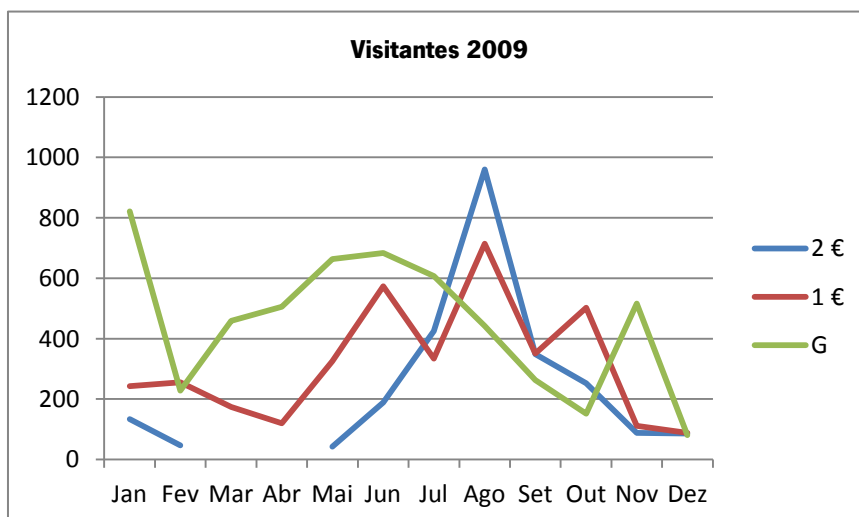
Estas entrevistas deram-nos um pequeno vislumbre do conhecimento e perspetiva exterior ao Museu sobre ele deixando-nos concluir que, relativamente à população local, poderá haver ainda um desconhecimento generalizado e muitas dúvidas que seria proveitoso dissipar, o que justifica a necessidade de intensificar iniciativas de mediação para estreitar laços com todos os tipos de público

4.4 Análise de registos de visitantes

Após a realização de diferentes entrevistas, que nos permitiu a recolha de informação relativa a vários aspetos, inclusive ao público que frequenta o Museu e em que alturas, segue-se a análise de registos efetivos dos visitantes relativos aos anos de 2009, 2010, 2011 e primeiros quatro meses de 2012, altura em que foi solicitada a informação à instituição para o nosso estudo. O registo do número de visitantes foi disponibilizado pelo Museu do Traje e permite caracterizar com autenticidade o tipo e quantidade de público recebido e, ao mesmo tempo, comparar esta informação com as noções que as pessoas que entrevistámos nos foram indicando.

A informação relativa aos visitantes de 2009, 2010 e 2011 encontra-se subdividida em apenas três categorias: **bilhetes de 2€** (adultos portugueses ou estrangeiros), **bilhetes de 1€** (estudantes, aposentados ou portadores de cartão jovem) e **visitas em grupo (G)**, o que não nos permite distinguir as visitas de portugueses e estrangeiros nem indicar as visitas com gratuidade (crianças, por exemplo).

Gráfico 1: Visitantes 2009

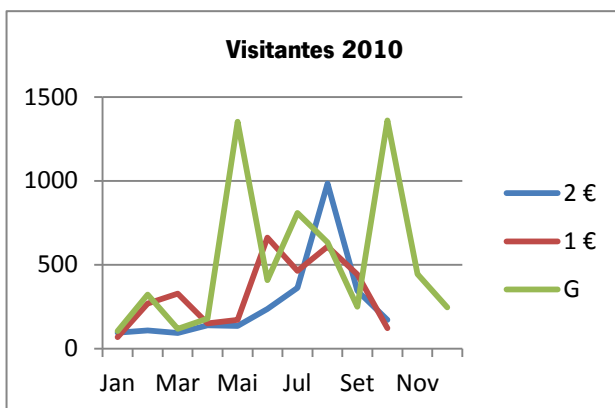


Os registos do ano de 2009 revelam que *as visitas em grupo* representam o maior número de visitantes. O número de visitantes em grupo foi sempre superior a 80 pessoas, mensalmente, variando entre aproximadamente este número, no mês de outubro, e cerca de 800 em janeiro. Existe, evidentemente, uma grande diferença entre o número de visitas em grupo, sendo que nos meses de primavera/verão (abril, maio, junho, julho e agosto) as visitas em grupo trouxeram sempre mais do que 500 pessoas.

Relativamente aos *adultos*, (bilhetes de 1€) verificou-se de uma forma geral uma maior afluência ao Museu nos meses de verão tendo mesmo sido registados em agosto quase 1000 visitantes, e uma quebra dessas visitas nos meses de inverno. Nos meses de março e abril não houve registo de visitantes adultos, por motivos que desconhecemos.

Quanto aos *bilhetes de 1€*, também foi no mês de agosto que se verificou a maioria das entradas deste tipo de público. A linha que nos dá informação sobre a entrada de aposentados e jovens é, no entanto, inconstante, apresentando curiosas depressões no mês de julho e também setembro.

Gráfico 2: Visitantes 2010



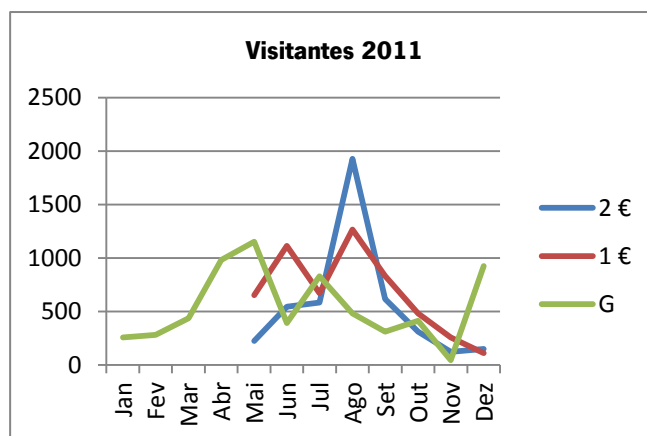
No ano de 2010 destacam-se, mais uma vez, as visitas dos grupos, principalmente nos meses de maio (cerca de 1250 pessoas), julho (cerca de 800) e Outubro (cerca de 1250).

Verificamos que é a partir do mês de maio que as visitas dos adultos

começam a ter mais expressão. Mais uma vez foi em agosto que receberam mais visitas (cerca de 1000).

As visitas de 1€ apresentam-se, mais uma vez, inconstantes: registos mais elevados em junho e agosto, destaque para os meses de fevereiro e março que, comparativamente aos bilhetes de 2€ apresentou mais visitantes e baixas em janeiro, abril e julho. Relativamente aos meses de novembro e dezembro não existe informação disponível, expeto acerca dos grupos.

Gráfico 3: Visitantes 2011



Os registos do ano passado vão no sentido dos esclarecimentos dos gráficos anteriores relativamente ao aumento exponencial das visitas dos adultos, jovens e aposentados em agosto, que as Festas da Nossa Senhora da Agonia (realizadas neste mês) facilmente explicam.

A partir do mês de setembro verifica-se uma depressão do número de visitantes, que já podemos considerar como «normal», tendo também em conta as informações dos anos anteriores. De janeiro a abril, não existe informação disponível. Os grupos manifestam uma presença mais significativa nos meses de março, abril, maio e dezembro sendo que em novembro o Museu quase não foi visitado por grupos.

Através do gráfico com os totais anuais de visitantes por categoria, reiteramos a informação de que os grupos representam a maioria das visitas nos três anos (cerca de 5000 em 2009, e mais de 6000 em 2010 e 2011).

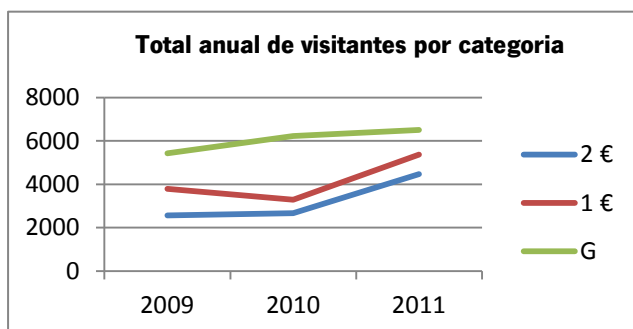


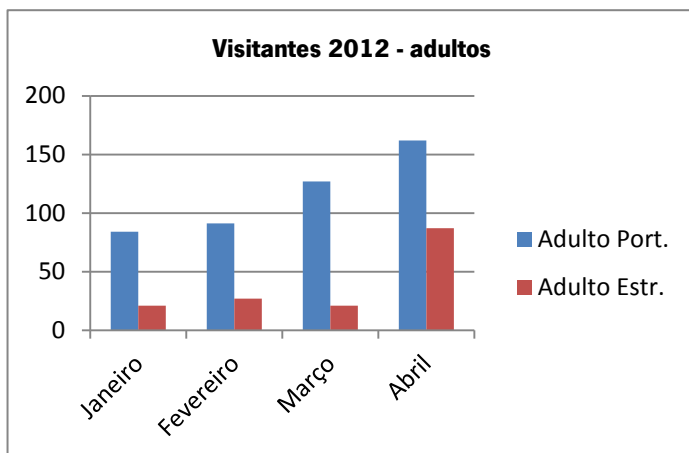
Gráfico 4: Total anual de visitantes por categoria

A entrada de público adulto português e estrangeiro (bilhetes de 2€) apresenta, de entre estas três categorias, a entrada de menos

visitantes (pouco mais de 2000 em 2009 e em 2010 e mais de 4000 em 2011).

A informação disponível revela, então, que o público referente aos bilhetes de 1€ (jovens, estudantes e seniores portugueses e estrangeiros) é superior aos de 2€ (com um total de cerca de 4000 visitantes em 2009, cerca de 3000 em 2010 e cerca de 5000 em 2011).

Gráfico 5: Visitantes 2012- Adultos



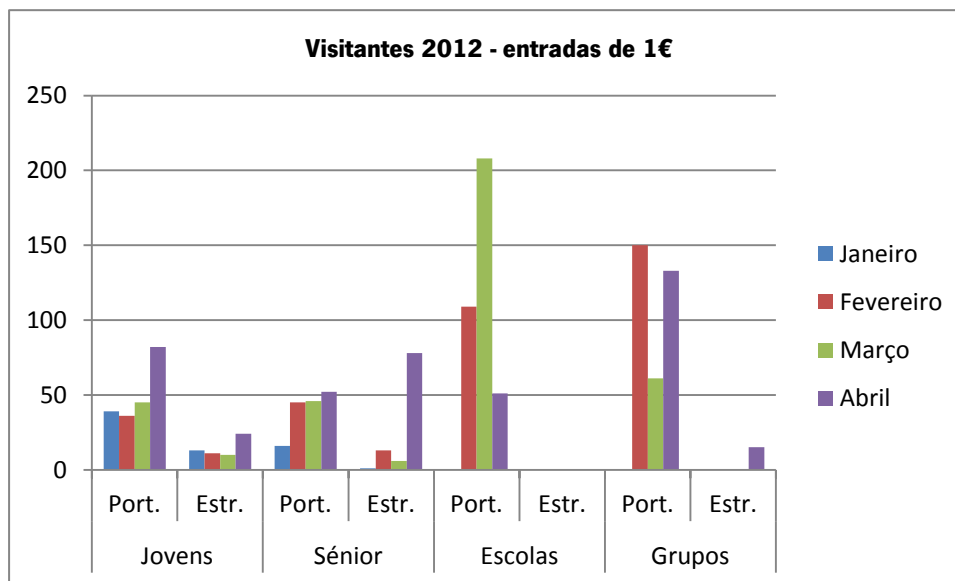
Em 2012, a informação relativa aos visitantes está registada e categorizada de forma diferente, o que nos permite ter uma perspetiva mais pormenorizada e específica relativamente às pessoas que entram no Museu. A categorização está feita por entradas pagas -

adultos (2€), jovens, seniores, Escolas, outros grupos (1€) e entradas gratuitas (crianças, Escolas, outros grupos, ateliês, atividades culturais, pessoas vindas do Museu de Artes Decorativas, auditório e ainda outros que possam não estar contemplados nas categorias enumeradas. Desta vez, o facto de o visitante ser português ou estrangeiro é sempre tido em conta.

A presença dos adultos portugueses, que tem vindo a crescer desde o início do ano, evidenciou-se face à do público estrangeiro. Temos, contudo, que ser prudentes nesta análise pois a presença dos dois públicos deverá ser observada tendo em conta uma dimensão de proporcionalidade. Isto quer dizer que a prevalência de estrangeiros na cidade é, naturalmente, muito inferior à de portugueses e que, por isso seria quase impossível que as visitas de cidadãos de outra nacionalidade representassem a maioria das visitas. O que deve, aqui, ser analisado é antes a proporção comparativa dos dois públicos. A presença de adultos estrangeiros é assinalável, sendo superior a duas dezenas nos três primeiros meses do ano e superior a oito dezenas em abril, mas não é surpreendente. Fica em aberto o possível crescimento positivo da presença deste público nos meses de verão (como expectável).

Mas não foram só adultos que visitaram o Museu do Traje nestes meses. Até março de 2012, cerca de 40 **jovens portugueses** visitaram mensalmente o Museu face a cerca de 15 **jovens estrangeiros** também por mês. Em abril, o registo de visitas de jovens, portugueses e estrangeiros aumentou para o dobro.

Gráfico 6: Visitantes 2012- Entradas de 1€



O público sénior também se fez representar nas suas visitas. No primeiro mês do ano o número de visitantes seniores foi de cerca de 20 pessoas; número que se viu aumentado para mais do dobro, nos meses seguintes. É entre o público sénior que encontramos um indicador curioso. Embora as visitas de seniores estrangeiros não se destaquem nos primeiros três meses do ano, no mês de abril o número destas visitas é superior às visitas dos seniores portugueses com cerca de 75 visitantes.

Este gráfico dá-nos, ainda, informação acerca das **visitas de Escolas** que, claramente dominam as entradas nos meses de fevereiro, março e abril, o que torna curioso o facto de não se terem registado visitas em Janeiro. No mês de março, o público escolar no museu foi superior a 200 elementos. Não se registaram visitas de escolas estrangeiras.

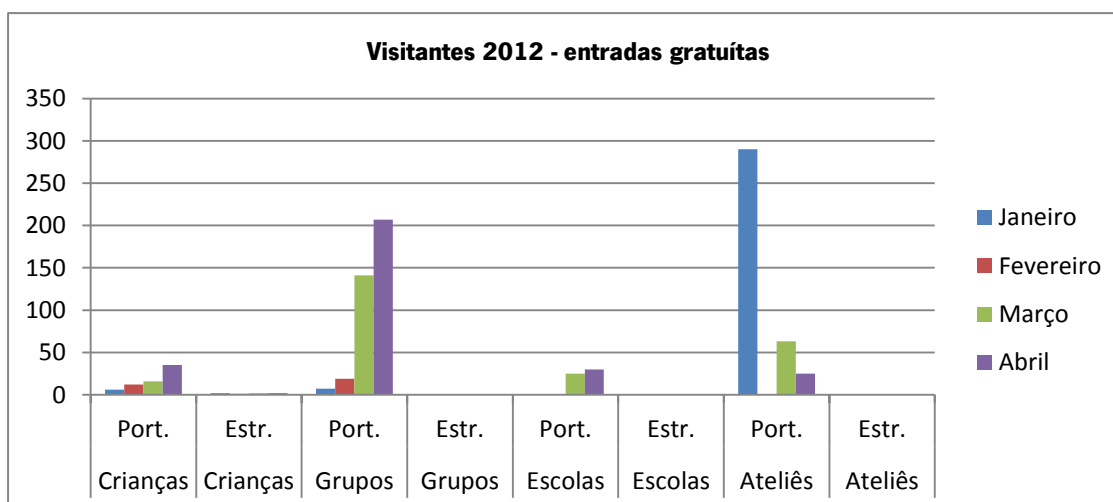
Outros grupos visitaram o Museu representando, a par das Escolas, a maioria dos visitantes. No mês de fevereiro e abril o número de visitas em grupo superou as 100 pessoas, sendo que no mês de março se verificou um decréscimo, contrariando a tendência das Escolas que neste mês vincaram mais a sua presença. Foram recebidos apenas pessoas estrangeiras em grupo no mês de abril com um total de cerca de 15 visitantes.

As entradas no Museu do Traje são gratuitas para crianças até aos 12 anos e para os visitantes vindos do Museu de Artes Decorativas, uma vez que o bilhete adquirido num dos Museus dá a possibilidade de visitar gratuitamente o outro. A condição da gratuidade pode, ainda, ser satisfeita para Escolas e outros grupos, caso seja solicitada às entidades competentes.

A presença de crianças portuguesas tem vindo a aumentar, desde o início do ano, registando-se no mês de Abril a presença de cerca de 30 crianças. Não se registou a entrada de crianças estrangeiras neste período.

Os grupos com entrada gratuita não manifestaram significativamente a sua presença no Museu em janeiro e fevereiro, situação revertida em março e abril, em que estes grupos trouxeram quase 150 e cerca de 200 pessoas, respetivamente.

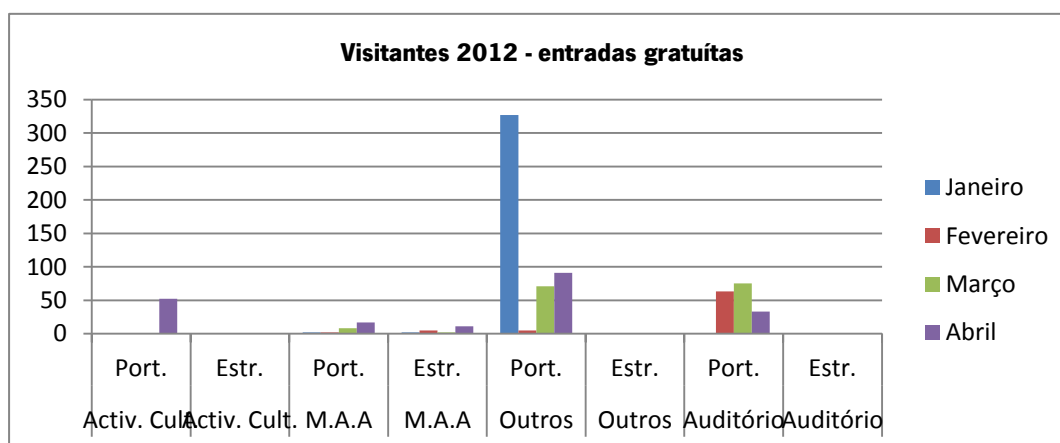
Gráfico 7: Visitantes 2012 – Entradas gratuitas



Registaram-se apenas visitas de Escolas em regime gratuito em março e abril com cerca de 25 visitantes em cada mês.

O mês de Janeiro registou uma entrada elevada de visitantes para ateliês (quase 300), comparativamente a fevereiro que não teve visitas para estas atividades; em março recebeu pouco mais de 50, e em abril cerca de 25, revelando uma inconstância do número de visitas para ateliês (gratuitas) durante estes meses. Os registos revelam que as visitas culturais só trouxeram visitantes no mês de abril (cerca de 50). Nenhuma pessoa estrangeira visitou o Museu na categoria de grupos, escolas e ateliês com presença gratuita e atividades culturais.

Gráfico 8: Visitantes 2012 – Entradas gratuitas



A presença de visitantes vindos do Museu de Artes Decorativas¹⁹ é pouco acentuada durante os quatro meses nunca chegando às duas dezenas. Em janeiro e fevereiro a presença de portugueses vindos deste museu é praticamente inexistente, sendo que em março e abril

¹⁹ O Museu de Artes Decorativas encontra-se designado de M.A.A nos registos da instituição, pois este mudou recentemente de nome sendo que, anteriormente se chamava Museu de Arte e Arqueologia (M.A.A)

aumenta para pouco mais de dez. Os estrangeiros também não vieram deste Museu para visitar gratuitamente o do Traje em janeiro e março, sendo que em fevereiro e abril, embora se tenha verificado a sua presença, esta tenha sido de menos de dez pessoas. Ainda sobre as entradas gratuitas, existem outros visitantes que entraram no Museu, e que não estão contemplados nas categorias anteriores, em que só se registou a presença de portugueses. O mês de janeiro foi privilegiado relativamente a estas visitas, destacando-se com mais de 300 visitantes. Finalmente, os dados sobre os visitantes do auditório, dos quais também só há sobre os portugueses, registam mais de 50 pessoas em fevereiro e março, cerca de 25 em abril, sendo que em janeiro não houve qualquer visita nesta categoria.

Não nos foi possível analisar pormenorizadamente todos os elementos relativos à entrada dos vários tipos de público do Museu do Traje ao longo dos últimos anos, uma vez que só possuíamos informação mais detalhada relativamente aos primeiros quatro meses de 2012. cremos, no entanto, que a análise que acabámos de fazer não deixa de ser pertinente.

Percebemos que, de uma forma geral, são as visitas em grupo (incluídas as Escolas) que representam a maioria das visitas, o que se pode verificar facilmente no gráfico que retrata a totalidade anual de visitantes por categoria (v. Gráfico 4).

O mês de agosto é, sem dúvida, aquele que atrai mais visitantes. Como já foi referido, este fenómeno justificar-se-á por este ser o mês das festas da cidade, intimamente associadas ao traje e tradições de que o Museu trata. É também o mês de verão por excelência, altura do ano que, tal como nos sugeriu um comerciante e duas funcionárias, poderá atrair mais visitantes, sobretudo turistas/ estrangeiros. Não podemos, no entanto, afirmar que nos restantes meses de verão se verifique a mesma afluência de visitantes.

Com base na informação mais detalhada que dispomos sobre as visitas de 2012 (relativa apenas a quatro meses), podemos facilmente concluir que a população estrangeira não tem como hábito visitar o Museu em grupo, não o frequenta aquando a ocorrência de eventos culturais, e que as suas crianças não usufruem dos ateliês, o que nos leva a pensar que as visitas do público estrangeiro não são «planeadas», mas antes decididas no momento.

Apesar de tudo, a representação de portugueses nos registos de adultos é bastante assinalável, ainda que não seja possível distingui-la entre população local e exterior ao concelho.

4.5 Observação de visitas guiadas no Museu do Traje (MT)

A observação direta de sucessivas visitas permitiu a recolha de informação pertinente para o desenvolvimento progressivo deste estudo.

A assistência da esmagadora maioria das visitas observadas foi composta por público escolar do 1ºCiclo e ensino pré-escolar. Num total de dezasseis visitas observadas, apenas três não corresponderam a público escolar. Destas, duas foram compostas por público sénior, e outra por um grupo institucionalizado (APPACDM - Associação Portuguesa de Pais e Amigos do Cidadão Deficiente Mental).

Os **grupos escolares** chegavam ao Museu acompanhados de responsáveis e, no caso de estarem a fazer a visita para usufruírem dos Serviços Educativos não poderiam estar organizados num grupo que ultrapasse os vinte e cinco elementos. Durante as observações, todos os grupos foram recebidos com amabilidade, na hora marcada da visita. A pontualidade foi constante quer da parte da equipa museológica, quer da parte dos visitantes. Tendo em conta os focos de observação pré-definidos (dimensões e indicadores), foi possível perceber que as visitas guiadas são sujeitas a um padrão de comportamentos da parte de quem as orienta. Isto não quer dizer que este seja um facto anormal, pois as visitas observadas foram conduzidas quase sempre pelo mesmo guia e sujeitas a circunstâncias semelhantes no mesmo contexto.

As visitas das crianças e as visitas dos adultos podem ser claramente distinguidas, assim como dos grupos institucionalizados. Esta distinção relaciona-se, manifestamente e numa primeira instância, com a idade do público-alvo.

A idade estabelece o tipo de intervenção dos indivíduos ao longo da visita e regula as interações que daí sucedem. Nos sujeitos institucionalizados, a idade pode ou não ser o fator preponderante de distinção entre este público e outros, uma vez que outras características específicas lhes podem estar inerentes. O guia flexibilizou a duração de cada visita (cerca de 1h) de acordo com o tempo que cada grupo tinha disponível. Estas visitas dependiam, também, de alguns fatores, tais como: o número de exposições que o grupo via (normalmente a exposição «Traje à Vianesa» e o Cofre do Ouro) ou a participação nos Serviços Educativos.

Com as crianças, o guia estabeleceu, na maioria das vezes, três regras prévias no início da visita, com o intuito de tentar manter alguma organização, sobretudo nas intervenções

das crianças, que nem sempre se revelaram organizadas apesar do guia fazer inúmeras vezes referência às regras estabelecidas no início.

As **indicações da organização espacial** eram inicialmente dadas pelo guia. Naturalmente, as orientações não foram sempre as mesmas, até porque os grupos apresentavam idades e dinâmicas diferentes. Por norma, o «semicírculo» era a estratégia adotada na exposição «Traje à Vianesa», onde é mais difícil organizar as crianças devido à disposição das vitrinas no espaço. Nas restantes exposições foi dada, por norma, maior liberdade na circulação, o que também dependia do entusiasmo e conduta demonstrada pelas crianças. Na exposição «Trabalhos do linho» as crianças podiam, por exemplo, sentar-se sem restrições (da parte do guia) para ver um filme sobre processo de colheita, tratamento e tecelagem do linho. Em pé ou sentados podiam também ouvir o guia falar sobre os objetos expostos utilizados neste procedimento. Foi, no entanto, curioso observar que os limites impostos quando as crianças viam o filme ou quando ouviam o guia tinham sobretudo a ver com o à-vontade que os meninos manifestavam em ficar perto de alguns colegas, e que estas eram impostas pelos professores/responsáveis. Claramente evidenciava-se, nestas situações, o receio de que a proximidade dos meninos mais agitados resultasse num contágio desse alvoroço a todo o grupo.

A dinâmica discursiva desejável da visita tornou-se clara: o guia falava para as crianças, explicava-lhes o conteúdo da exposição, e fazia perguntas interagindo com elas. É, no entanto, impossível, afirmar que este padrão tenha ocorrido com todos os grupos observados. A maioria das crianças exigiu do guia uma reformulação do seu comportamento e discurso. Se parte dos grupos estava interessada em aprender e fazia perguntas apelando a uma capacidade de resposta imediata, a outra parte dispersava-se facilmente.

Sendo possível estabelecer um padrão de comportamento em todos os grupos, houve sempre exceções. Isto quer dizer que, por exemplo, um grupo que mostrasse um estado geral de agitação teve sempre alguns elementos interessados na visita e com muitas perguntas para fazer sobre o seu conteúdo, sendo que o contrário também é válido para os grupos mais tranquilos ou atentos.

A **interação com os intervenientes** dependeu, então, de grupo para grupo. De facto, cada conjunto de crianças trazia uma dinâmica especial e diferente (dependendo da sua idade, número de crianças, interesses, concentração), e isso refletiu-se nas interações ao longo da visita. Os grupos que se apresentaram mais agitados eram, por norma, do ensino pré-escolar,

mostrando maior dificuldade de concentração. A estes grupos eram fornecidas informações mais curtas e objectivas. No que respeita aos grupos das escolas de 1ª Ciclo, a dispersão aconteceu mais facilmente quando os grupos eram maiores.

As interações ao longo de uma visita com crianças são imensas. As crianças mais pequenas não mostraram muita capacidade para ouvir atentamente durante muito tempo. O guia tentou, por isso, captá-las com tópicos mais atraentes, como as cores dos trajes, por exemplo, fazendo também muitas perguntas. Existiram também interações no sentido de as acalmar ou tentar que elas mantivessem um certo silêncio. Verificámos que, muitas vezes, os próprios responsáveis foram incapazes de apaziguar o entusiasmo dos mais novos. E algumas vezes surgiram conflitos entre as crianças.

Com o intuito de cativar a atenção de todos os grupos e fomentar a interação com os seus elementos, o guia fez perguntas ao longo de toda a visita. No início da visita era-lhes perguntado se sabiam onde estavam e o que podiam ver no Museu. Outras questões, em tom de desafio, tais como, «onde é que trabalhavam as lavradeiras?»; «*que cores têm estas roupas?*»; «*onde é que será que iam as lavradeiras iam ao domingo?*»; «*se a saia é vermelha, de que cor é o avental?*» ou «*o que será que levam no saco, se vão trabalhar?*» foram ouvidas durante as visitas, na expectativa que as crianças procurassem as respostas na exposição e nos seus conhecimentos prévios ou vivências pessoais e familiares.

Este tipo de interações foram essenciais para manter a dinâmica das visitas pois a maioria das crianças procurava responder, embora só muito raramente o fizessem com «o dedo no ar» (como pedido pelo guia), ou com algum tipo de ordem. Esta energia, essencial nas visitas, foi um dos garantes de participação e discussão entre os envoltivos, embora se tornasse muitas vezes motor de alguma desordem.

Os comentários espontâneos proferidos pelas crianças em relação a alguns aspetos também não podem deixar de ser sublinhados. Sem dúvida, o local que de um modo geral causa maior surpresa e maravilha é sem dúvida, o Cofre do Ouro. Antes de ser visitado, o guia faz uma introdução explicando aos meninos que o edifício onde estão foi um Banco antes de ser um Museu, surpreendendo-os com a ideia de que vão entrar num Cofre. Primeiro, tenta que eles adivinhem como se chama o local de um Banco onde se guarda dinheiro, depois explica-lhes que neste Cofre já não há dinheiro, mas sim ouro. Já dentro do Cofre pôde ouvir-se comentários joviais, vindos das crianças, e que acompanharam as explicações, tais como: «*E o dinheiro?*»;

«Antigamente usavam estes brincos brilhantes!»; «O dinheiro também brilha!»; «Há lápis que também brilham!» ou «Esta peça grande é que custa muito dinheiro!».

Nas restantes exposições abundaram também comentários. Em geral, as crianças não estranharam as roupas antigas, pois associam-nas às Festas da Nossa Senhora da Agonia ou aos ranchos folclóricos. No entanto, ficam surpreendidas quando ouvem algumas explicações, e quando começaram a reparar em alguns pormenores dos trajes pela primeira vez. Então, surgem comentários e perguntas que, além de inevitáveis são desejáveis pois refletem o desejo de participação e a atenção das crianças: «A minha mãe tem esse traje!»; «Eu andei no rancho!»; «Aquilo é palha?»; «Eles não tinham sapatilhas?»; «Aquele tem flores e aquele não», «Eu já fui a Carreço com a minha avó!».

Em relação às cores dos trajes, os meninos reconheceram o vermelho como «uma cor feliz», tendo sido capazes de entender porque é que esta é a cor do traje de festa. As crianças mais velhas (1^o Ciclo) compreendem claramente as diferenças entre todos os quatro trajes que lhes foram apresentados: festa, domingo, trabalho e mordoma. Além destes, o traje de dó²⁰ e Geraz²¹, bem como o de noivos, o de Vale de Neiva²² e de meia senhora²³ (que só são apresentados excecionalmente) são os restantes trajes passíveis de apresentar durante uma visita (o que depende do tempo disponível ou do comportamento do grupo).

De uma forma geral, as explicações dadas às crianças não foram interrompidas por fatores exteriores nem existiu barulho que dependesse de fatores externos aos intervenientes da visita.

Os professores ou responsáveis comunicaram com as funcionárias e guia no sentido de tentar garantir que os objetivos da visita se cumprissem sem percalços. A maior parte das suas intervenções relacionaram-se sobretudo com as movimentações das crianças. Fizeram diversas chamadas de atenção aos mais irrequietos, sobretudo quando falavam mais alto ou se movimentavam de forma mais agitada. Também acautelaram os mais novos para que não tocassem nas vitrinas ou mexessem nos objetos expostos, e barafustavam quando estes o faziam. Cuidaram principalmente de questões mais pragmáticas relacionadas com, por exemplo, estado de saúde e emocional das crianças ou idas à casa de banho.

²⁰ Traje de cores escuras, usado em ocasião de festa por mulheres idosas, com parentes falecidos, doentes ou emigrados, por exemplo;

²¹ Traje usado nas terras de Geraz do Lima (Santa Leocádia de Geraz do Lima, Santa Maria de Geraz do Lima e Moreira de Geraz do Lima);

²² Traje usado na zona do Vale do Neiva que recai em Viana do Castelo;

²³ Traje usado por raparigas mais ricas, filhas de comerciantes ou lavradores abastados, o que lhes permitia não terem que trabalhar no campo. Não eram, por isso «lavradeiras». As suas roupas procuravam refletir esse estatuto, estando mais próximas das roupas das senhoras da cidade. Resultavam numa mistura curiosa: tecidos industriais mas com formas inspiradas nos trajes das «lavradeiras».

Geralmente, a cooperação entre os funcionários e os professores pôde verificar-se embora, à semelhança das crianças, cada um apresentasse características específicas. Se, num quadro geral, a vontade de colaborar pode ser sublinhada, verificada inclusive na participação que muitos manifestaram durante as visitas às exposições e no incentivo que deram às crianças para responder às perguntas feitas, alguns responsáveis não mostraram muito entusiasmo nem capacidade de liderança. Contudo, nenhum desacordo ou conflito se verificou entre professores/responsáveis e funcionárias ou guia. As únicas situações de contenda que puderam verificar-se foram, como já referido, aquelas que ocorreram de forma natural entre as crianças e que foram facilmente resolvidas.

Nas duas visitas de **grupos seniores** observadas, a dinâmica foi muito diferente. Há alguns indicadores que se podem assemelhar, como as boas-vindas dadas ou algumas indicações que o guia vai dando a nível de localização no espaço (foram dadas algumas indicações em relação à movimentação no espaço, uso do elevador sempre com prioridade para as cadeiras de rodas), mas a linguagem utilizada não pode ser assemelhada.

Com este tipo de público a apresentação do conteúdo das exposições foi também muito diferente. Quando se apresentaram os trajes, não foram necessários muitos artifícios para captar atenções já que os adultos ouvem com mais cuidado o que lhes é dito. Ao contrário das crianças que dispersam por desatenção, os adultos afastam-se para admirar os pormenores dos trajes expostos, enquanto ouvem as explicações e fazem perguntas.

Os grupos que visitam o Museu e que não são do distrito são alvo de explicações diferentes das dos grupos do distrito que, notoriamente, têm um conhecimento mais profundo daquilo que é o traje e o seu uso.

O primeiro grupo viajava de Lisboa e era composto por vinte e três elementos, dois dos quais em cadeira de rodas. O facto de se fazer acompanhar por quatro responsáveis levou-nos a concluir que este também era um grupo institucionalizado. A dinâmica da visita com adultos é completamente diferente, inclusive devido à dificuldade de locomoção dos intervenientes. A circulação dos visitantes pode ser um duplo problema: com as crianças (quando não se consegue controlá-la) e com os idosos (quando se torna um obstáculo). A este grupo foram explicados os diferentes trajes e peças constituintes, as circunstâncias do uso do ouro e que cada aldeia tinha uma forma diferente de vestir. O guia mostrou-se bastante à vontade durante a visita, olhando nos olhos das pessoas durante as explicações. Estas, agradadas, foram dando

alguns incentivos ao discurso, com expressões como «Sim senhor!» ouvida várias vezes durante a visita. Foram colocadas perguntas e estimuladas respostas, mas de uma forma muito diferente aquando as visitas com crianças. Os comentários proferidos pelos adultos não são, naturalmente, tão divertidos como os das crianças. Normalmente comentam a beleza das peças, e fazem perguntas relacionadas com estas.

O segundo grupo sénior era composto por residentes no distrito, e não se fez acompanhar de qualquer responsável. A dinâmica foi semelhante. As diferenças identificadas relacionam-se, sobretudo, com a movimentação que esteve mais facilitada, por não haver cadeiras de rodas, e com o conhecimento prévio evidente que os visitantes manifestaram sobre o traje e sobre o próprio Museu. Mesmo assim, este grupo colocou muitas questões, perguntou se podia tirar fotografias (uma questão frequente) e fez muitos comentários, mostrando-se muito curiosos em torno dos objetos da exposição “Trabalhos do linho”. Os visitantes referiram que «se lembravam daquelas coisas quando eram pequenos», referindo-se aos objetos antigos. Esta visita caracterizou-se especialmente pela livre circulação que o guia permitiu após as explicações que deu, talvez pelos visitantes terem manifestado muita curiosidade e interesse em observar os detalhes do conteúdo das exposições, além de evidenciarem um conhecimento incomum sobre os trajes, em relação às restantes visitas.

O **grupo da APPACDM** era composto por oito visitantes e estava acompanhado por uma responsável. A observação da visita deste grupo foi interessante na perspetiva de entender a importância que os Museus podem representar no aumento da autoestima, criatividade e autoconfiança do cidadão com deficiência, e descobrir de que forma é que estes grupos são acolhidos do Museu do Traje, especificamente.

À semelhança de todos os grupos, o guia tentou estabelecer uma comunicação saudável e fomentar a interação. No início da visita, foram feitas algumas perguntas aos visitantes, tais como se sabiam onde estavam ou se tinham conhecimento de quem eram as lavadeiras. Durante a visita, o guia fez várias perguntas e os visitantes responderam corretamente a muitas delas. A participação foi encorajada com expressões como «*E mais perguntas?*». Mesmo não se tratando de público infantil, a linguagem utilizada foi adaptada, o que se pode verificar nas perguntas colocadas (e no tom de voz) como estas: «*São da mesma cor as barras?*»; «*E esta de que cor é?*». O guia foi sorrindo ao longo da visita e «brincando» com os visitantes. Na sala da exposição sobre o linho, os visitantes da APPACDM fizeram questão de

ver o filme, ficando muito atentos durante a sua visualização. Destacou-se, nesta visita, o facto de o toque nas vitrinas ou nos objetos expostos não terem sido alvo de chamadas de atenção, ao contrário dos restantes grupos. No final da visita, os visitantes diziam ao segurança que o «*guia explicou muito bem as coisas*», e que «*gostaram muito*».

A observação destas visitas guiadas permite agora apresentar algumas conclusões:

- O guia tentou adaptar o seu comportamento aos grupos que foi recebendo, de acordo com as suas características específicas e reações que iam sendo manifestadas;

- A linguagem foi adaptada de público para público e a interação e comunicação fomentadas, embora o caso do grupo da APPACDM vá ainda ser abordado num momento posterior deste trabalho, por satisfizer características de interesse para o estudo;

- Pese embora os esforços do guia para cativar os grupos recebidos (referindo-nos maioritariamente ao público escolar, que mais visita o Museu e observado em maior escala), verificou-se que a maioria das crianças tem dificuldade em concentrar-se, apesar de no final da visita as mais velhas serem capaz de identificar as características dos diferentes trajes e distingui-los.

A construção de estratégias de mediação com o público infantil/escolar através de atividades atrativas e criativas que criem laços com as crianças poderá ser uma possibilidade eficaz, com claros benefícios para a instituição cultural e para o público visitante. Essas atividades devem assentar numa lógica de aprendizagem multidisciplinar com o intuito de melhorar a experiência da visita.

CAPÍTULO 5

MEDIAÇÃO NO MUSEU DO TRAJE

5.1. – Iniciativas de mediação

As metodologias utilizadas formalmente para a recolha de dados neste estudo foram, como já mencionado em capítulos anteriores, a entrevista, a observação e a pesquisa bibliográfica. No entanto, não pode deixar de ser referido que outros elementos tiveram um grande contributo para informações recolhidas e aprendizagens alcançadas não representando, por isso, menos importância nesta investigação.

Referindo-se este capítulo à mediação no Museu do Traje, as conversas informais e a observação da realidade institucional (efetuada informalmente) foram dois grandes contributos para perceber a consciência que existe da necessidade de mediação entre o Museu e os seus públicos. Elas permitiram completar um dos objetivos pretendidos com a realização das entrevistas às funcionárias do Museu do Traje: entender as perceções e sentimentos em relação à questão da mediação. Foi mais fácil concretizá-lo assim pois, se questionados diretamente sobre o assunto, os envolvidos ao espaço não conseguem, muitas vezes, responder da mesma forma por não terem claro o conceito de «mediação» ou por não se sentirem suficientemente à vontade.

Em contexto informal pudemos verificar que existe plena consciência da necessidade de mediação entre o Museu e os públicos que recebe, especialmente entre o Museu e a comunidade que lhe é próxima (distrito de Viana do Castelo). Foi discutido, várias vezes, até que ponto as pessoas que vivem «perto» conheceriam ou não o Museu, incluindo os professores que acompanham as crianças, assentando-se que o desconhecimento é geral. Este foi, muitas vezes o ponto de partida para reflexões acerca do que seria necessário fazer e melhorar para mudar esta realidade. Um assunto bastante debatido foi também a inexistência de um *site* do Museu, que atualmente disponibiliza a sua informação através do *site* da Câmara Municipal de Viana do Castelo. O desenvolvimento de uma página na internet que permitisse uma visita *online* seria, nos dias de hoje, uma medida de mediação prioritária, pois a internet é «*o primeiro sítio onde as pessoas vão quando querem saber informação sobre alguma coisa*». O *site* foi referido como uma fonte de informação que, além de atrair visitantes, possibilitaria a visita a quem está longe e não pode visitar fisicamente o Museu, o que demonstra uma consciência clara da necessidade

de mediação e do que ela representa. Outro ponto importante referido várias vezes tem a ver com a divulgação direta na cidade, que não é feita com veemência. Esta divulgação concretizar-se-ia em atos simples mas eficazes, como a distribuição de panfletos sobre o Museu do Traje nos Hotéis.

Todos estes comentários e sugestões surgiram de forma espontânea e natural nas conversas a que pudemos assistir no contexto do Museu do Traje, o que revela que os seus colaboradores têm, de facto, uma consciência relativamente a este assunto, situação já visível nas respostas dadas às entrevistas. Opiniões e atenção sobre o assunto da mediação (mesmo que não o identifiquem com esta denominação) não estão, como pudemos apurar, propriamente em falta na consciência de quem opera no Museu do Traje. Mas será que isso se reflete nas práticas?

O Museu do Traje possui um Serviço Educativo, do qual já falamos anteriormente. No entanto, a lógica da mediação não está diretamente integrada em nenhum dos seus objetivos na medida em que não é indicada a finalidade de atrair novos públicos ou criar relações estratégicas duradoras com estes, embora as atividades realizadas nestes Serviços possam funcionar como mediação com os públicos que o visitam, de forma indireta ou inconsciente.

Do mesmo modo, e tal como foi referido nas entrevistas, existe a necessidade da visita de alguns públicos específicos no Museu do Traje (com deficiência, neste caso) mas, atualmente, não estão a ser tomadas diligências no sentido de criar condições para a receção deste público ou dar voz à construção de estratégias relacionais com estes.

Não devemos, no entanto, fazer uma relação imediata e direta entre a consciência que se vive no ambiente institucional em relação à mediação cultural e em relação às práticas que se verificam. Neste momento será prudente fazer uma referência ao que nos foi dito nas entrevistas recolhidas no Museu de Artes Decorativas em que alguns dos entrevistados referiram que *«não lhes cabia a eles»* fazerem sugestões ou que *«a verba para melhorias era limitada»*, o que também pode estar relacionado com o que se vive no Museu do Traje, pois estão ambos sob a mesma tutela.

A atenção que a equipa do Museu do Traje foi dando à questão da mediação com a comunidade local (incluindo a Direção) refletiu-se em algumas iniciativas que a própria tomou e que partiram do desejo autêntico e despretensioso de facilitar a acessibilidade do Museu às pessoas. Durante os nove meses de estágio assistimos a algumas iniciativas consideradas de

mediação, incitadas pela equipa do Museu do Traje. Sobre elas, seguem-se alguns relatos descritivos.

a) Comemorações da elevação de Viana do Castelo a cidade

A 20 de Janeiro de 2012 comemorou-se, em Viana do Castelo, o 164º aniversário da sua elevação a cidade. A efeméride foi assinalada com um vasto programa que terminou com o Encontro de Janeiras na Praça da República (centro histórico da cidade), em que participaram vários grupos da cidade, numa noite que se veio a revelar mais quente do que a época do ano podia prometer. O facto das comemorações se realizarem na Praça da República, localização do próprio Museu do Traje, representava à partida um benefício para a instituição. Consciente disso, a equipa do Museu não ficou alheia à iniciativa e não tardou em manifestar-se.

As Janeiras foram o mote para abrir o Museu nessa noite e permitir entradas gratuitas a todos os visitantes. Mas a equipa do Museu do Traje não se limitou a abrir gratuitamente o Museu nessa noite. Fê-lo de uma forma criativa e divertida permitindo, mais do que a divulgação, uma aproximação com as pessoas, numa verdadeira lógica de mediação com a população local.

Em estreita associação com a época do ano e, especialmente, com essa noite, a equipa do Museu do Traje dedicou-se à venda de vinho quente (confeccionado pelas próprias funcionárias) e de broa com mel. A noite das Janeiras depressa ficou conhecida no Museu como a «Noite do Vinho Quente». O vinho foi um êxito entre os adultos, sobretudo entre os grupos que cantaram as Janeiras, e a broa com mel agradou até aos mais novos. Estas duas iguarias foram, sobretudo, dois elementos muito importantes na mediação que se fez entre o Museu e a comunidade.

Nessa noite, o Museu do Traje tornou-se mais próximo de cerca de 280 pessoas, no total, contabilizadas as visitas e as pessoas que tiveram contacto com a equipa, embora não tivessem visitado a instituição. A alegria e satisfação de todos os que participaram nesta iniciativa foram visíveis ao longo de toda a noite, quer da parte da equipa do Museu quer da parte das pessoas que tiveram contacto com esta. Isto refletiu-se na cumplicidade, nos sorrisos e na adesão que a iniciativa proporcionou.

É de realçar o facto de esta ter sido uma iniciativa da inteira responsabilidade da equipa no Museu do Traje que trabalhou em várias frentes para que se pudesse realizar, manifestando consciência da necessidade desta atividade e tomando as diligências necessárias

para a efetivar de uma forma criativa, revelando sentido de oportunidade e abertura na aproximação ao público.

b) Dia Internacional da Mulher – 8 de Março de 2012

O Dia da Mulher é comemorado a 8 de Março há 101 anos. Neste dia pretende-se reconhecer a importância da mulher na sociedade e recordar as suas conquistas ao longo da História. A dignidade e nobreza da mulher, assim como de todas as pessoas, devem ser lembradas todos os dias. Esta é, no entanto, uma data particular em que se assistem a iniciativas especiais, um pouco por todo o lado, a pensar no género feminino.

Em Viana do Castelo várias iniciativas tomaram corpo neste dia, um pouco por toda a



Fig.6 – Distribuição dos «convites» para visitar o Museu do Traje, no Dia Internacional da Mulher

cidade. Desde a distribuição de flores e poemas em locais como restaurantes até à organização de exposições, distribuição de documentos ou jantares por entidades, as ações foram diversas. Os Museus da cidade também não esqueceram este dia, permitindo que as mulheres entrassem gratuitamente para visitar as exposições.

As equipas do Museu do Traje e do Museu de Artes Decorativas puseram mãos à obra e decidiram anunciar a oferta de uma forma ainda mais primorosa. No Museu do Traje, as funcionárias fizeram um pequeno tributo à mulher de Viana através de palavras de Ramalho Ortigão, lembrando de que forma elas são distintas e especiais desde sempre. Estas foram as palavras, escolhidas com carinho e cuidado:

O mercado semanal em Viana celebra-se às sextas-feiras, n'um largo lanço de estrada macadamizada, à beira da água, ao pé do jardim. A feira é constituída por mulheres de todas as freguesias circunvizinhas, d'áquem e d'além rio (...)

As vestimentas das vendedoras, conservando aqui, excepcionalmente, toda a pureza do costume tradicional, são as mais pitorescas, as mais graciosas, as mais variadas de côr e de linha, as mais felizmente achadas para fazer realçar a graça das formas, a ondulação dos movimentos, o mimo da expressão feminil (...)

Pois bem! Eu acho-me hoje na obrigação de declarar que nunca em parte alguma, vi mulheres mais bonitas do que algumas das que encontrei a vender na feira de Viana.

Este excerto de Ramalho Ortigão, pertencente à sua obra «As Farpas», foi impresso em pequenas folhas coloridas e atado com rafia, depois de enrolado. Como se de um convite se

tratasse foi distribuído nas ruas às mulheres anunciando-se assim, a possibilidade de entrada gratuita nos Museus que também estava comunicada à entrada do Museu.

As datas assinaladas pela população, especialmente no Município são, sem dúvida, oportunidades de que os museus da cidade usufruem para pôr em prática as suas ações de mediação/divulgação. Com a distribuição de cerca de 200 lembranças/convites, no Museu do Traje é impossível não assentir a noção que a equipa tem dessa realidade e a dedicação que empreende nas iniciativas, quer na concretização quer na conceção das mesmas.

A iniciativa levada a cabo pelo Museu do Traje e pelo Museu de Artes Decorativas teve um duplo propósito. Além da divulgação da instituição museológica pretenderam também que as pessoas tomassem conhecimento dos dois espaços museológicos, visitando-o e difundindo-o posteriormente, e quiseram criar uma aproximação com as pessoas através de estratégias desenvolvidas de uma forma afetuosa e divertida, o que fez toda a diferença no sucesso das dinâmicas de mediação.

c) Dia Internacional dos Museus – 18 de Maio de 2012

O Dia Internacional dos Museus é comemorado a 18 de Maio, desde 1977. A efeméride é tradicionalmente assinalada todos os anos nas instituições museológicas, com programas específicos dedicados ao dia.



Fig.7- Anúncio de entrada gratuita, na porta do Museu do Traje, no Dia Internacional dos Museus

A equipa do Museu do Traje dedicou-se à elaboração de uma proposta para este dia, que resultou num Plano de várias atividades a decorrer durante todo o dia.

O programa contemplou uma oferta diversificada, dedicada a públicos de várias idades e com interesses distintos, desde a oferta do ateliê dos Serviços Educativos até ao ateliê de Bordados de Viana do Castelo. No programa foi também incluída a atividade «Era uma vez a nossa história», apresentada a 76 crianças de uma escola do 1.ºCiclo, fruto do projeto deste estágio. A matéria referente à implementação desta atividade será

desenvolvida do ponto 5.2 deste capítulo.

O Dia Internacional dos Museus funcionou como mediação entre a instituição e a comunidade, sobretudo pela possibilidade de entrada gratuita, além da oferta das atividades. Durante todo o dia entraram no Museu do Traje cerca de 190 pessoas, número que ultrapassa largamente a média de visitantes de um dia regular. Foi também interessante verificar que entravam muitas pessoas a questionar as atividades que iriam realizar-se, mostrando interesse pelas mesmas, o que evidencia a função mediadora da oferta de atividades. Embora as condições meteorológicas não tenham permitido realizar a atividade prevista para a noite, nem consentido que o ateliê dos Serviços Educativos estivesse tão ativo como previsto pode concluir-se que as atividades realizadas do Museu do Traje tendo em vista atrair a comunidade foram, mais uma vez, um sucesso.

c) Oficinas Itinerantes

Durante a experiência que vivemos no Museu do Traje, a iniciativa de mediação mais pronunciada e consistente a que pudemos assistir, e em que tivemos a oportunidade de participar, foi a oferta das oficinas itinerantes dos Serviços Educativos dos Museus do Município e consequente ida às escolas.

Esta foi uma ideia concebida pela Direção dos Museus Municipais que tomou a diligência de a propor à Vereadora da Educação, Turismo e Cultura da Câmara Municipal de Viana do Castelo que, posteriormente, a divulgou às escolas (1.º Ciclo e Jardins de Infância) do Concelho através do envio de uma Circular (v. Anexo I). A reação das Escolas a esta proposta foi surpreendente e imediata. Duas semanas depois do envio da Circular, já estava organizada uma tabela de visitas, preenchida com atividades quase até ao final do ano letivo (v. Anexo II).

Assim, com o objetivo de proporcionar às crianças as atividades dos Serviços Educativos e uma breve apresentação acerca de cada Museu (Museu do Traje e Museu de Artes Decorativas), representantes de ambas as instituições deslocaram-se às escolas entre 23 de Abril e 18 Junho.

O objetivo das Oficinas não foi nunca o de substituir a visita das crianças aos Museus. Pelo contrário, foi o de cativar as crianças a visitá-los (quer com a Escola, quer com as famílias).

As visitas realizaram-se às segundas-feiras, dia em que os Museus estão encerrados ao público e em que havia, por isso, uma maior disponibilidade da parte dos funcionários para se deslocarem.

Como referimos, foram várias as escolas que solicitaram o serviço dos Museus e que receberam a sua visita. A rápida resposta das Escolas a esta oferta reflete, em primeira instância, «o facto das Escolas terem um problema na deslocação», que já nos tinha sido referido numa das entrevistas realizadas no Museu de Artes Decorativas. De resto, atenuar a dificuldade crescente na obtenção de transporte que as Escolas manifestam parece ter sido o objetivo central desta iniciativa.

Ainda assim, a ideia acabou por funcionar como uma ação mediadora que apostou na extensão educativa e cultural dos Serviços do Museu. Disponibilizando atividades para os alunos, fora das suas portas, contribuiu para o alargamento de



horizontes e saberes, desenvolvimento do sentido crítico

e criatividade, procurando alimentar a curiosidade dos intervenientes. Através das actividades, as crianças viram-se de uma maneira informal, desafiadas pela cultura e património.

As atividades realizadas pelo Museu do Traje com as crianças (alternadamente), ao longo das nove semanas de intervenção nas Escolas foram as seguintes:

- Lavradeirinha: as crianças constroem e pintam uma «lavradeira» de tecido e papel, segundo as cores do traje e a sua imaginação;
- Tear: num pequeno tear feito de cartão e lãs, as crianças vêm reproduzido o processo de tecelagem.

A metodologia de trabalho foi diversificando tendo em conta vários fatores, como a idade e o número de crianças. Uma vez que as oficinas estavam destinadas a duas equipas, o método, por norma, adotado foi a divisão da turma em que metade estava destinada à elaboração das atividades do Museu do Traje e a outra metade às atividades do Museu de Artes Decorativas.

Durante as três oficinas em que nos foi possível participar descobrimos que trabalhar com o público fora das portas do Museu é, de facto, uma experiência incrível e duplamente deliciosa. Embora não tenha sido uma intervenção de longa duração (devido à aproximação do

final do ano letivo) a durabilidade da operação foi suficiente para reconhecer o sucesso da iniciativa e para nos termos enamorado pela lógica da mediação, sobretudo nestes moldes.

As oficinas itinerantes consistiram na oferta de atividades que também se realizam no Museu do Traje. No entanto, o facto de se ter verificado a deslocação dos técnicos às Escolas, ao inverso do que acontece normalmente, fez com que tenham surgido novas variáveis e inovações na relação entre o Museu e as Escolas/crianças. A realização das mesmas atividades, com públicos com características idênticas suscita resultados e reações muito diferentes dependendo do espaço onde estas são feitas.

A escola é o espaço familiar às crianças e também o seu local de estudo e rotina, talvez por isso aqui pareçam manifestar uma atitude mais tranquila e afetuosa. Em boa verdade verificámos que na Escola se torna fácil para os professores manterem as crianças mais calmas o que é, por vezes, difícil no Museu, onde se mostram mais agitadas.

Com as oficinas itinerantes o tempo disponível para a elaboração da atividade passou a estar menos limitado. Libertos de alguns condicionalismos relacionados com transportes e deslocações, a atividade terminava à hora de almoço o que permitiu dar mais espaço às crianças para trabalhar ao seu ritmo.

As oficinas itinerantes permitiram-nos conhecer e aproximar de pessoas, sítios e entidades bem como descobrir e observar as crianças que visitam o Museu no seu *habitat* por excelência. Professores, Educadoras e Auxiliares revelaram-se anfitriões fantásticos e



Fig.9- Oficina Itinerante, numa Escola do 1.ºCiclo

manifestaram, regra geral, um constante equilíbrio entre ternura e disciplina com as crianças que quase sempre lhes retribuíam com gestos muito amorosos.

A equipa do Museu do Traje e do Museu de Artes Decorativas, que se viram a braços de interromper as Oficinas Itinerantes com o término do ano letivo, tencionam retoma-las em

Setembro, uma vez verificado o sucesso da intervenção quer junto quer do Museu, quer das Escolas enquanto resolução da dificuldade do transporte das Escolas e enquanto medida de aproximação das entidades: uma autêntica iniciativa de mediação.

5.2. – Contributos teóricos

Este relatório teve como objeto principal as práticas identificadas e observadas (e algumas vivenciadas) durante a nossa presença no Museu do Traje. No entanto, considerámos ser também relevante a apresentação concetual de algumas actividades que, tendo em conta o contexto que observámos, poderiam enriquecer a oferta institucional.

Em Educação, existem inúmeras teorias e autores influentes no que respeita à aprendizagem. No entanto, alguns merecem ser destacados à luz do conteúdo e dos objetivo(s) deste trabalho. Assim, e num primeiro momento, convocaremos contributos do **construtivismo social** que sustentam as nossas propostas.

A aprendizagem é um processo social complexo, cultural, organizado, especificamente humano, universal e necessário ao desenvolvimento. Deste modo, a aprendizagem precede o desenvolvimento. Assim, o desenvolvimento precede a aprendizagem convertendo-se naturalmente um processo no outro; a aprendizagem deixa de ser individualista, para ser social e facilitadora da aprendizagem dos outros» (Fontes & Freixo, 2004:15).

Na formulação da sua teoria, *Vygotsky* distingue a aprendizagem de desenvolvimento. Ele foi pioneiro ao considerar que a construção do conhecimento resulta de um processo social complexo, mediado pelo contexto sociocultural e histórico da criança inserindo-se numa corrente construtivista designada de construtivismo social (Fontes & Freixo: 2004). A passagem pelas características do construtivismo social, tendo como referência a linha de pensamento de *Vygotsky* e a importância por ele atribuída ao meio social na aprendizagem da criança, atesta que o meio social é crucial para a aprendizagem, sendo este o produto da integração dos fatores social e pessoal.

As mudanças na consciência são explicadas pela atividade social e, portanto, o meio social, através de instrumentos (objetos culturais, linguagem e instituições sociais), influencia o desenvolvimento cognitivo. Desta forma, a mudança cognitiva é uma consequência da utilização de instrumentos culturais, das inter-relações sociais e da transformação mental.

Ao estudar as funções dos alunos ainda em desenvolvimento ou o desenvolvimento potencial, surge um novo conceito na teoria *vygotskyana*, com implicações diretas na

aprendizagem: zona de desenvolvimento próximo (ZDP). A ZDP designa a capacidade de caminhar além do desenvolvimento real da criança (neste caso), com a ajuda do adulto ou dos seus pares. Isto significa que existe um período no desenvolvimento cognitivo que só será atingido através dos *inputs* que são necessários provocar, e que provêm das interações sociais. A criança atingirá o desenvolvimento (se houver um espírito de cooperação entre pares ou apoio do adulto) ao ser colocada perante uma situação de resolução de problemas, que não está muito próxima da sua zona de conforto, nem muito distante da zona a que se pretende chegar.

Vigotsky não foi o único pensador construtivista a desenvolver teorias sobre o desenvolvimento intelectual. À semelhança deste autor, *Jean Piaget* também defendia que o desenvolvimento do pensamento e da inteligência resulta da atividade e da interação que o indivíduo estabelece com o meio, num processo contínuo e ativo, como resposta aos estímulos exteriores. Este processo apoia-se em estruturas cognitivas que se vão organizando em etapas, com uma sequência regular, flexível e que se vai complexificando. Estes estádios ou etapas do desenvolvimento correspondem a diferentes momentos da evolução física, intelectual e social de cada ser humano e constroem-se, segundo Piaget (1978:11), como procura de *«uma equilibração progressiva, uma passagem perpétua de um estado de menor equilíbrio a um estado de equilíbrio superior»*. Os estádios (ou etapas) apresentados por Piaget foram quatro: estágio sensório-motor (0-18 meses), estágio da representação ou pré-operatório (18 meses/2 anos – 5/6 anos), estágio das operações concretas (5/6 anos - 11/12 anos) e estágio da inteligência formal (a partir dos 11/12 anos).

Neste sentido, o construtivismo salienta a capacidade de cada pessoa construir a sua própria aprendizagem e desenvolvimento, o qual se estrutura numa relação direta com o meio, nomeadamente no que respeita à interação estabelecida com os objetos, acontecimentos e pessoas, ao longo do tempo.

À semelhança de Piaget, *Bruner* tentou organizar o desenvolvimento cognitivo humano numa série de etapas: até aos 3 anos de idade, a criança passa pelo estágio das respostas motoras, dos 3 aos 9 anos faz uso da representação icónica, e a partir dos 10 anos de idade acede ao estágio da representação simbólica. Bruner considera que as crianças possuem quatro características que lhes estão inerentes: a curiosidade, a procura de competência, a reciprocidade e a narrativa:

- A curiosidade é uma característica facilmente observável em todas as crianças. Por ser tão comum, Bruner considera que a curiosidade é uma característica que define a espécie humana;

- A procura de competência também pode ser observada em todas as crianças, as quais procuram imitar o que os mais velhos com o objetivo de poderem reproduzir e recriar comportamentos e competências;

- A reciprocidade também é uma característica presente nos humanos. Envolve a profunda necessidade de responder aos outros e de operar, em conjunto com eles, para alcançar objetivos comuns;

- Por fim, a narrativa, entendida como a predisposição para criar relatos e narrativas da nossa própria experiência, como objetivo de transmitir essa experiência aos outros. É a narrativa que permite a partilha das experiências, por isso, é tão importante no processo de aprendizagem. Com a narrativa torna-se possível a partilha de significados e de conceitos, de forma a alcançar modos de discurso que integrem as diferenças de significado e de interpretação.

John Dewey insistia também na necessidade de aproximar a relação entre a teoria e a prática. Acreditava que as hipóteses teóricas só fazem sentido se transpostas para o quotidiano. Outra característica da sua teoria é a crença de que o conhecimento é construído através de consensos, que por sua vez resultam de discussões coletivas. Segundo Dewey, a aprendizagem ocorre com a partilha de experiências, que só é possível num ambiente democrático e sem obstáculos ao pensamento. O seu maior contributo deve-se à defesa de que para o sucesso do processo educativo se realizasse, bastava que existisse uma troca de ideias e comunicação saudável. Reconhecia, no entanto, que com o desenvolvimento das sociedades a distância entre os adultos e as crianças aumentou verificando-se, por isso, a necessidade da escola enquanto espaço para educar e para se ser educado. O papel dessa instituição, segundo ele, é reproduzir a comunidade, apresentar o mundo de um modo simplificado e organizado e, aos poucos, conduzir as crianças ao sentido e à compreensão das coisas mais complexas.

A filosofia deweyana remete para uma prática baseada na liberdade do aluno para elaborar as próprias certezas, os próprios conhecimentos, as próprias regras morais. Isso não significa reduzir a importância do currículo ou dos saberes do educador. Este deve apresentar os conteúdos escolares na forma de questões ou problemas mas não apresentar previamente respostas ou soluções; fazer uso de procedimentos que façam o aluno raciocinar e elaborar os

próprios conceitos para depois confrontar com o conhecimento sistematizado, em vez começar com definições ou conceitos já elaborados. Uma dos principais ensinamentos deixados por Dewey é o de que, não havendo separação entre vida e educação, esta deve preparar para a vida, promovendo seu constante desenvolvimento.

Os autores e teorias apresentadas, ainda de uma forma sintética, referem-se à corrente construtivista, com a qual pretendemos fundamentar as atividades propostas, mais adiante, por acreditarmos que a interação do indivíduo (especialmente da criança) com o ambiente e a forma como esta é promovida é crucial para no seu desenvolvimento e deve ser construída numa lógica de atividade coletiva e, sobretudo, criativa.

A acessibilidade aos Museus é também um domínio que merece alguma análise e reflexão, à luz de algumas abordagens teóricas. Na Constituição da República Portuguesa, a questão da acessibilidade é referida da seguinte forma:

1 - Os cidadãos, física ou mentalmente deficientes gozam plenamente dos direitos e estão sujeitos aos deveres consignados na Constituição, com ressalva do exercício ou do cumprimento daqueles para os quais se encontrem incapacitados.

2 - O Estado obriga-se a realizar uma política nacional de prevenção e de tratamento, reabilitação e integração de deficientes, a desenvolver uma pedagogia que sensibilize a sociedade quanto aos deveres de respeito e solidariedade para com eles e a assumir o encargo da efectiva realização dos seus direitos, sem prejuízo dos direitos e deveres dos pais e tutores.

3 - O Estado apoia as associações de deficientes.

Artigo 71.º da Constituição Portuguesa²⁴

A noção de contrato social remete para interpretações de regularização de vontades do indivíduo relativamente a vontades holisticamente aceites, tuteladas e legitimadas pelo Estado-Nação. «*O valor social dos indivíduos é, assim, pensado a partir da igualdade de oportunidades de exercício dos seus talentos (...), da liberdade de desenvolver a sua capacidade empreendedora no mercado e da participação fraterna na comunidade*» (Stoer e Magalhães, 2003:15, cit. por Rodrigues, 2003).

Ainda sobre o contrato social, Santos (1998) esclarece que, como qualquer outro contrato, este assenta em critérios de inclusão e exclusão. «*O conceito de inclusão não deve ser tido como um conceito inflexível, mas deve permitir que um conjunto de opções seja considerado sempre que a situação assim o exija*» (Correia, 2003:10), embora existam diferentes abordagens e perspetivas referentes às conceções de «inclusão» e «exclusão».

²⁴ Informação consultada em <http://www.parlamento.pt/Legislacao/Documents/constpt2005.pdf>

Importa, contudo, distinguir o conceito de «inclusão» dos modelos de «integração», que se tornaram conhecidos nos anos 70 e 80. Embora os estudos nos tenham alertado para a complexidade do processo, estes modelos assentiam como integração genuína ou viam como absolutamente vantajoso o simples facto de crianças com necessidades educativas especiais (NEE) estarem integradas no ensino regular. Integração é, então, diferente de inclusão, porque *«estar incluído é muito mais do que uma presença física: é um sentimento e uma prática mútua de pertença»* (Rodrigues, 2003:95). A inclusão ou a (des)igualdade de oportunidades estão, invariavelmente associadas com a problemática da acessibilidade que, por sua vez, se relaciona com os conceitos de deficiência ou NEE, embora não estejam só relacionadas com estes.

São, contudo, conceitos que têm vindo a ser maltratados e usados a despropósito e a par de expressões confusas e desconcertadas. Sendo certo que todos somos deficientes, no sentido em que não somos detentores da totalidade de tudo o que seria desejável não é pertinente afirmar que temos todas as mesmas necessidades no que respeita à acessibilidade. Esta corresponde a um caminho para a autonomia, implica não só a oportunidade de aceder aos espaços físicos mas também a todo o tipo de informação disponível.

As instituições culturais, nomeadamente os Museus, têm de assumir a sua responsabilidade social perante a inclusão de todos os possíveis públicos, que se afirmem como organismos promotores do diálogo e da interajuda social. Relativamente às instituições museológicas, Santos (2009:18) sublinha que *«... é importante reafirmar o direito dos cidadãos com deficiência a frequentarem os museus mas, mais importante ainda, é criar condições para que essa seja uma atividade dita «normal»*. Entenda-se aqui «normal» como classificação de uma atividade comum que possa ser efetuada com a regularidade desejada. Para se alcançar os ideais da inclusão social torna-se necessária a criação de programas dirigidos aos públicos diversificados que o Museu pode e deve receber.

Nas últimas décadas, os museus têm mantido relações com um público cada vez mais vasto que exige da parte destas instituições uma atualização constante e uma oferta cada vez mais atraente e diversificada. A qualidade e sobrevivência dos Museus passam, também, pela captação e inclusão de novos públicos, sem exceção. Mas, se numa primeira análise, constatamos que os públicos estão a despertar as atenções dos profissionais de Museus para a necessidade de programar e realizar atividades no sentido de atender às suas necessidades, por outro lado sabemos que a grande maioria não programa especificamente para novos públicos embora adaptem, se necessário e com alguma facilidade, as atividades que costumam realizar.

O público escolar continua a liderar as visitas guiadas nos Museus como, aliás, verificámos no Museu do Traje. Santos (*Ibidem*:90) alerta:

«Porém, muitas associações de apoio a pessoas com deficiência e centros de reabilitação avançam autonomamente como participantes e consumidores culturais. Da mesma forma, os museus tomaram consciência da amplitude dos seus serviços e estão alerta para as questões de acessibilidade, fazendo uso de todos os fins para alcançar a inclusão. Já não se pretende, apenas, que o público vá ao museu, pretende-se que ele volte»

Durante as dezasseis visitas que observámos, tivemos oportunidade de assistir à presença de uma dessas associações no Museu (no caso, a APPACDM), composto por oito elementos. Vimos que a visita seguiu a rotina habitual, embora tenham surgido pormenores que se evidenciaram, como já referido no capítulo alusivo à observação das visitas. Destacamos o tipo de linguagem utilizada (que, naturalmente, não seria a mesma se não fosse dirigida a um grupo de cidadãos com deficiência mental) e a distinção que foi feita ao não se terem feito chamadas de atenção quando os visitantes tocaram nas vitrinas ou nos objetos expostos. O facto de não terem sido omissas ou encurtadas propositadamente explicações, devido às características deste grupo (atitude expectável e tida como comum) acaba, no entanto, por representar um ponto de referência na observação desta visita.

Relativamente ao Museu do Traje e à problemática da inclusão/acessibilidade, não se verifica propriamente que haja falta de sensibilidade quanto ao assunto, até porque a pouca afluência de «cidadãos portadores de deficiência, em especial dos cegos», foi admitida nas várias entrevistas realizadas. O que se sente é a necessidade de explorar *«técnicas e tecnologias que permitam a criação de conteúdos informativos, didáticos e lúdicos que cativem o interesse e se adaptem às necessidades individuais de cada visitante»* (Neves, 2010:181).

Ainda sobre esta temática, tomámos conhecimento de algumas iniciativas que estão a ser tomadas no Museu de Artes Decorativas no sentido de criar condições para receber o público amblíope. No entanto, embora sejam de sublinhar os esforços, as ações não têm sido suficientemente expressivas para que, em vários meses de iniciativas, as condições de acesso deste público ao Museu estejam firmemente estabelecidas. Reconhecemos que o percurso para a inclusão é delicado e deve obedecer a inúmeras considerações. Nenhuma mudança se concretiza de um dia para outro, até porque antes de qualquer intervenção é necessário traçar um diagnóstico. Acrescem a este facto, razões/constrangimentos que desconhecemos e que poderão estar a condicionar o desenvolvimento destas iniciativas no Museu de Artes Decorativas ou a impedir a iniciativa da sua implementação no Museu do Traje.

As práticas de inclusão podem verificar-se em toda a parte, de diferentes formas. Referindo-nos especificamente aos públicos com deficiência, mencionados nas entrevistas e dos quais temos vindo a falar, nas associações, nas escolas, nos espaços culturais, *«a filosofia inclusiva encoraja (...) ambientes de entreajuda onde a confiança e o respeito mútuos são características essenciais que levam ao encontro de estratégias (...) tão necessárias ao fortalecimento das áreas fortes e à formulação de respostas adequadas às suas necessidades»* (Correia, 2003:33).

O Museu do Traje pode ainda não ter adotado todas as estratégias e planos de acessibilidade desejáveis, tendo em vista a inclusão universal e abrangente, mas não trabalha com o intuito de excluir qualquer grupo, instituição ou público. Demonstra-o a colaboração que mantém com a APPACDM – CEPVI (Centro de Emprego Protegido de Viana do Castelo), por exemplo, em que solicitam à instituição serviços diversificados.

Ainda em relação à comunicação com entre todo os cidadãos e os conteúdos museológicos, o assunto vai para além da disponibilidade que cada Museu manifesta em torna-lo real. A acessibilidade constitui um direito consagrado no Decreto-Lei nº163/2006 de 8 de Agosto que afirma que:

«... a promoção da acessibilidade constitui um elemento fundamental na qualidade de vida das pessoas, sendo um meio imprescindível para o exercício dos direitos que são conferidos a qualquer membro de uma sociedade democrática, contribuindo decisivamente para um maior reforço dos laços sociais, para uma maior participação cívica de todos aqueles que a integram e, consequentemente, para um crescente aprofundamento da solidariedade no Estado social de direito».

A importância que os Museus têm na formação do indivíduo é reconhecida, quer na definição de Museu da ICOM, quer na Lei-Quadro dos Museus Portugueses onde são despoletadas reflexões sobre o conceito de acessibilidade. Neves (2010:183) refere que

«...uma abordagem inclusiva à comunicação museológica prevê múltiplas soluções, facilmente moldáveis e adaptáveis a situações diversificadas; (...) e cria espaço para uma renovação constante do museu. Uma abordagem com preocupações de integração será também aquela que se socorre de estratégias de envolvimento directo dos seus visitantes, apelando a todos os sentidos (...). Tal atitude facilitará a experiência museológica a todos, incluindo visitantes com limitações sensoriais, nomeadamente cegos e surdos, aquelas que maior esforço precisam de despende para aceder aos espólios museológicos. Ao abrir o museu a visitantes cegos, através de soluções multisensoriais, facultar-se-á a todos os visitantes experiências únicas. Pensar em soluções para surdos, permitirá oferecer serviços que serão igualmente úteis a visitantes sem limitações auditivas. Uma comunicação baseada no multi-formato e na estimulação multi-sensorial potenciará uma dinâmica lúdico-educativa que levará o visitante a uma interacção activa com o museu e à apropriação pessoal das mensagens por ele veiculadas, independentemente do seu perfil pessoal. Ao deitar mão a produtos audiovisuais, verbais e não-verbais, tácteis, olfactivos e gustativos, apelando a todos os sentidos para o enriquecimento experiencial da visita ao museu, estaremos a retomar o que caracterizou os museus de outrora e o que poderá vir a desenhar os museus do amanhã».

Tornar o conteúdo dos Museus acessível a todos é um objetivo consensual defendido pelas organizações internacionais de profissionais de Museus que está também consagrado no nosso corpo legal. No entanto, a realidade das audiências heterogêneas nas instituições museológicas e da oferta múltipla, flexível e exigente que lhes é solicitada não é simples. Talvez por isso, a preocupação em propiciar verdadeiras condições de acessibilidade não esteja interiorizada na cultura portuguesa, pelo que a adoção de práticas desejáveis neste âmbito não é, ainda, um feito generalizado.

Como já referimos, o assunto da acessibilidade é amplo e envolve tantas *nuances* que nos permite levantar um sem número de questões. Além das barreiras arquitetónicas que podem impedir ou dificultar o acesso à informação por parte de várias pessoas, existem outras (culturais, cognitivas, educacionais ou sensoriais) que também são necessárias ultrapassar.

São exemplos das últimas a comunicação multissensorial e a importância do texto em contexto museológico. Relativamente ao texto no Museu, há a tendência para desvalorizar a questão da comunicação escrita. Na maioria dos Museus os textos não são tidos como relevantes argumentando-se, muitas vezes, a valorização das obras em detrimento destes. Vale a pena refletir sobre esta questão porque, de facto, assistimos muitas vezes a um simples despejar de parágrafos inteiros de páginas de catálogo nas paredes e, mesmo que hoje existam outras fontes de informações que, à partida, possam parecer mais atraentes, a verdade é que a maioria dos visitantes continua a procurar informação nos textos disponíveis nos Museus.

Coxall (2000) explica que para escrever textos inclusivos é preciso pensar no seu conteúdo e não só na sua forma. Cada objeto tem uma história (relacionada com quem os fez, quem os usou ou colecionou) que lhes pode dar vida e aproximar do visitante, fazendo com que permaneça na sua memória.

Relativamente ao conteúdo dos textos em contexto museológico, a Associação Europeia da ILSMH - International League of Societies for Persons with Mental Handicaps- (1998) indica como aconselháveis as seguintes características:

- Textos com bons títulos, que expressem nas primeiras linhas a informação mais importante (ideias principais) que se foquem no objeto de modo a que auxiliarem o visitante a compreender os mesmos de uma forma autónoma;
- O estilo da linguagem deve ser simples e direto. Questionar o visitante pessoalmente, usar uma linguagem viva e recorrer a citações são também indicadores de escrita acessível, relativamente ao estilo do texto;

- O uso do vocabulário deve ser sensato e ponderado. Todos os termos devem ser aplicados com consciência. Se, por um lado os termos técnicos e pouco familiares deverão ser explicados, as palavras do quotidiano podem ser usadas. Terá de encontrar-se um equilíbrio entre ambos a fim de evitar quer a desvalorização de termos do dia-a-dia, quer a ideia de que termos desconhecidos não chegam a todo o público. O uso equilibrado destes termos valoriza e enriquece o intelecto de todos os visitantes, inclusive das crianças e pessoas com deficiência (com quem muitas vezes infantilizamos demasiado a linguagem);

- A estrutura dos textos deve ser simples, assim como a pontuação. O *design* do texto (alinhamento, tamanho de letra, altura do painel ou tabela, iluminação, cores de fundo e da letra) também é um item a ter em conta no que diz respeito à sua acessibilidade;

- Deve estar presente uma contextualização histórica e uso de imagens, tendo em vista a explicitação do conteúdo e a captação de atenções;

Mas a questão da acessibilidade vai muito para além da comunicação escrita. Apesar de existir legislação e enquadramento jurídico que apoia o conceito de inclusão para pessoas com deficiência, estes são aqueles que representam maior dificuldade de implementação. Santos (2009:26) refere que

«...persiste, ainda, um sentimento de impotência, por parte dos intervenientes, que nem sempre sabem como actuar e que se questionam sobre se possuem as ferramentas adequadas para actuar, agir. Isto acontece, em grande parte, devido à grande diversidade e extensão do fenómeno da exclusão. Desta forma, desenvolve-se o comumente chamado «efeito bola-de-neve»: o sentimento de impotência leva à falta de motivação que, em última instância, conduzirá à redução da intervenção. Ainda assim, nos últimos anos, verifica-se um interesse crescente nesta área, começando a produzir profundas alterações nas intervenções realizadas. Acontece, por vezes, que os agentes que criam obstáculos à participação efectiva, são os próprios indivíduos, que alternam entre o envolvimento activo e intensivo e a atitude passiva e desencorajadora, sendo o factor «participação» uma das componentes mais importantes para se desenvolver uma abordagem integrada».

Vários têm sido os esforços para que os conteúdos cheguem a mais e novos públicos, mas a verdade é que ainda não chegam a todos de forma igualitária e que nem em todas as instituições as preocupações são as mesmas. As diligências que são necessárias tomar, em projetos realmente inclusivos, são extensas. O conceito europeu de acessibilidade²⁵ propõe que desde a sua construção, um edifício defina a sua extensão de acessibilidade. Assim, em relação à adaptação de edifícios, há que considerar normas relativamente ao acesso:

- Entrada – acesso ao nível da rua / rampa com ligeira inclinação;

²⁵ Informação consultada em: http://acessibilidade.cm-lisboa.pt/fileadmin/DAS-NA/Biblioteca/Design_Inclusivo/Conceito_europeu_de_acessibilidade_V2_Portugues.pdf

- Informação sobre a traça interior do edifício – mapa com número identificação de andares, elevadores, escadas, rampas, saídas de emergência, etc.;
- Informação sobre a disposição e localização de serviços;
- Sistemas de apoio e/ou assistência personalizada;
- Acesso através de elevadores, rampas com inclinação leve e harmoniosa, corredores e portas largos, gabinetes espaçosos;
- Sanitário – Pelo menos um por andar e com dispositivos acessíveis para pessoas dotadas de capacidade de manobra diferenciada;
- Planos de emergência;
- Sinalética clara, tanto a nível visual como acústico;
- Iluminação suficiente e indicadora dos itinerários a seguir;
- Ar condicionado com boa manutenção e segurança;
- Paredes livres de obstáculos;
- Elementos decorativos, tendo o cuidado de eliminar todos os possíveis obstáculos, tais como: grandes espelhos que transmitem sensação de continuidade do espaço; pavimentos encerados; portas a infravermelhos; tapetes não presos ao chão; balcões de atendimento demasiado altos e / ou com arestas salientes e superfícies refletoras;
- Todas as peças expostas se devem encontrar em lugares acessíveis;
- Informação disponibilizada em formato visual, sonoro e tátil;
- Lojas com os artigos assinalados com preços em etiquetas visíveis;
- Bar com cadeiras para crianças, menus em Braille, opções para vegetarianos e celíacos;

O mesmo documento defende a necessidade da existência de um conceito de acessibilidade, dadas as diferentes características dimensionais, percetivas, motoras e cognitivas existentes na riqueza da diversidade humana. Além de estabelecidas normas de acessibilidade para pessoas com deficiência motora também é referida a importância da acessibilidade ao público com deficiência mental, cognitiva e percetiva. A ideia é que se possa criar um «design sustentável», acessível a todos (tendo em consideração qualquer diminuição das capacidades motoras, visuais, auditivas, cognitivas, mentais, assim como as necessidades de crianças e idosos). Este é o conceito, de «design for all» – desenho para todos.

5.3. – Propostas de atividades e instrumentos

A produção de sugestões no âmbito do Museu do Traje é uma das componentes mais relevantes deste estudo, tendo em conta os objetivos inicialmente traçados, mas principalmente a realidade observada ao longo da permanência na instituição.

O tempo e o espaço foram, de facto, duas componentes essenciais para a perceção de determinadas realidades que, de outra forma, não poderiam ter sido compreendidas nem analisadas com a mesma autenticidade e rigor. Ao longo do tempo, a dinâmica e atividades do Museu do Traje foram fazendo parte do quotidiano do estágio profissional, até que deixassem de ser incógnitas e ameaçadoras.

Mais do que um envolvimento com a rotina e dinâmicas institucionais, a permanência no Museu do Traje permitiu, através das técnicas metodológicas de recolha de dados que o estudo previu, mas também através dos inevitáveis informalismos que as relações interpessoais implicam e possibilitam, retirar numerosas conclusões relativamente às carências sentidas na instituição.

As atividades existentes no Museu do Traje, que decorrem no contexto dos Serviços Educativos, estão direccionadas sobretudo para crianças (ensino pré-escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico).

Com base na realidade observada, nos dados recolhidos e nos fundamentos teóricos que têm vindo a ser referidos, deixamos a proposta de algumas atividades e instrumentos que, se crêem poder adotar no Museu do Traje ou servir de referência a outros que se adotem futuramente.

5.3.1 «Era uma vez... a nossa história»

«Contar histórias é brincar com as palavras, sonhos, imaginação, expressões, sentimentos... É deixar, por alguns instantes, de ser você mesmo para assumir um pouco da vida dos personagens. Contar histórias é se entregar aos ouvintes: imaginar como conquistá-los, tentar adivinhar como cada palavra, gesto, expressão repercutirá no interior de cada um» (Guerreiro & Alves)²⁶.

A primeira atividade proposta foi efetivamente implementada (no Dia Internacional dos Museus). Segue-se a descrição da implementação e respetivas conclusões acerca da mesma.

²⁶ Informação consultada em: https://docs.google.com/viewer?a=v&q=cache:O11z2pGtig4J:alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_antiores/ana14/Sem02/C02002.doc+&hl=pt-PT&pid=bl&srcid=ADGEEShDc6LkeMzM-GKV8eJRzBoB4oGlvE3m0Tcuruhu7oJrYrsyc60oCj4zeklN6eAr95RjQ20HpYLQ2l-JCKqPks8so_RvMZE9qWN3Vpo0BxAQLGm4EjdS8zu9W0dVcentKJFRrA9&sig=AHIEtbSAmb7Zfr5wCNMO3XOCiN7GbH5Slw&pli=1

Tabela n.º 1 - Planificação da atividade - «Era uma vez a nossa história»

Público-Alvo	Alunos do Ensino Pré-Escolar e 1.ºCiclo
Objetivo(s)	- Transmitir a informação relevante sobre o traje «à vianesa» de uma forma lúdica; - Evidenciar a relação entre o passado e o presente da localidade
Descrição	<p>Começar por sentar as crianças para que ouçam a história. Uma vez sentadas, ouvem a história de um menino, o João, que viaja até ao século XIX, onde a lavradeira Rosa lhe fala do traje «à vianesa»;</p> <p>A história é contada com dois bonecos, que representam os personagens: o João e a Rosa. À medida que a história é contada são mostrados painéis, com imagens de vários trajes.</p> <p>Durante a atividade é suposto que haja interação com as crianças através de perguntas, trocadilhos e conversa com a Rosa e o João.</p> <p>O guião da história (V. Apêndice IX) é apenas a base para esta atividade. O improviso que daí advier é desejável e fará parte da visita.</p> <p>A atividade deverá ser curta e animada, de modo a que os visitantes não se aborrecam e «memorizem» a informação que é pretendida transmitir.</p> <p>No final, todas as crianças podem tocar nos bonecos, de forma ordeira. Depois percorrem a exposição. Aqui será associado o conteúdo da história ao que está exposto. Este momento será aproveitado para tornar a informação da história mais completa.</p>

Um dos objetivos traçados no início deste projeto foi o de tentar perceber que tipo de atividades podem ser adotadas/privilegiadas, considerando as especificidades dos públicos que não evidenciam a sua presença no Museu do Traje. No entanto, apesar de termos tomado conhecimento que são as Escolas (ensino pré-escolar e 1.ºCiclo) que mais visitam o Museu, a observação destas visitas levaram-nos a propor uma atividade dirigida a este público, no sentido de as tornar diferentes pois percebemos que as visitas eram orientadas de modo semelhante, independentemente do público a que se destinavam.

Encontrar e adotar estratégias diferenciadas durante as visitas tendo em conta as características dos diferentes públicos, e pretender aproximá-los do Museu, revelaram-se necessidades às quais demos prioridade.

Assim, propusemos à Direção e equipa do Museu do Traje a atividade «Era uma vez a nossa história», anteriormente descrita. A denominação atribuída à atividade «Era uma vez a nossa história» teve como base o duplo sentido que encontrámos na expressão: por um lado indicia a enunciação preliminar dos enredos infantis, à qual procurámos atribuir um construtivista com o termo «*nossa*». Por outro, é também verdade que o título «a nossa história» foi atribuído com uma finalidade diferente: a de pensar a palavra «história» enquanto tradição, cultura e raízes, associadas neste caso ao traje que pertence a todos nós, em especial aos vianenses.

A actividade foi pensada com o intuito de ser incluída numa visita com crianças, de forma a torna-la mais lúdica e atrativa distinguindo-a, precisamente, de uma visita comum. A lógica da mediação imprime-se nesta atividade, bem como nas restantes, que deixamos como proposta, uma vez que o que é pretendido é o estabelecimento do diálogo com o público através da própria atividade que deverá servir de pretexto para a aproximação com as crianças (neste caso). Na apresentação da proposta foi feita uma descrição genérica e expostos os objetivos. A reação da Direção e equipa foi positiva e entusiástica, sendo que todos se disponibilizaram para auxiliar nas diligências necessárias a adotar para que a atividade pudesse ser realizada.

O primeiro passo a dar foi escrever o guião da história (v. Apêndice IX) que servisse de base à atividade: criar personagens e um pequeno enredo que evidenciasse o traje à «vianesa» e os diferentes trajes usados pelas lavradeiras. Depois, foi necessário dar corpo e vida aos personagens e criar estratégias para a apresentação da história: conceber suportes e preparar a exposição de algumas imagens.

Após a redação do guião, a partir do qual nasceram os personagens Rosa e João, partiu-se para a elaboração de uma caixa que serviu de base e cenário para a apresentação da atividade «Era uma vez a nossa história».

Nesta fase do trabalho foi imprescindível o apoio prestado por parte de toda a equipa do Museu do Traje, sobretudo pela responsável dos Serviços Educativos, que se mostrou incansável no que tocou à idealização e conceção dos bonecos e cenários. Com criatividade e



Fig.10 - Elaboração dos personagens «Rosa» e «João»

muito afeto, a Rosa e o João foram sendo cobertos com trajes feitos à medida, retratando a época em que cada um vivia. Trabalhámos na conceção da atividade durante várias semanas. O guião foi escrito e revisto pelos responsáveis (da academia e instituição), foram

feitas considerações acerca da forma e decoração da caixa,

concebidas estratégias de apresentação da história, pensadas formas de interação com as crianças e apresentação dos principais trajes.

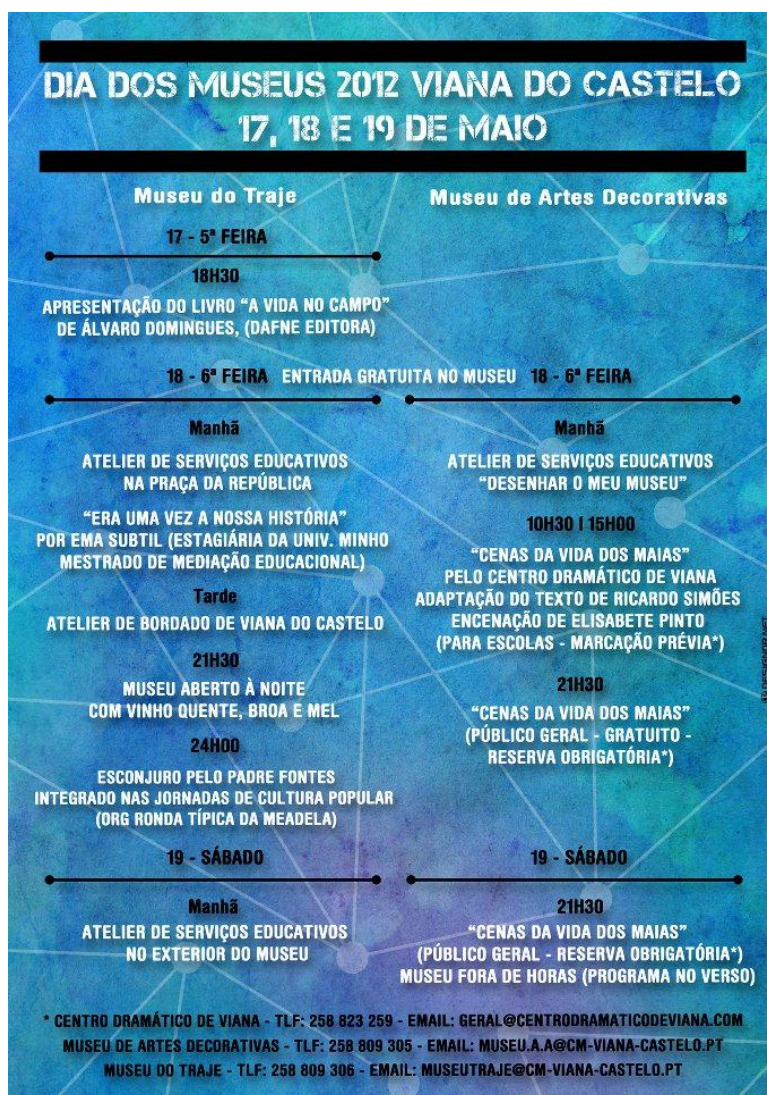


Fig.11 - Cartaz com atividades para o Dia Internacional dos Museus

Alguns dias antes da comemoração do Dia Internacional dos Museus, faltava apenas aprimorar alguns pormenores da atividade pelo que foi decidido inclui-la no Plano de atividades pensado para este dia. Com satisfação e ansiedade mescladas, ficámos a saber que a atividade seria apresentada a 76 crianças de uma Escola do 1.ºCiclo, que já tinham a sua visita previamente marcada, e onde tínhamos estado quatro dias antes com as Oficinas Itinerantes. Já conhecíamos, por isso, as Professoras e algumas crianças.

No dia anterior à implementação da atividade, houve um ensaio geral com a equipa do Museu. Todos estavam muito animados e fingiram ser crianças por momentos. Este ensaio foi extremamente útil e pertinente já que recebemos sugestões relativamente a posturas, gestos, interações passives de adotar, interações e descuidos a evitar.

Quando chegaram as crianças na manhã de 18 de Maio de 2012 o grande grupo foi dividido, como é hábito fazer-se com um número tão elevado de alunos. Metade das crianças visitou o Museu do Traje, enquanto as restantes visitavam o Museu de Artes Decorativas e, depois, permutaram.

A atividade foi primeiro experimentada com as crianças mais pequenas: *1.º e 2.º ano de escolaridade*. Começámos por sentá-las no centro da sala de exposição, com a caixa virada

de frente para eles. Enquanto isto acontecia, algo que me chamou a atenção foi o facto de a professora ter feito questão de dizer para «não me preocupar porque eles não faziam barulho». Na realidade, uma preocupação típica dos professores que acompanham as crianças mas que, neste caso específico, nos preocupou especialmente, pois não desejávamos que as crianças estivessem propriamente advertidas para estarem em silêncio uma vez que a atividade previa que as crianças participassem com questões, respostas a perguntas e intervenções espontâneas. Além disso, grande parte da atividade seria baseada no improviso em função das suas reações, pelo que o seu silêncio comprometeria o sucesso da apresentação da história.

Antes de iniciar o conto da história, estabelecemos uma curta conversa introdutória em jeito de quebra-gelo com as crianças, com o objetivo de conseguir uma aproximação com elas e ganhar a sua confiança. Perguntamos-lhe de onde vinham, se sabiam onde estavam e em que ia consistir a visita ao Museu do Traje. Este é, aliás, o procedimento adotado numa visita regular.

A apresentação da história teve como referência o ensaio do dia anterior. Começámos por apresentar o João sendo que, quando referimos a sua faceta de menino curioso, lhes perguntámos «quem aqui é curioso?». Percebemos a dificuldade que íamos ter em receber *feedback* da parte deste grupo quando vimos apenas alguns braços no ar e reações tímidas. Continuámos com o conto, sempre com postura animada: voz colocada, gestos



largos e, claro, tentando captar atenções com a Rosa e o João

que, entretanto, passámos para o público na tentativa de cativar atenções através do toque e do reparo nas roupas pormenorizadas de cada boneco. Duas ou três crianças em particular colaboraram muito connosco. Responderam a todas as perguntas, entrevistaram e fizeram bastantes comentários quando mostrámos as imagens dos trajes, identificando-os, depois, nas vitrinas da exposição. Mas, de um modo geral, o restante grupo colaborou apenas, quando lançámos desafios mais específicos e de resposta mais fácil. Por exemplo, quando perguntámos os dias da semana para introduzir o traje de domingo, a resposta ouviu-se em uníssono.

Achámos, no entanto, surpreendente o facto de as crianças não terem dado muita importância à possibilidade de tocarem nos bonecos, desistindo facilmente deles. Sentimos que nos ouviam atentamente e conseguimos respostas às perguntas, mesmo que relacionadas com o traje, mas a tranquilidade predominou entre os meninos. Apesar de serem crianças tão pequenas, normalmente as mais agitadas, reconhecemos que a professora tinha razão ao dizer que iam «ficar caladas». No final da atividade um guia terminou a visita, mostrando às crianças os trajes expostos com uma apresentação ligeiramente mais pormenorizada, que relacionou com os personagens, e a Sala do Ouro.

Ficámos apreensivos com a primeira experiência da atividade e com os resultados da sua implementação, embora o balanço não tenha sido negativo. Não sabíamos que instruções específicas traziam as crianças relativamente ao seu comportamento no Museu, nem até que ponto as tinham ou não cumprido ou se isso influenciou a sua reação à atividade. Por outro lado, ficámos a pensar na idade das crianças, nas estratégias utilizadas e na própria forma de apresentação: seria esta uma atividade adequada para crianças desta idade? Teriam sido as estratégias de apresentação adotadas (os painéis com imagens, a caixa, o tipo de história...) as mais indicadas? A forma de apresentação (questões, intervenções, gestos, colocação de voz...) poderia ser melhorada tendo em conta as características do público?

Também não pudemos deixar de pensar nas visitas que havíamos observado, o que nos levou a considerar a imprevisibilidade das reações dos grupos, mesmo que tenham as mesmas idades e orientações. Na realidade, o temperamento dos professores e a forma como convivem na escola também influencia o comportamento/reações no Museu, por exemplo.

Restava-nos esperar pelo *grupo dos alunos mais velhos* (3.º e 4.º anos), que viriam do Museu de Artes Decorativas, cujos alunos da turma do 4.º ano bem como a respetiva professora, já conhecíamos bem, por havermos estado com eles nas Oficinas Itinerantes e com quem conseguimos estabelecer uma relação de proximidade e afeição. Desta vez, a atividade foi filmada, de forma a colher um registo com duplo propósito: registar o dia em que atividade foi implementada e permitir a posterior análise dos pontos fortes e estratégias a melhorar; útil para nós, para a instituição e para acompanhantes (da instituição museológica e da academia).

Quando este grupo chegou ao Museu, os procedimentos iniciais adotados foram os mesmos. Depois de sentadas as crianças no centro da sala da exposição, começámos por estabelecer com elas uma primeira conversa nos mesmos moldes e com os mesmos objetivos que eram pretendidos atingir com o grupo anterior. Logo nesta fase verificou-se uma reação

muito diferente relativamente ao primeiro grupo. Apesar de já virem de uma outra visita, o que poderia comprometer o entusiasmo das crianças, constatámos que estas estavam visivelmente mais animadas e respondiam mais entusiasticamente. Não podemos deixar de referir que as crianças que já nos conhecíamos e com quem havíamos estabelecido uma relação de cumplicidade dias antes na Escola, manifestaram de imediato reações de satisfação ao ver-nos (através de acenos e apelos), típicas nas crianças que se encantam com o nosso afeto e atenção.

Seguimos relativamente os mesmos passos da apresentação anterior. Contudo, as reações foram, de facto, diferentes. Os registos de vídeo mostram o entusiasmo de muitas crianças que colaboraram com perguntas e intervenções. À medida que eram revelados os painéis com as imagens dos trajes, as crianças associavam-nos aos trajes das vitrinas, à semelhança das mais pequenas, sendo que estas o fizeram com mais frequência. Como já sabem ler perfeitamente, o sucesso desta associação era quase garantido, pois as crianças liam as legendas. Foi curioso observar que a iniciativa desta associação partiu das crianças, tanto num grupo como noutro, o que também revela a atenção com que estavam ao ouvir o nome dos trajes.

A Rosa e o João também circularam entre as crianças deste grupo. No entanto, ao contrário do que aconteceu com os mais pequenos que depressa desistiram dos personagens, estas quase que deixaram de ouvir-nos, tal foi a agitação provocada pelos bonecos. Nenhuma das professoras (3.º e 4.º anos) havia intervindo até aqui. Apesar da animação evidente das crianças não foram dadas indicações para se acalmarem ou modificarem comportamentos. Contudo, quando a Rosa e o João circularam a professora do 4.º ano dirigiu-se a nós dizendo que «achava que íamos ter que arrumar a Rosa...». De facto, o impacto foi tal que todos queriam tocar nos dois bonecos e tirar fotografias com ambos. Nas conversas que havia tido com a responsável dos Serviços Educativos antes da implementação da atividade, já tínhamos previsto a possibilidade desta ocorrência. A sugestão que, na altura, recebi e que resolvemos aplicar foi dizer aos meninos que todos poderiam ver e tocar na Rosa e o João (e, neste caso, tirar fotografias) no final da visita. Não foi difícil retomar a dinâmica da apresentação, pois pareceram confiar em nós. A maioria das crianças pareceu ter continuado animada até ao final da apresentação, contribuindo com intervenções, perguntas, piadas e respondendo sempre aos desafios.

Destacamos, no entanto, algumas evidências menos positivas e que as imagens registadas deixam a nu. Os meninos que mais participaram foram os que estavam à frente, perto da caixa, e que acabaram por mexer nos bonecos (que não chegaram a todos na altura da apresentação, pelo alvoroço que começou a ser provocado). Verificámos que as crianças que estavam mais afastadas participaram menos. Com isto podem ter a ver vários fatores como: a própria dinâmica da atividade que pode não ter envolvido todos da mesma forma por nossa responsabilidade, o número de crianças que, eventualmente, poderia ser demasiado elevado e a realidade da composição logística na sala que poderá ter visto reunidas de uma forma natural as crianças mais tímidas mais longe da «ação».

Mais uma vez, as imagens dos trajes nos painéis pareceram não causar grande impacto. A apresentação destas imagens pareceu não ter encantado tanto as crianças como os trajes expostos nas vitrinas, como é natural. Contudo, não podemos deixar de concordar que também trouxeram algumas vantagens. Foram úteis para introduzir os nomes dos trajes e para evidenciar algumas diferenças entre eles. Embora não tenham sido um grande sucesso, levando-nos a repensar neles enquanto estratégia, os painéis permitiram fazer um pequeno jogo de «encontrar as diferenças».

Com o desfecho de «Era uma vez a nossa história», estava na altura do guia finalizar a visita, para mostrar as vitrinas com os trajes e a Sala do Ouro às crianças. Nesta altura as crianças estavam, de facto, muito agitadas pelo que resolvemos utilizar um rápido jogo em que diríamos «azul!» e elas «vermelho!». Repetimos a proeza várias vezes e ficámos satisfeitos ao perceber que além de ter funcionado como tranquilizante alternativo aos gritos e ordens tradicionais e a que nos habituados a ouvir, foi um momento criativo e de satisfação para as crianças. O resto da visita, que acompanhámos, correu sem percalços. As crianças pareceram apreciar e, sobretudo as que já nos conheciam fizeram muitas perguntas relacionados com o Traje.

Muito singular foi o comportamento das crianças que vieram ter connosco para mostrar o resultado da atividade da *Oficina Itinerante* (o tear). Algumas tinham feito pequenas carteiras, outros afirmaram já estar a fazer um segundo tear. Recordamos uma conversa com a professora em relação a este assunto. Esta afirmou ter sido «muito significativo para eles, pois no mesmo dia estiveram a terminar a atividade nos intervalos e uma das crianças ofereceu o tear ao pai, que fazia anos».

Tirar uma fotografia com a Rosa e o João foi também uma preocupação constante até ao final da visita e, como lhes fora prometido, todos puderam tocar nos bonecos antes de sair do Museu e tirar fotografias com eles, na receção.

Com tudo isto, a partida deste grupo revelou-se difícil. Primeiro porque a relação de proximidade com as crianças, que já existia com algumas delas, estava a definir-se com quase todas devido não só à atividade mas também ao acompanhamento durante a visita e, depois, o efeito da atividade foi de tal forma positivo, pese embora alguns aspetos a melhorar, que a satisfação das próprias crianças tornava claro que estas não queriam ir embora. Antes de partirem, todos assentiram que haviam gostado da visita. Um dos meninos disse até: «não gostei, adorei!».

Experimentada a atividade com os dois grupos, era evidente a necessidade de **reflexão** em torno do assunto tendo em conta, sobretudo, a diferença nas reações de ambos. A gravação da atividade com o segundo grupo foi vista por nós e pela equipa do Museu do Traje, tendo sido essencial para esta reflexão (feita por ambas as partes) pois permitiu a análise da implementação da atividade, reações das crianças e possibilidade de reformulação de estratégias de apresentação em função disso.

Depois de considerar a implementação da atividade, e com a contribuição de sugestões da equipa do Museu do Traje, chegámos à conclusão que embora a atividade tenha sido um sucesso, era possível melhorar alguns aspetos, já referidos anteriormente.

Acerca da questão dos painéis e, uma vez que as crianças foram fazendo referência às vitrinas da exposição, surgiu a possibilidade de apelar apenas aos trajes expostos (sem recurso às imagens) tornando também a atividade mais curta e «menos cansativa». Uma outra possibilidade que surgiu foi a criação de mais bonecas lavradeiras, que envergassem os diferentes trajes. A responsável dos Serviços Educativos sugeriu que se criasse a «família da Rosa». Tendo em conta os objetivos desta atividade e sucesso que os bonecos tiveram junto do segundo grupo esta pareceu, também, uma ideia muito pertinente e apelativa.

Posto isto, achamos que era necessário experimentar estratégias diferentes com futuros grupos. O facto de termos feito a atividade com apenas dois grupos, vindos da mesma Escola, não era ainda suficientemente significativo para determinar se as estratégias utilizadas comprometiam ou não o sucesso da apresentação da história. Tomámos consciência que teríamos que agir como um animador de grupo que *«precisa conhecer o nível de possibilidades*

e riscos de cada técnica. Mas isso não é tudo. Um bom coordenador ou animador precisa ter consciência de suas capacidades e habilidades no manejo e utilização de cada técnica...» (Idáñez, 2004:25).

Como previsto, «Era uma vez a nossa história» foi incluída nas visitas das Escolas que se seguiram. Conforme as circunstâncias e características dos grupos experimentamos estratégias diferentes. As reações à atividade foram muito diversificadas e, embora não seja possível estabelecer um modelo exato de reação associado às características dos visitantes, houve realmente padrões que se repetiram e que estão, sem dúvida, associados à idade das crianças, dimensão dos grupos e tempo disponível. Com a adoção desta atividade, descobrimos a importância de desenvolver a comunicação e a participação dentro de um grupo, e de tentar encontrar estratégias para destruir as barreiras e obstáculos a essa participação. Falamos, ainda, de grupos peculiares, compostos por crianças, com as quais não podem ser implementadas quaisquer estratégias.

Na verdade, o sucesso desta atividade depende muito da participação das crianças que devem experimentar um sentimento de igualdade e redução do clima intimidatório a fim de sentirem o apelo da participação. «*O clima permissivo e a informalidade ajudam a criar uma situação em que as pessoas se sentem confortáveis (...)*» (idem:32). Além do sentimento de igualdade e da redução do clima intimidatório (assim como a dimensão do espaço físico ou a disposição dos materiais) existem outros fatores que podem associar-se à participação das crianças e cuja relação entre ambos observamos durante a implementação da atividade com os vários grupos.

De uma forma geral, as crianças dos Jardins de Infância (3-5 anos) são as que entram no Museu mais timidamente e com mais dificuldade em interagir, atendendo à sua idade. Uma vez sentados para assistir a «Era uma vez a nossa história» permaneciam calmos mas só até determinada altura, em que começavam a manifestar-se com comentários, quase sempre descontextualizados. Era-lhes, de certa forma difícil perceber o que era dito acerca dos trajes, pelo que se tornava lógico e natural transmitir apenas o básico e essencial e optar por fazer pequenos «jogos» com contagens, e destacar as cores e dos personagens Rosa e João.

Uma vez que a atividade foi sempre feita no âmbito de visitas guiadas, o guia colaborou na lógica dos personagens Rosa e João e utilizou-os como referência no resto da visita. Os personagens iam, então, sendo referidos ao longo da visita, (na sala da exposição do linho explicava-se que «a Rosa fazia as suas roupas de linho»; na Sala do Ouro dizia-se que «a

Rosa usava ouro», por exemplo) e estratégia foi utilizada de diferentes formas. Com os mais pequenos, por exemplo, chegámo-nos a sentar numa pequena roda, onde o guia fez perguntas aos meninos com o João e a Rosa na mão questionando as diferenças entre as roupas de ambos. Foi também assim que se perguntou às crianças quantos trajes de Festa, ou de Domingo se podiam ver no Museu (pedindo-lhes para os contar), e que cores tinham estes, entre outras perguntas que pudessem estimular crianças desta idade, o que pareceu funcionar em termos de participação.

As intervenções da maior parte das crianças provenientes dos Jardins-de-infância na atividade «Era uma vez a nossa história» não se relacionavam, de facto, com o conteúdo da história, embora interrompessem com muitos comentários irrelevantes e inocentes (frequentes em crianças desta idade). O João e a Rosa foram queridos entre os mais pequenos, sendo que verifiquei que todos quiseram tocar-lhes e até transporta-los durante o resto das visitas. Contudo, salvo raras exceções, não houve confusões por causa dos dois personagens entre os meninos do pré-escolar.

Em relação aos alunos do 1.º ciclo, as reações que se foram manifestando nos vários grupos revelam que a atividade foi mais frutífera junto deste público. A idade das crianças, que lhes permite uma outra compreensão do que lhes é dito, espelha claramente reações muito diferentes. Tendo em conta o conteúdo da atividade, a participação das crianças do 1.º Ciclo foi mais pertinente, o que não é de estranhar. É natural que crianças com idades compreendidas

6 de junho
Adoramos esta visita. gostei de ir ao cofre (Arquivo).
Os trajes são lindíssimos. A interpretação
no teatro serviu como mote de
aprendizagem para todas as crianças.
Ver o processo de ir e do limbo. Fiquei a saber
que a mãe da alfalda do pré-escolar trabalha
com o teatro.
E.B.1/JI Fouquim 6 junho.
Obrigada pela celebração das esquilas
Enna e Gil.
Vieira continue a ser uma cidade
linda.

entre os 3 e 5 anos não rejam da mesma forma à informação relativa ao traje que lhes é transmitida, nem tão pouco à atividade.

Com as crianças do 1.º Ciclo foi mais simples contar a história da Rosa e do João na medida em que

Fig. 13- Registo de crianças que visitaram o Museu do Traje durante a implementação do nosso projeto

as crianças colaboravam mais, com perguntas mais a propósito e contextualizadas, sendo que se sentiam notoriamente mais atraídas com a dinâmica que elas próprias haviam criado. A

interação com a Rosa e com o João mostrou-se mais vincada entre os grupos com as crianças mais crescidas, facto que nos surpreendeu. Talvez a isto se deva o simples facto de para estas crianças o conteúdo da atividade/visita ser mais apelativo e provocar mais curiosidade.

Mas, independentemente da idade das crianças houve um aspeto que teve influência na participação das crianças (logo, na dinâmica da atividade/visita): a dimensão dos grupos: «*O tamanho do grupo influi na possibilidade de conseguir uma verdadeira dinâmica interna*» (Idáñez, 2004:25). Nos grupos com poucos elementos a interação mostrou-se muito difícil, pois as crianças tinham dificuldade em tomar iniciativa em participar ou interagir. Nestes grupos, os mais audaciosos acabavam por se destacar sendo que os mais tímidos só colaboravam após alguma insistência estratégica da nossa parte. Este fenómeno acabou por reproduzir-se nos grupos com muitas crianças, mas por razões diferentes. Se nos pequenos grupos reinava um estranho silêncio que dificultava o início das interações, comprometendo o sucesso da atividade e a participação de *todos*, nos grandes grupos esta dificuldade também existia, mas por causa do barulho ensurdecador provocado entre os pequenos, sendo que a vontade de muitos se pronunciarem ao mesmo tempo, também não era benéfico. Neste caso, as crianças menos participativas acabavam também por se sentir intimidadas e por não se manifestarem.

Mais do que uma dinâmica diferente passível de executar com as crianças, a implementação desta atividade no âmbito das visitas guiadas revelou-se um objeto de reflexão quer do ponto de vista de intervenção pedagógica e recreativo, quer do ponto de vista de indagação crítica. As conclusões que foram possíveis retirar permitiram compreender, em suma, que embora nos tenhamos deparado com comportamentos imprevisíveis, houve condutas, expressões e atitudes manifestadas perante circunstâncias e condições idênticas e, por isso, possíveis de prever.

As memórias que levamos da atividade «Era uma vez a nossa história», cuja realização se verificou nos meses procedentes, remetem-nos para as noções de convivência e construção pessoal e social do conhecimento através de uma prática que, certamente trouxe significados diferentes quer para cada criança.

De seguida, apresentaremos de forma esquemática outras actividades que concebemos:

5.3.2 «Vamos trajar o Mural»

Tabela n.º 2 – Planificação da atividade «Vamos trajar o Mural»

Público-alvo	Alunos do Ensino Pré-Escolar e 1ºCiclo
Objetivo(s)	- Retratar sentimentos/aprendizagens dos visitantes após a visita, funcionando como metodologia de avaliação através da comunicação não-verbal
Descrição	<p>No final da visita guiada, é pretendido que cada criança «traje» o mural, de acordo com a sua imaginação e tendo como orientação a visita no Museu do Traje. Esta atividade não tem como intuito replicar os objetivos dos Serviços Educativos, por isso não é pretendido ocupar demasiado tempo, nem insistir com nenhuma criança para que participe nela ou que se restrinja àquilo que viu/aprendeu no Museu.</p> <p>Desta forma, conseguir-se-ia avaliar as visitas guiadas com crianças através das próprias (sem necessidade de distribuição de questionários), de uma forma diferente e criativa. A grande vantagem é que crianças estariam a contribuir voluntariamente para esta avaliação, enquanto cooperavam na construção de um mural colorido.</p> <p>A cada visita corresponderia um mural (ou um espaço específico num grande mural), de forma a facilitar a avaliação.</p>

5.3.3 «Tocar no passado»

«A verdade, porém, é que o manuseamento permite ver aquilo que a vista nem sempre capta. Uma peça pode ter pormenores que apenas se podem apreciar ao aproximá-la e ao manuseá-la. Um posicionamento estático pode esconder pormenores que se revelam ao ver a peça em diferentes posições e ângulos. Por outro lado, ao manusear uma peça poder-se-á conhecer o seu peso e a sua densidade corpórea, aspetos fundamentais no momento em que se procura uma perceção completa de uma peça. No caso da pessoa cega, mais do que complementar o olhar, manusear uma peça poderá significar mesmo “ver” essa peça». (Neves, 2010: 185).

Tabela n.º3 – Planificação da atividade «Tocar no passado»

Público-Alvo	O interesse da atividade “Tocar no passado” aplica-se a todos os públicos. No entanto, esta atividade foi especialmente concebida a pensar no público cuja presença no Museu do Traje, as entrevistas destacam como deficitária: os invisuais.
Objetivo(s)	- Proporcionar o contacto com o traje à «vianesa», através do toque
Descrição	<p>O toque tem uma extrema importância no desenvolvimento do ser humano, principalmente nas crianças, sendo responsável pelas sensações de frio, quente, seco, molhado e pela sensibilidade às formas, volumes e texturas. Sabemos que na conceção tradicional de Museu a permissão do toque não é muito estimulada, por diversas razões.</p> <p>A ideia desta atividade é que fosse permitido aos visitantes tocar em algumas peças durante a visita, ainda que estas fossem apenas «réplicas» dos trajes ou de algumas peças (lenços, chapéus, brincos, algibeiras...). Este seria um elemento fundamental para as visitas de todo o público, mas sobretudo dos invisuais.</p> <p>Nas visitas com crianças é, também, importante permitir que o toque em algumas peças seja estimulado, contextualizando devidamente o conteúdo e o objeto em questão.</p> <p>Relativamente ao público invisual sugerimos também a disponibilização de um portefólio escrito em braile, com pequenos retalhos dos trajes, disponível na exposição «Traje à Vianesa»</p>

A importância que o toque tem para qualquer pessoa, em especial para as crianças, é facilmente percebida pelos elementos de uma equipa museológica. Embora se tenha generalizado a ideia de que o Museu é um espaço de acatamento, onde *não se fala nem se toca em nada*, muitas têm vindo a ser as apostas no sentido de desafiar este chavão.

No «*Kids in Museum Manifesto*» (2012)²² encontramos algumas anotações que pretendem tornar os Museus e Galerias mais atraentes para as crianças, contrariando as indicações usuais dos Museus. Uma delas adverte: «*Say 'Please touch!' as often as you can. Everyone finds real objects awesome. Direct kids to things that can be handled. Teach respect by explaining why others can't*»²⁷.

O objetivo definido para esta atividade é o de «proporcionar o contacto com o traje «à vianesa», não sendo o público-alvo propriamente definido, embora se pretenda dar especial atenção aos invisuais cuja equipa do Museu admite não assinalar uma presença vincada no Museu. Com a implementação da atividade «Era uma vez a nossa história», surgiu a oportunidade de pôr indiretamente em prática a atividade «Tocar no passado», uma vez que durante as visitas com as crianças passou a ser possível mostrar-lhes algo em que pudessem tocar.

Não conseguimos realizar a atividade na plenitude por duas razões: às crianças não foram apresentadas várias peças de trajes, como desejável, mas sim uma peça feita no tear do Museu e só elas tiveram acesso a esta peça (e não outros públicos), o que não obedece à descrição exata da atividade. No entanto, consideramos muito notórios e positivos os resultados obtidos com a implementação desta pequena experiência.

A peça apresentada às crianças foi disponibilizada pela equipa do Museu do Traje. Tratava-se de parte de um avental, feito no tear manual do Museu do Traje, como referimos. É uma peça em lã, encarnada, com riscas pretas e guarnecido com algumas flores, em relevo. O avental foi, por norma, mostrado na exposição «Trabalhos do linho» (junto ao tear, onde se faziam as roupas) uma vez que nesta exposição é explicado o ciclo do linho e da lã com que se faziam os trajes. A peça serviu de mote ao guia para explicar o tingimento da lã (que só era possível no caso desta e nunca no caso do linho, o que também era explicado às crianças) e o processo de tecelagem. A peça serviu, assim, de exemplo de produto final do trabalho das «lavradeiras» permitindo às crianças tocarem no avental e colocarem dúvidas.

²⁷ Informação consultada em: <http://kidsinmuseums.org.uk/manifesto/>

A experiência foi muito favorável com as crianças de todas as idades. Se as mais pequenas adoraram poder tocar no avental e nas suas diferentes texturas exprimindo a sua satisfação em expressões tão graciosas como «é fofinho como a lã da ovelha» ou «pica um bocadinho», os mais velhos apreciaram a experiência da mesma forma, sendo que aproveitaram a ocasião para expor algumas perguntas utilizando o avental como mote ou comparar as semelhanças do avental com os aventais de fotografias expostas nas paredes do Museu.

A «atividade» acabou, assim, por ter um propósito ainda mais amplo do que aquele que estava previsto. Além de ter proporcionado o contacto físico com o traje permitiu que fosse o ponto de partida para dinâmicas diferentes além dessa, como a participação através de questões.

Mas não foi só na exposição «Trabalhos do linho» que se expôs a peça. Principalmente com as crianças dos Infantários esta foi utilizada na exposição «Traje à vianesa», depois da atividade «Era uma vez a nossa história», sendo que foi o elo de ligação entre a história/trajes e o processo de tecelagem/quotidiano das «lavradeiras» através de conversas informais.

Nas experiências realizadas com esta peça, todas as crianças quiseram tocar-lhe e as reações registadas foram de grande satisfação o que realça a pertinência de atividades relacionadas com a possibilidade de tocar, sobretudo em peças que reproduzam as texturas dos trajes à «vianesa».

5.3.4 «Viver no passado»

Tabela n.º4 – Planificação da atividade «Viver no passado»

Público-Alvo	Alunos do Ensino Pré-Escolar e 1.ºCiclo
Objetivo(s)	- Retratar o uso do traje «à vianesa»; - Estimular o imaginário das crianças
Descrição	<p>Nesta atividade seria dada às crianças não só a oportunidade de tocar em peças do traje, como também de experimentar algumas.</p> <p>Com «Viver o passado», as crianças teriam oportunidade de recriar os tempos das lavradeiras, através de um teatro improvisado.</p> <p>Mais uma vez, não seria imprescindível vestir trajes completos para a execução da atividade. Algumas «réplicas» de lenços, saias, aventais, algibeiras ou ouro seriam os <i>inputs</i> necessários à fértil imaginação das crianças que, com um guião elementar, partiriam para a sua própria história nos «tempos antigos».</p> <p>Poder-se-ia, ainda, acrescentar outros elementos ao imaginário das crianças, como um pequeno baú de onde se tirariam as peças e o cenário onde esta atividade decorreria (que deve remeter para a época)</p>

Embora não tenhamos implementado a atividade «Viver no passado», surgiu entre alguns elementos do Museu do Traje uma conversa informal, na qual participámos, que manifestou a necessidade e a vontade clara de adotar uma estratégia similar com as crianças mais pequenas.

Esta conversa teve lugar nas últimas semanas de intervenção no Museu, e surgiu de uma pequena reflexão sobre as visitas com as crianças mais pequenas. Falámos sobre a dificuldade em atrair o público júnior e em criar atividades que, efetivamente, resultassem tendo em conta o espólio do Museu e a idade das crianças. Partilhámos o que sentíamos aquando a implementação da atividade «Era uma vez a nossa história» com os Jardins de Infância com os técnicos/guias que, por sua vez, deram a sua perspetiva sobre o assunto tendo também em conta a sua experiência

A ideia final que surgiu da espécie de *brainstorming* levada a cabo por todos consiste na disponibilização de réplicas de algumas peças dos trajes, tal como havíamos idealizado para esta atividade mas com a mais-valia de dar às crianças a possibilidade (não de recriar o passado através de teatro), mas de permitir que dancem música folclórica.

A ideia seria que as funcionárias ensinassem passos muito simples às crianças, de forma não só de dinamizar a visita mas também de aproximar equipa do Museu e crianças, fazendo referência a algo que lhes está mais próximo e lhes é mais caro: os grupos folclóricos.

5.3.5 Guiões de visita guiada e de Questionários

A proposta de **guiões** de visitas guiadas para serem implementadas no Museu do Traje surge da constatação de que estes não existem na instituição. Uma vez que as visitas guiadas se destinam apenas a grupos com visita marcada a partir de determinado número de elementos e que alguns visitantes manifestam na receção a necessidade de «alguma orientação», por vezes alternativa àquela que as legendas oferece, os guiões de visita guiada, poderiam consistir numa resposta simples a esta situação. Esta é já uma prática adotada em vários Museus, útil tanto na dinamização de visitas casuais, como no enriquecimento da informação relativamente ao conteúdo das exposições que pretende funcionar como uma orientação à visita, além de permitir uma aproximação com o público que entra no Museu.

Sugere-se a disponibilização de dois guiões, tendo em vista tornar a oferta do Museu mais extensa e tornar diferentes as visitas das famílias (guião que poderá ser adaptado a visitas

de outros pequenos grupos, sobretudo com crianças) e dos cidadãos, a título individual (v. Apêndice X e Apêndice XI).

A elaboração destes guiões pretende, sobretudo, despertar para a possibilidade e vantagens da sua oferta, sendo que a sua adaptação ou elaboração diversa dirigidos a outros públicos/grupos não só é possível, como desejável.

No que diz respeito a questionários, o Museu do Traje dispõe de um questionário (v. Anexo III) destinado e distribuído aos responsáveis do público que usufrui das atividades dos Serviços Educativos. Normalmente são professores que respondem ao questionário, por serem essencialmente crianças, vindas de Escolas, que frequentam os Serviços. Neste questionário são recolhidos dados gerais relativamente à visita: dia, hora (início e fim) e dados de caracterização da Escola e turma (nome, concelho, ano, turma, nº alunos e professor responsável). Relativamente à visita é solicitado que se avalie (numa escala de 1 a 5) os itens referentes à exposição permanente e temporária, Serviços Educativos, Filme e Visita Guiada. O questionário termina com duas perguntas de resposta aberta: uma acerca daquilo que foi mais apreciado, e outra acerca do que pode ser melhorado.

Deixa-se em proposta uma outra versão (v. Apêndice XII), à qual apenas foram adicionadas algumas variantes que permitam ao Museu do Traje obter uma informação mais rica relativamente à reação/opinião dos acompanhantes das crianças, para fins estatísticos.

Indicou-se o público-alvo (professores, educadores, animadores....) no cabeçalho do questionário, onde foi também dada uma pequena advertência de preenchimento - «Ao responder pense nas crianças». Tentou simplificar-se a identificação e os dados de caracterização do grupo/Escola solicitando de forma mais objetiva a informação. Neste ponto suprimiu-se a identificação do professor responsável, por motivos éticos que o questionário, enquanto metodologia deve respeitar.

O questionário inicia com uma pergunta de resposta aberta, que pretende que o inquirido enumere/clarifique as razões e os interesses que o levaram a fazer/organizar a visita ao Museu do Traje. À semelhança do questionário que já é aplicado no Museu do Traje, a segunda questão solicita ao inquirido que classifique o interesse da exposição permanente, exposição temporária, Serviços Educativos, Filme ou Visita Guiada numa escala de 1 a 5. A estas opções de resposta adicionou-se a possibilidade do inquirido poder avaliar «outros» conteúdos, diferentes destes. Está claro no enunciado da questão que só são para classificar os itens de que o inquirido usufruiu.

Segue-se uma tabela que pretende avaliar a adequação de algumas atividades ao público-alvo, através de uma escala entre que tem como extremos «concordo totalmente» e «discordo totalmente». Os itens a avaliar são os seguintes: a informação fornecida foi suficiente; a informação fornecida foi pensada em função da compreensão do público – alvo; a visita guiada motivada o público – alvo; as atividades foram adequadas ao grupo etário; as atividades estavam relacionadas com o tema da visita/exposição.

O questionário finaliza com duas questões de resposta aberta. Uma questiona se o professor/animador viu na atividade algum tipo de inspiração para projetos futuros com as crianças (pedindo para especificar). A adoção desta pergunta tem a ver com as reações e interesse que, muitas vezes, os professores manifestam durante a atividade, o que os leva a questionar acerca da conceção da mesma e dos próprios materiais usados. Por não se saber, exatamente, o impacto que as atividades têm fora do Museu e para lá dos Serviços Educativos, achou-se que seria interessante perceber um pouco mais acerca desta questão.

A quinta e última questão, à semelhança do questionário distribuído atualmente no Museu do Traje interroga se o inquirido considera existirem aspetos que podem ser melhorados e quais.

Com a proposta deste questionário pretende-se dar a oportunidade de recolha de algumas variáveis que se consideram importantes para a dinâmica dos Serviços Educativos, os seus objetivos e o seu público. Apesar do questionário que aqui se propõe ser ligeiramente mais longo, o que pode comprometer a riqueza das respostas, pensamos ser essencial que exista a oportunidade de recolher estes dados e possuir estas informações para análise.

Ainda relativamente à questão da perceção dos utilizadores dos Serviços Educativos, os recetáculos em primeira instância das atividades destes Serviços são as **crianças**. Sendo, naturalmente, muito importante a opinião de quem as acompanha (por isso lhes são distribuídos questionários), o *feedback* do público para quem são pensadas e destinadas as atividades é essencial.

Por esta razão, a conceção de um instrumento metodológico dirigido aos mais novos foi também previsto neste projeto (v. Apêndice XIII). Trata-se de um **questionário** muito simples com linguagem adaptada e que tentámos tornar apelativo mas que, por necessitar de leitura, só poderá ser respondido pelas crianças que já sabem ler. Pensámos, por isso, neste questionário como uma proposta experimental. A avaliação dos mais pequenos foi prevista na atividade

«Vamos trajar o Mural», proposta anteriormente, embora a informação fornecida através de actividades do género sejam muito subjetiva e necessite de uma apreciação e tratamento diferentes, especiais e sistemáticos.

Neste questionário é-lhes pedido que o preencham podendo pedir ajuda, se precisarem. Começam por ter que indicar o nome da Escola, o concelho de onde vêm, o ano, turma, número de alunos, data da visita e hora e fim da mesma. Os dados de caracterização pessoal limitam-se ao género e idade.

Numa linguagem simples e direta, seguem-se cinco questões que pretendem aferir o seguinte: a satisfação do inquirido relativamente à visita, a satisfação do inquirido relativamente à atividade, a avaliação quantitativa (numa escala de um a cinco) relativamente à actividade, a vontade do inquirido voltar ao Museu para realizar outras actividades e se desejam acrescentar algo no questionário para além do que lhes foi perguntado anteriormente.

De notar que o objetivo deste questionário não é a recolha exaustiva de dados fornecidos pelas crianças, nem tão pouco aborrece-las com um número elevado de questões. É, antes, recolher uma opinião genérica deste público em relação à visita e atividade dos Serviços Educativos a nível geral, fazendo as crianças sentir a sua responsabilidade e importância naquela visita. Uma reflexão/avaliação mais pormenorizada deverá ser feita pelos professores nos seus espaços de intervenção.

Estes questionários compõem a proposta de dois instrumentos quantitativos a aplicar nos Serviços Educativos, e que pretende recolher informação relativa à opinião dos utilizadores destes Serviços. A informação deverá ser, posteriormente, tratada, de forma a justificar a pertinência.

REFLEXÕES FINAIS

«Gosto de ser gente porque, inacabado, sei que sou um ser condicionado, mas consciente do inacabamento sei que posso ir mais para além dele. Esta é a diferença profunda entre o ser condicionado e o ser determinado (...) Gosto de ser gente porque, como tal, percebo afinal que a construção de minha presença no mundo, que não se faz no isolamento, isenta da influência das forças sociais, que não se compreende fora da tensão entre o que herdo geneticamente e o que herdo social, cultural e historicamente, tem muito a ver comigo mesmo». (Freire, 1996:31).

O presente relato principiou com referência às «veredas de aprendizagem oriundas» do estágio curricular no Museu do Traje. Após termos feito várias paragens neste caminho, chegou a altura de condensar numa paragem final os conhecimentos e reflexões provenientes da investigação e *praxis* adotada, embora nos pareça despropositado sentenciar como finalizada esta viagem.

O projeto de estágio implementado consistiu no desenvolvimento de uma componente de investigação e de uma vertente prática, verificável na participação em diversas atividades e eventos ao longo dos nove meses do percurso. As atividades que conseguimos promover e propor na instituição Museu e neste relatório foram o principal fruto do elemento prático que, no fundo, reflete a vertente investigativa deste projeto.

Na fase inicial do nosso estudo, colhemos e analisámos informação através de diferentes metodologias de recolha de dados – entrevistas, observação direta, pesquisa bibliográfica – com o objetivo de reunir diferentes esclarecimentos de forma credível, tendo em vista responder a três questões lançadas no início do estudo, para as quais procuramos agora encontrar algumas respostas:

1) Quais são os tipos de públicos que não têm usufruído das atividades do Museu do Traje?

Ao tentar perceber o impacto do Museu e suas iniciativas na comunidade comerciante, sujeitos que estão próximos da instituição e que teriam um suposto interesse natural em visitá-lo, concluímos que eles apresentam alguma resistência em fazer essa visita e em conhecer mais sobre a dinâmica do Museu do Traje. No entanto, a perspetiva externa geral destas entrevistas indicou-nos que o Museu será muito visitado, mas não pela comunidade local.

As opiniões recolhidas junto da equipa do Museu do Traje acerca do público que recebem foram unânimes. As entrevistadas não conseguiram apontar com precisão os tipos de

público que visitam o Museu com mais frequência, sendo que indicaram que recebem a visita de vários tipos de público. Os documentos institucionais aos quais tivemos acesso e que também analisámos revelaram que a maioria dos visitantes que o Museu tem recebido faz-se representar na classe «grupos» (nos quais incluímos as Escolas), sendo que se regista também a entrada do público adulto, jovens, seniores, crianças e ainda visitantes vindos do Museu de Artes Decorativas, para atividades culturais, ateliês, auditório ou ainda outros que não se enquadrem nestas categorias. As entrevistas realizadas permitiram dar resposta à primeira questão do nosso estudo pois percebemos que tipo de público que o Museu não recebe com frequência e que não usufruem das atividades. «Pessoas com deficiência, em especial os cegos» foi o público referido várias vezes ao longo das entrevistas, além da comunidade local cuja necessidade de a atrair fomos verificando ao longo do estudo.

A realidade que observámos no Museu, quer através da observação direta nas visitas guiadas quer informalmente no tecido institucional, foram também essenciais para complementar a informação que adquirimos com as entrevistas, pesquisa bibliográfica e análise documental. Esta foi uma das facetas mais ricas do nosso trabalho pois permitiu apreender de forma autêntica a dinâmica da instituição e identificar razões para o acontecimento de determinados fenómenos, o que seria impossível através de qualquer outra técnica de recolha de dados. Foi principalmente através desta observação, aliada às restantes metodologias, que conseguimos perceber a verdadeira realidade do Museu conseguindo, desta forma, desenhar instrumentos/atividades, tendo em conta a autenticidade do que observámos.

2) Quais são os tipos de atividades a privilegiar considerando as especificidades desses públicos?

O enquadramento teórico da problemática inerente ao estágio, desenvolvido ao mesmo tempo do que a dimensão metodológica, funcionou como o *input* necessário para a reflexão acerca daquilo que nos foi sendo permitido compreender e concluir.

Desta forma, e relativamente a esta questão desenvolvemos uma moldura teórica específica relativa ao tema da acessibilidade, de forma a permitir a reflexão acerca de posturas futuras passíveis de adotar para torna-lo mais acessível, tendo em conta os públicos que não têm usufruído das atividades do Museu do Traje, por diferentes razões.

Com o avanço da permanência no Museu do Traje foi-se destacando a importância do estudo reflexivo em torno das iniciativas de mediação levadas a cabo pela equipa a par da

necessidade de focalização no campo de ação deste trabalho: o conceito de mediação cultural no contexto museológico.

Ainda que tímidas, assistimos a algumas iniciativas que considerámos de mediação entre o Museu e a comunidade. Consideramo-las tímidas, pois, de uma forma geral os objetivos análogos à realização destas iniciativas, descritas em espaço próprio neste relatório, nem sempre contemplaram em primeira instância as finalidades da mediação de forma verdadeiramente consciente. Considerámo-las, no entanto, iniciativas de mediação porque, embora elas nem sempre tivessem estado suficientemente explícitas, a verdade é que na preparação dos eventos houve a preocupação em atribuir-lhes uma carga criativa, de forma a atrair a comunidade e estreitar laços com as pessoas, sendo que os frutos desses esforços se evidenciaram.

Sentimos que o facto de o Museu ser tutela da Câmara Municipal da cidade circunscreve de alguma forma a maneira como a equipa atua ou poderia atuar e limita o tipo de atividades, pois os eventos a que assistimos e em que participámos foram, na verdade regularizados por esta entidade, pelo que considerámos louvável que a equipa os tenha transformado em oportunidades de aproximação com a comunidade, de forma original.

Verificámos, também através de alguma observação e conversas informais, que existe entre os elementos da equipa do Museu do Traje a consciência da necessidade de envolver o público nas atividades e criar novas estratégias de aproximação à comunidade (sobretudo, na local). Não podemos, então, afirmar que nos eventos em que o Museu abriu as portas excecionalmente, ainda que sob desígnio da Câmara Municipal não tenha existido mediação (Comemorações de elevação de Viana do Castelo a cidade, Feira Medieval da cidade ou até em dias de Páscoa).

Destacamos o emergir das Oficinas Itinerantes que foi, sem dúvida, a iniciativa que se salientou tendo em conta o conceito de mediação. Embora tenham surgido da dificuldade cada vez mais vincada das Escolas em obter transporte para visitar o Museu do Traje e participar nas atividades, as oficinas acabaram por se tornarem uma ponte de ligação entre os Museus e as Escolas, havendo uma partilha diferente daquela proporcionada no contexto museológico.

O trabalho fora das portas do museu permitiu perceber um trabalho especial, em que os papéis da Escola e Museu quase se inverteram, e a criação de laços entre os intervenientes foi imediata. O sucesso desta iniciativa desenhou um sorriso no rosto de todos e não deixou dúvidas de que no próximo ano letivo as idas às Escolas serão retomadas, sendo que

a ideia de repercutir o trabalho em instituições diferentes como lares de idosos, por exemplo, já surgiu entre a equipa dos Museus Municipais.

Indicamos, ainda, outros eventos como inauguração de exposições, lançamentos de livros ou o Seminário «Preceito e Inovação» que, embora não se insiram de forma tão clara na lógica da mediação, nos permitiram ter contacto com outros públicos, inserir na realidade museológica, e assistir a discussões que ajudaram a clarificar aspetos acerca de fundamentos teóricos relacionados com o acervo da instituição e que muito enriqueceram a vertente prática do nosso trabalho.

3) Que instrumentos/atividades podem ser utilizados neste museu, tendo em conta a sua dinâmica?

Foi com o desenho de algumas atividades e instrumentos na lógica de mediação, que pretendemos dar resposta à terceira questão do nosso estudo.

Assim, deixámos em aberto a proposta de algumas atividades e instrumentos (questionários dirigidos aos acompanhantes das crianças que usufruem das atividades dos Serviços Educativos, questionários dirigidos às próprias crianças, guiões de visita autónoma e guiões de visita em família). Temos que reconhecer que o auge do nosso trabalho no Museu correspondeu à implementação integral de uma das atividades propostas: «Era uma vez a nossa história».

Com a implementação desta atividade abriram-se caminhos à possibilidade de estabelecer novas metas no nosso percurso e de atingir alguns dos objetivos a que nos havíamos proposto. Representou, também, a oportunidade do exercício de maior autonomia dentro da instituição. A atividade «Era uma vez a nossa história» inaugurou atitudes reflexivas que promoveram o questionamento acerca de algumas práticas adotadas, sobretudo durante as visitas para crianças. Enquanto intervenção que se estendeu ao longo de algum tempo, e que foi experienciada com crianças de diferentes idades, este projeto que arriscámos desenvolver primou também pelo envolvimento dos participantes, que foram colaborando de diferentes formas. À atividade também lhe pode ser atribuída um carácter de consciencialização, uma vez que esta serviu de base de reflexão acerca das características específicas de cada grupo e criança, sobretudo relacionadas com a idade.

Embora as reações dos grupos não sejam possíveis de prever, a atividade teve mais impacto junto dos alunos do 1.º Ciclo. Pela sua tenra idade, as crianças do ensino pré-escolar

manifestaram reações mais tímidas e mais dificuldade em participar, o que complicou a dinâmica da atividade levando-nos a repensar o facto da iniciativa ter sido inicialmente pensada para crianças dos três aos doze anos.

Ao contrário de «Era uma vez a nossa história», o conceito da atividade «Tocar no passado» que também conseguimos implementar com alguns grupos, através da disponibilização de um avental em lã para que as crianças pudessem tocar, teve sucesso visível e imediato com todas as crianças de qualquer idade, o que deixa a nu a importância do toque para as crianças (e não só) que, curiosamente, nas instituições museológicas é quase sempre ignorada.

Ainda sobre as visitas com crianças, cremos terem também servido estas dinâmicas para despoletar algumas reflexões sobre as práticas adotadas com este público aquando as suas visitas no Museu, entre elementos da equipa. Em conversas que tivemos possibilidade de participar verificámos uma preocupação crescente com a dificuldade em interagir com as crianças do Ensino pré-escolar, que já referimos, das quais surgiram algumas ideias interessantes para atividades procurando uma maior proximidade com as crianças e qualidade das visitas, o que observamos como meritório.

Em tom de epílogo, e de forma circunscrita, foi este o trabalho que realizámos durante nove meses e as principais ilações reflexivas suscetíveis de extrair, inerentes ao mesmo. Nove meses durante os quais foi desenvolvido um trabalho com várias e distintas etapas, tal como na gestação de um bebé.

Nas primeiras semanas, o embrião era ainda frágil. Embora com coluna e órgãos formados (estrutura definida), o trabalho apresentava-se ainda tímido, quer em extensão, quer em audácia. Com o adiantar das semanas, no entanto, o bebé não parou de crescer e muitas coisas aconteceram ao mesmo tempo. Sistema respiratório, sistema nervoso, olhos que se formaram. O batimento cardíaco da intervenção foi sendo cada vez mais audível e finalmente começou a mexer-se. Ganhou impressões digitais, desenvolveu cordas vocais e foi preciso alimentá-lo para que crescesse saudável até que finalmente tivesse sido gerado um bebé suficientemente forte para nascer.

Este trabalho, que se pode comparar por analogia a um bebé marca o desfecho de uma odisseia, mas o início de uma nova viagem.

Enquanto seres condicionados (não determinados) e conscientes do nosso «inacabamento», encontramos-nos insatisfeitos e curiosos, e foi nessa condição que reconhecemos que a construção da nossa presença no mundo não se faz isoladamente. Isso (re)descobrimo-lo, também, com esta experiência. Os laços que se criaram, o contágio das emoções e o crescimento da capacidade de comunicação abriram um canal de simbiose entre sentimentos e ações numa procura de resolução criativa de vários conflitos inclusive, interiores.

O sentido absurdamente simples da realidade ensinou-nos, ao longo de nove meses, que tudo o que se aprende só faz sentido se aplicado. Vimos, *«por vezes com o olhar a meia haste, que cada chegada é o embrião de uma nova partida. Crescer é saber dizer adeus.»* (Rosário et al, 2006:5).

BIBLIOGRAFIA

- ACASO, M. (2012). *Hacia una pedagogía de la (in)comodidad o evidenciando que el aprendizaje sucede en la penumbra*. Acedido a 26 de Maio de 2012 em http://mariaacaso.blogspot.pt/2012_04_01_archive.html
- ASSOCIAÇÃO EUROPEIA DA ILSMH - International League of Societies for Persons with Mental Handicaps (1998). *Linhas orientadoras europeias para uma leitura fácil*. Cascais: CERCICA.
- BOGDAN, R. & BIKLEN, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação. Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.
- BOTELHO, J. A. (2010). *Museu do traje viana do castelo* [Catálogo]. Viana do Castelo: Câmara Municipal de Viana do Castelo – CMVC.
- CARDOSO, M. (1990). *Norte nome de portugal*. Consultado em <http://kapa.blogspot.pt/>, acedido a 22 de Fevereiro de 2012 em <http://kapa.blogspot.pt/2005/12/norte-nome-de-portugal.html>
- CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA PORTUGUESA - VII REVISÃO CONSTITUCIONAL (2005). Acedido a 4 de Junho de 2012 em <http://www.parlamento.pt/Legislacao/Documents/constpt2005.pdf>
- CORREIA, L. (2003). *Educação especial e inclusão. Quem disser que uma sobrevive sem a outra não está no seu perfeito juízo*. Porto: Porto Editora.
- COXALL, H. (2000). Towards inclusive text. In *Museum practice, museums association*. (Vol. 12, pp. 87-100).
- DIÁRIO DA REPÚBLICA — I SÉRIE-A N.º195 — 19 de Agosto de 2004. Acedido a de 28 de Outubro de 2012 em http://www.ipmuseus.pt/Data/Documents/RPM/Legislacao_Relevante/lei_dos_museus.pdf
- FILIPPE, G. (2002) (coord). *Papel social dos museus e intervenção comunitária - Rede portuguesa de museus* -. Coimbra: Museu Nacional Machado de Castro

- FONTES, A. & FREIXO, O. (2004). *Vygotsky e a aprendizagem cooperativa*. Lisboa: Livros Horizonte.
- FREIRE, P. (1996). *Pedagogia da autonomia. Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra. Acedido a 25 de Junho de 2012 em <http://www.elivros-gratis.net/livros-gratis-paulo-freire.asp>
- GONÇALVES, R.M. et al. (2002). *Primeiro olhar*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- GUERREIRO, A. & ALVES, M. (s/data). *Projeto contação de histórias: uma iniciativa da biblioteca do CDCC-USP*. Acedido a 6 de Junho de 2012 em https://docs.google.com/viewer?a=v&q=cache:Ql1z2pGtjg4J:alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais14/Sem02/C02002.doc+&hl=pt-PT&pid=bl&srcid=ADGEEShDc6LkeMzM-GKV8eJRzBoB4oGlwE3m0Tcuruhu7oJryrsyc60oCj4zekIN6eAr95RjQ20HpyLQ2I-JCKqPks8so_RvMZE9qWN3Vpo0BxAQLGm4EjdS8zu9WOdVcentKJFRrA9&sig=AHIEtbSAmb7Zfr5wCNMO3XQCjN7GbH5Slw&pli=1
- HOOPER-GREENHILL, E. (1998). *Los museos y sus visitantes*. Gijón: Ediciones Trea, S.L.
- HOOPER-GREENHILL, E. (2007). *Museams and education. Purpose, pedadogy, performance*. New York: Routledge.
- ICOM, International Council of Museums (2005). Acedido a 13 de Outubro de 2011 em http://www.icom-portugal.org/documentos_def,129,220,detalle.aspx
- IDAÑEZ, M. (2004). *Como animar um grupo*. Petrópolis: Editora Vozes.
- KIDS IN MUSEUMS (2012). *Kids in museums manifesto 2012*. Acedido a 14 de Junho de 2012 em <http://kidsinmuseums.org.uk/manifesto/>
- MARTINS, A. (s/data). Acedido a 9 de Dezembro de 2011 em http://www.ufmg.br/proex/cpinfo/cultura/docs/09a_Informacao_e_mediacao_-_Ana_AL_Martins.pdf
- MAROY, C. (1997). A análise qualitativa de entrevistas, in Albarello, L. et al. *Práticas e métodos de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Gradiva, p.117-155.

- MÁXIMO-ESTEVES, L. (2008). *Visão panorâmica da investigação-acção*. Porto: Porto Editora.
- MEDIAMUS - Association suisse des médiateurs culturels de musée (2006). Acedido a 5 de Novembro de 2011 em <http://www.mediamus.ch/picture/upload/file/Definition%20mediation.pdf>
- MORIN, E. (2002). *Os sete saberes para a educação do futuro*. Lisboa: Horizontes Pedagógicos.
- NEVES, J. (2010). Comunicação multissensorial em contexto museológico. In Semedo, A. & Elisa Nascimento, N. (coord). *Actas do 1º seminário de investigação em museologia dos países de língua portuguesa e espanhola (vol. 2)*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. pp. 180-192. Acedido a 29 de Maio de 2012 em <http://ler.letras.up.pt/site/default.aspx?qry=id03id1319id2310&sum=simm>
- OLIVEIRA, S. M. R. (2006). *O Museu como Espaço de Educação e Comunicação: o estudo do Caso sobre o Museu Agrícola de Entre-Douro-e-Minho*. Dissertação de Mestrado. Braga: Universidade do Minho.
- PAÇO, A. (1979). *Etnografia do alto minho. Distrito de viana do castelo. Trajes. Folclore. Artes populares*. Viana do Castelo: Secção de Jornalismo do Centro de Estudos Regionais.
- PIAGET, J. (1978). *Seis estudos de psicologia*. Lisboa: Publicações D. Quixote.
- QUIVY, R. & CAMPENHOUD, L. V. (1992). *Manual de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Gradiva.
- RANDOLPH, W. A. & POSNER, B. Z. (1992). *Planeamento e gestão de projectos*. Barcarena: Editorial Presença.
- REIS, P. (2011). *Observação de aulas e avaliação do desempenho docente*. Acedido a 2 de Novembro de 2012 em http://www.ccap.min-edu.pt/docs/Caderno_CCAP_2-Observacao.pdf
- RODRIGUES, D. (2003). *Perspectivas sobre a inclusão. Da educação à sociedade*. Porto: Porto Editora.
- ROQUE, M. (1990). *A comunicação no museu*. Lisboa: Universidade Lusíada de Lisboa.

- ROSÁRIO, P. et al. (2006). *Comprometer-se com o estudar na universidade: Cartas do Gervásio ao seu umbigo*. Coimbra: Edições Almedina.
- SAGRAMOLA, S. (2005). Acedido a 4 de Junho de 2012 em http://acessibilidade.cm-lisboa.pt/fileadmin/DAS-NA/Biblioteca/Design_Inclusivo/Conceito_europeu_de_acessibilidade_V2_Portugues.pdf
- SANTOS, B. S. (1998). *Reinventar a democracia*. Lisboa: Gradiva.
- SANTOS, S. (2009). *Acessibilidade em museus*. Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Dissertação de Mestrado. Porto: Portugal.
- SÁ-SILVA, J. (2009). Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. Acedido a 24 de Fevereiro de 2012 em http://www.oj.acidi.gov.pt/docs/Col_Percursos_Intercultura/1_PI_Cap7.pdf
- SCHNITMAN, D. F. (1999). Novos paradigmas em resolução de conflitos. In *Novos paradigmas em mediação*. Dora Fried Schnitman e Stephen Littlejohn (Org.). Porto Alegre: Artes Médicas Sul. pp. 17-27.
- SILVA, A. M. C. & MOREIRA, M.A.M (2009). Falar e escrever de formação e mediação no contexto actual, in *Formação e mediação sócio-educativa. Perspectivas teóricas e práticas*. Ana Maria Costa e Silva e Maria Alfredo Moreira (Org.). Porto: Areal Editores.
- TEIXEIRA, M. (2008). *O traje regional português e o folclore*. Acedido a 18 de Dezembro de 2012 em http://www.oj.acidi.gov.pt/docs/Col_Percursos_Intercultura/1_PI_indice.pdf
- TORREMORELL, M.C.B. (2008). *Cultura de Mediação e Mudança Social*. Porto: Porto Editora.

Apêndices

Apêndice I – Guião de entrevista aos funcionários do Museu do Traje e do Museu de Artes Decorativas

Dimensões	Objetivos	
Apresentação/ Contextualização do trabalho	<ul style="list-style-type: none"> - Apresentar a entrevistadora - Apresentar o trabalho e respectivos objectivos - Obter autorização para gravar a entrevista 	<p>(Informação por parte da entrevistadora ao (à) entrevistado(a) dos objetivos da entrevista e das condições éticas que assume)</p> <p>Autorização para a gravação (áudio) da entrevista?</p> <p><i>(Estes procedimentos são prévios à realização da entrevista. Só a partir daqui é que começamos a falar da entrevista).</i></p>
Guião –Questões		
O(a) entrevistado(a)	<ul style="list-style-type: none"> - Conhecer a experiência do(a) entrevistado(a) na instituição: percurso profissional e área de ação 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Desde quando é que exerce funções no Museu do Traje? 2. Qual o papel /funções que desempenha atualmente, nesta instituição? 3. Foram sempre as mesmas? 4. Há algum tipo de público com quem prefira trabalhar? Porquê?
O museu: intervenientes e atividades	<ul style="list-style-type: none"> - Perceber como se organizam as atividades do Museu - Identificar tipos de público e sua frequência 	<ol style="list-style-type: none"> 5. Pode falar-me do trabalho que é realizado no Museu? 6. Que tipo de público (s) recebe o Museu? 7. Quem o visita mais? Porquê? 8. Acha que a oferta educativa do Museu é importante? Porquê?
O museu/ mudanças	<ul style="list-style-type: none"> - Compreender a pertinência da oferta institucional - Aferir da criação de novos públicos: necessidades /interesses do Museu, a nível da oferta educativa 	<ol style="list-style-type: none"> 9. Que melhorias poderiam ser implementadas? Como? 10. Acha que o Museu poderia ter ofertas diferentes para atrair novos públicos? 11. Que novas ofertas poderiam ser dadas? 12. Já alguma vez idealizou ou apresentou sugestões de actividades que não existem no Museu do Traje? Quais? 13. Porque é que acha que nunca foram implementadas?
		<ol style="list-style-type: none"> 14. Gostaria de referir alguma informação ou esclarecer algum aspecto antes de finalizar a entrevista?
Agradecimento	<ul style="list-style-type: none"> - Agradecer a colaboração do(a) entrevistado(a) 	Agradecer a colaboração e a disponibilidade do(a) entrevistado(a) para a entrevista

Apêndice II - Guião de entrevista aos Comerciantes de Lojas Regionais

Dimensões	Objectivos	
Apresentação/ Contextualização do trabalho	<ul style="list-style-type: none"> - Apresentar a entrevistadora - Apresentar o trabalho e respectivos objectivos - Obter autorização para gravar a entrevista 	<p>(Informação por parte da entrevistadora ao (à) entrevistado(a) dos objetivos da entrevista e das condições éticas que assume)</p> <p>Autorização para a gravação (áudio) da entrevista?</p> <p><i>(Estes procedimentos são prévios à realização da entrevista. Só a partir daqui é que começamos a falar da entrevista).</i></p>
Guião – Questões		
Conhecimento do Museu do Traje	<ul style="list-style-type: none"> - Perceber o conhecimento do(a) entrevistado(a) acerca do Museu do Traje e respectivas actividades - Entender a opinião do(a) entrevistado(a) acerca dos tipos de público do Museu 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Conhece o Museu do Traje e o seu conteúdo? 2. Conhece as actividades que lá se realizam? 3. Já alguma vez o visitou? Em que contexto? (Se não, porquê?)²⁸ 4. Que importância atribui ao Museu do Traje? 5. Acha que o Museu é muito visitado? Porquê? 6. Que públicos acha que frequentam mais o Museu? 7. E relativamente à população local? Acha que o visita muito?²⁹
O museu/ mudanças	<ul style="list-style-type: none"> - Perceber se é hábito falar-se do Museu do Traje no estabelecimento - Entender se o(a) entrevistado(a) identifica formas (alternativas) de o Museu atuar 	<ol style="list-style-type: none"> 8. Alguma vez pediram indicações para chegar até ao Museu? 9. Tem por hábito sugerir às pessoas que o visitem? Porquê? 10. Acha que o Museu poderia melhorar a sua oferta? Como? 11. O que o(a) levaria a visitar mais vezes o Museu?
		12. Gostaria de referir alguma informação ou esclarecer algum aspecto antes de finalizar a entrevista?
Agradecimento	- Agradecer a colaboração do(a) entrevistado(a)	Agradecer a colaboração e a disponibilidade do(a) entrevistado(a) para a entrevista

²⁸ Questão sujeita ao conhecimento do Museu do Traje, pelo entrevistado

²⁹ Caso este não tenha sido o público referido na resposta anterior

Apêndice III – Transcrição da entrevista n.º1 (Museu do Traje)

1E: *Queria começar por perguntar-lhe desde quando é que exerce funções no Museu do Traje?*

2E1: Eu estou aqui há oito anos.

3E: *Qual o papel/funções que desempenha, actualmente, nesta instituição? Que funções lhe são atribuídas?*

4E1: As funções que me são atribuídas, são aqui nos Serviços Educativos. Criar os trabalhos e trabalhar nas actividades que vão decorrendo aqui no Museu.

5E: *Está, também, responsável pela criação das actividades?*

6E1: Sim. Normalmente estou responsável por ver o que vamos fazer. Ver, em cada exposição, o que está patente e ver qual o trabalho que vamos fazer que tenha a ver, também, um bocadinho com as exposições. E depois temos outros ateliês como no Natal, na Páscoa ou nas férias de Verão que têm a ver um bocadinho com a época. Também temos essas actividades.

7E: *Foi sempre essa a função que teve aqui dentro?*

8E1: Sim, mais essa função. Embora, se for preciso, também ajudo noutras coisas. Ajudo nas montagens, na recepção, nas visitas... faço isso.

9E: *É um trabalho polivalente, flexível...*

10E1: Sim, sim. Claro que, se não tiver actividades estou aqui a tratar disto [*referindo-se aos trabalhos manuais*] mas se, entretanto, entrasse uma visita eu teria que ajudar na visita. E trabalho muito fora daqui, em casa. Estou sempre a pensar em actividades diferentes porque, muitas vezes, os meninos chegam aqui e dizem: “eu já fiz isso, não quero fazer outra vez”. E basta haver um ou dois que já tenham feito que tenho que pensar em coisas diferentes.

11E: *Portanto, existem “actividades base” às quais é preciso adicionar opções e alternativas.*

12E1: Exactamente.

13E: *É um trabalho que exige muita criatividade...*

14E1: Sim, tem que se gostar muito deste trabalho. Temos que pensar sempre em coisas diferentes. Estou sempre a pensar: “e agora o que é que eu vou fazer com os miúdos?”. É preciso alternativas. Eles querem fazer muitas coisas! Mas as actividades têm corrido muito bem. Eles gostam muito! Chegam aqui e não pensam em mais nada! Já nem querem lanchar, não querem ir embora... E depois querem acabar tudo muito rápido!

15E: *As crianças levam os trabalhos para casa?*

16E1: Sim, tudo. Se eles não levam as coisinhas que fazem é um problema. Às vezes ficam aqui trabalhos para decoração, como por exemplo, uma árvore de Natal que foi feita por várias

turmas, mas o Museu compromete-se a entregar sempre tudo às Escolas. É sempre tudo entregue.

17E: *Há algum tipo de público com quem prefira trabalhar?*

18E1: Com as crianças!

19E: *Pois, dado que está nos serviços educativos...*

20E1: Também fazemos actividades com a “Cultura da Idade”. Todos os anos trabalhamos um bocadinho com a “Cultura da Idade”. Eles visitam-nos e fazem actividades e também gostam muito de vir aqui ao Museu, eles acabam por dizer. Mas gosto mais de trabalhar com as crianças.

21E: *Além das escolas, da “Cultura da Idade”, também recebem outros grupos?*

22E1: Sim, sim. Já fizemos, várias vezes, actividades com os Escuteiros, os ATL também nos visitam, já fizemos coisas com a Escola de Música... Vários grupos.

23E: *E de quanto tempo costumam ser as visitas?*

24E1: Depende. Normalmente uma hora, uma hora e meia. Se forem actividades de férias ficam aqui toda a tarde, duas horas e meia. Mas depende sempre tudo de cada visita, do transporte...

25E: *Pode dizer-me como descreveria o trabalho do Museu do Traje? A um nível geral, para além das actividades dos Serviços Educativos, o que é que as pessoas podem cá encontrar, qual é o trabalho do Museu?*

26E1: Eu acho que o trabalho que é feito pretende mostrar um bocadinho da cultura aqui da nossa região. E depois, com as exposições temporárias, mostrar outras iniciativas que se podem ver aqui no Museu. Mas, também, mostrar um bocadinho a cultura.

27E: *Mostrar a cultura e a tradição...*

28E1: Sim, mostrar também a tradição à volta dos trajes.

29E: *Que tipo de público recebe o Museu? Já falamos nas escolas...*

30E1: Eu acho que recebemos de todos um bocadinho. Vais ver que, neste momento, as visitas das Escolas estão um bocadinho paradas, mas sempre que criamos as actividades e que comunicamos as actividades que estão a decorrer aqui no Museu para as Escolas, para os infantários... Recebemos de todos um bocadinho. Portugueses, estrangeiros... Claro que, no Verão, temos mais público estrangeiro mas depois, durante o ano, temos “de tudo”...

31E: *Portanto, não encontra uma diferença muito grande na frequência das visitas?*

32E1: Não... Eu acho que é equilibrado. Acho que é um bocado assim.

33E: *E as pessoas aqui de perto?*

34E1: Muitas vezes são essas que menos cá vêm. Não digo as pessoas da região que vivem fora da cidade mas as pessoas da cidade que se cruzam comigo e dizem que nunca cá vieram.

35E: *Porque é que acha que isso acontece?*

36E1: Há uma falta de interesse. Até os professores que cá vêm com as crianças não conhecem o Museu. Também pode ser falta de divulgação

37E: *Acha que era preciso divulgar mais o Museu?*

38E1: Eu acho que a divulgação pela internet, pelos folhetos são boas ideias mas depois as pessoas acabam por pôr “de lado”. Falta dar informação pessoalmente, ir aos sítios, comunicar o que vai acontecer. Quando se fala pessoalmente no Museu o interesse é outro!

39E: *E acha que o Museu poderia receber algum público que não recebe?*

40E1: Sim, é provável que se pudesse receber outro público. Como os cegos...

41E: *Cidadãos portadores de deficiência?*

42E1: É, acho que não estamos a receber muito esse público. É provável que se pudesse fazer qualquer coisa nesse aspecto.

43E: *Acha que a oferta educativa do Museu é importante?*

44E1: Acho que o que acontece aqui é muito bom para as crianças, muito bom! Não digo isto só porque acho mas pelo que os professores e as crianças, no fim, nos transmitem e nos comunicam. Toda a gente diz que gosta. Às vezes vou na rua e as pessoas perguntam-me se vamos fazer mais actividades. Os pais das crianças dizem que os meninos chegam a casa e falam muito da actividade que fizeram aqui no Museu. Dão-nos sempre os parabéns.

45E: *De certa forma estas actividades ajudam na compreensão do conteúdo do Museu.*

46E1: Sim. E ajudam a trazer, muitas vezes, os pais. Muitas vezes acabam por dizer: “eu ainda não fui ao Museu e agora vou passar lá”.

47E: *Acaba por ser uma forma de mediação com a família.*

48E1: Também, sim. Conheço muita gente que já me disse coisas como “ainda não fui lá, [referindo-se ao Museu] nem conheço. O meu filho já foi, gostou muito da actividade, está em casa a continuar a actividade, tive que o ajudar...” e acabam por visitar o Museu. Acabam por trazer outro público que, neste caso, serão os pais, os avós, os padrinhos que, muitas vezes, vêm visitar porque o filho ou o neto esteve aqui.

49E: *Como é que se organiza esse trabalho, as actividades que aqui desenvolvem?*

50E1: Nós, normalmente, todos os anos comunicamos às Escolas, Infantários, ATL as exposições e actividades que vão decorrer aqui no Museu e depois através dos contactos, do *e-mail*, eles fazem a sua marcação e, com essa marcação, fazem-se as actividades e a visita ao Museu, conforme eles pretendem. Agora estamos à espera do lançamento do novo folheto que vai ser distribuído e divulgado...

51E: *Com novas actividades?*

52E1: Sim. Achei que era importante.

53E: *Foram pensadas por si?*

54E1: Sim, embora peça sempre opiniões aos meus colegas, ideias e fale sempre com o Doutor [*referindo-se ao responsável do Museu*].

55E: *Os recursos que existem para essas actividades poderiam ser melhorados?*

56E1: Eu espero bem que sim, que sejam melhorados... Já estivemos pior, muito pior. Neste momento, pelo menos, já temos uma sala, já temos algumas coisas. Já estivemos bem pior, bem mais apertadinhos. Não tínhamos sala, estávamos a fazer as actividades directamente nas exposições, criávamos um espaço para fazer as actividades. O público quando entrava até gostava mas, por vezes, também tínhamos que estar sempre a pedir aos meninos para que falassem baixo, para que não fizessem barulho porque também estava outro público a visitar o Museu. Era tudo junto e, neste momento, já temos esta sala [*referindo-se à sala dos Serviços Educativos*]. Agora são necessárias outras coisas.

57E: *Que coisas é que acha que estão a precisar?*

58E1: Mobiliário, principalmente. Mas não é fácil em termos de recursos financeiros.

59E: *Se receber, sozinha, um grupo nos Serviços Educativos sente necessidade de ajuda?*

60E1: Sim. Os grupos podem ser de vinte e cinco pessoas e não é fácil estar responsável por vinte e cinco crianças. Não podemos dar mais atenção ou passar mais tempo com uma do que com outra, senão elas sentem. Eles trazem professores mas, muitas vezes, acabam por ficar entregues só a nós. Os professores até acabam por querer fazer as actividades, como os meninos. Às vezes tenho ajuda, mas se não tiver fica difícil.

61E: *Acha que o Museu poderia ter ofertas diferentes para atrair novos públicos?*

62E1: Sim, as coisas podem sempre ser melhoradas... Estou penso sempre que podemos aprender todos os dias, melhorar todos os dias.

63E: *Já alguma vez idealizou ou apresentou sugestões de actividades que não existem no Museu do Traje? Quais?*

64E1: Não... Eu sempre achei, e já falei contigo no outro dia, que se podia criar aqui um bar, até. Não sei, um espaço aberto ao público. Pode ser “tolice” minha, mas acho que trazia outro ânimo ao espaço.

65E: *Porque é que acha que essas ideias nunca foram implementadas?*

66E1: Tínhamos que pensar melhor em criar o espaço e ver se seria possível. Porque trazia outro público. Não sei, podiam-se criar coisas diferentes para isto não estar sempre parado. Também já pensei que se podia organizar um espaço para as crianças que visitam o Museu com os pais.

67E: *Para as crianças que não vêm com as Escolas?*

68E1: Sim. Eu, na recepção, vejo o que as crianças querem e, muitas vezes, eles espreitam aqui a sala [*referindo-se à sala dos Serviços Educativos*] e também querem fazer as actividades. Acho que era importante criar um espaço onde essas crianças, que não vêm com as Escolas, pudessem fazer estas coisas, também. Era uma forma de atraí-las.

69E: *Muito bem... Gostaria de referir alguma informação ou esclarecer algum aspecto antes de finalizar a entrevista?*

70E1: Não... Penso que disse mais ou menos tudo.

Apêndice IV – Grelha de análise das entrevistas do Museu do Traje

Dimensão de análise		Entrevistadas MT			
1	Tempo na instituição	Oito anos	Três anos	Cinco anos	Nove anos
2	Função na instituição	Serviços Educativos. Papel flexível.	Recepção, Serviços Educativos, auxílio no restauro... Papel flexível.	Recepção (telefonista, responsável pelas vendas, limpeza dos produtos para venda e tesouraria...). Assistente operacional. Papel flexível.	Técnica (visitas guiadas, conservação preventiva, inventariação de todo o espólio). Auxílio nos Serviços Educativos, na recepção... Papel flexível.
3	Variabilidade das funções ao longo do tempo	Foram sempre as mesmas funções.	Foram sempre as mesmas funções.	Foram sempre as mesmas funções.	Foram sempre as mesmas funções.
4	Preferência em trabalhar com um público específico	Crianças.	Nenhum em específico.	Crianças e idosos	Crianças.
5	Trabalho realizado no Museu	Mostrar a cultura da região e divulgar outras iniciativas, com as exposições temporárias.	Divulgar a cultura.	Mostrar às pessoas o que aqui temos dentro e que tem a ver com a tradição do traje e do ouro, essencialmente.	Investigar e divulgar o traje
6	Públicos recebidos	Todos os públicos. Escolas, portugueses, estrangeiros...	Todos os públicos. Portugueses, estrangeiros, Escolas, emigrantes, deficientes...	Todos os públicos. Estrangeiros, portugueses, emigrantes...	Todos os públicos. Público escolar, sénior e estrangeiros.
7	Público que mais visita o Museu	Nenhum público se destaca, mas não estamos a receber muitos cidadãos portadores de deficiência, como os cegos.	Nenhum público se destaca mas os invisuais não são um público frequente.	Nenhum público se destaca.	Nenhum público se destaca.
8	Importância da oferta educativa	A oferta educativa é muito importante. É uma forma de mediação com a família.	A oferta educativa é muito importante, até para as crianças perceberem o conteúdo do Museu.	A oferta educativa é importante para as crianças perceberem o conteúdo do Museu	A oferta educativa é muito importante. É uma forma de incutir nas crianças valores e tradições.

9	Melhorias a implementar	Recursos materiais nos Serviços Educativos.	Não são necessárias melhorias.	Localização dos Serviços Educativos.	Criar condições para receber invisuais e surdos. Ter outra programação expositiva.
10	Ofertas para atrair novos públicos	Sim.	As actividades que existem atraem muita gente. Não são necessárias novas ofertas.	Sim.	Sim
11	Que novas ofertas	Criar um espaço para crianças que não visitam o Museu com as Escolas.		Actividades diferentes nos Serviços Educativos (teatro, por exemplo).	Criar um espaço dedicado às crianças, a tempo inteiro.
12	Idealização/Apresentação de sugestões	Novo espaço aberto ao público para dinamizar o Museu (bar, por exemplo).	Prefiro não partilhar as minhas ideias acerca do assunto.	Nunca fiz sugestões	
13	Porque é que nunca foram implementadas	Seria necessário pensar com mais seriedade no assunto			
14	Mais informações				Reservas visitáveis. O Museu faz um trabalho de investigação.

Apêndice V - Transcrição da Entrevista n.º9 (Museu de Artes Decorativas)

1E: *Vou perguntar-lhe, em primeiro lugar, desde quando é que trabalha aqui no Museu de Arte e Arqueologia?*

2E9: Desde Abril de 1993.

3E: *Qual é o papel, ou as funções, que desempenha aqui na instituição?*

4E9: Eu sou Técnica Superior da Cultura.

5E: *Foi sempre esse o papel que desempenhou?*

6E9: Não, não. Eu entrei como Técnica de Museografia e estive como Técnica de Museografia até Agosto de 2009. E de Agosto de 2009 até à data é que sou Técnica Superior da Cultura.

7E: *Há algum tipo de público com quem prefira trabalhar?*

8E9: Não, não tenho essa preferência. Qualquer público me dá vontade de trabalhar, desde que o público esteja interessado, obviamente. Não me interessa trabalhar, por exemplo, com um público que entre aqui e não esteja minimamente interessado naquilo que temos para transmitir ou para fazer. Isso aí não! Agora por faixas etárias, não tenho preferência. Qualquer uma é boa, é bem-vinda.

9E: *Poder falar-me do trabalho que é realizado no Museu?*

10E9: Nós temos vários tipos de trabalho, não temos só o atendimento ao público. Há um trabalho muito grande, feito por trás, porque para nós oferecermos alguma coisa ao público e para termos o que está lá em baixo a nível de colecção visitável, há todo um trabalho que está por trás. O estudo do trabalho, as peças, organização de reservas, todo o trabalho que fazemos para os Serviços Educativos. Há um grande trabalho, por trás, de investigação, o que é que vamos fazer, fazemos o estudo, a investigação. Quer dizer, tudo isto que eu estou a nomear são, praticamente, as missões que tem o Museu. De conservar, o Museu não é só entrar, visitar e “é bonito” e já está. Há todo um trabalho de bastidores. A investigação, o estudo, pôr em prática e ver se conseguimos fazer, tentar atingir os nossos objectivos, também com os trabalhos que fazemos... E trabalhar, principalmente, todos em conjunto e em equipa para conseguirmos fazer porque ninguém consegue fazer nada sozinho. E a missão, no fundo, do Museu e nossa aqui de trabalho é essa.

11E: *Se eu lhe perguntasse que públicos recebem aqui no Museu o que é que me diria?*

12E9: Todos. É assim, depende se me pergunta assim: “que tipo de público é que vem para determinada actividade?”. Nós temos actividades feitas para algumas idades no Serviço Educativo agora é assim, no geral, vêm todos. Desde os idosos, pessoas que estão

institucionalizadas e que vêm com as instituições, crianças, Infantários, vêm os vizinhos, aqui os nossos vizinhos e parceiros aqui do lado... Vêm todos.

13E: *Portanto, o Museu é visitado por toda a gente, há é públicos que o visitam para determinadas actividades?*

14E9: Os objectivos deles é que são diferentes. Uns vêm meramente só para ver o que aqui está, alguns vêm porque às vezes está a chover e não têm para onde ir, outros vêm com o intuito de estudo, outros vêm o intuito de procurar actividades que nós temos... Depende do que eles vêm cá procurar e daquilo que nós temos, também, para oferecer.

15E: *Tendo em conta isso que me disse, quem diria que visita mais o Museu?*

16E9: São os estrangeiros, os estrangeiros e as Escolas. Trabalhamos muito com as Escolas. Aliás, eu suponho que o público aqui no inverno é todo composto por Escolas.

17E: *Porque é que acha que isso acontece? Porque é que acha que são as Escolas que visitam mais o Museu?*

18E9: As Escolas visitam mais os Museus porque nós também tentamos dar a conhecer às Escolas o trabalho que há e, normalmente, as pessoas tentam fazer a ponte, a ligação com o estudo. É estar a falar aos miúdos de algo que eles estão a estudar, já nos tem acontecido isso. Por exemplo, a colecção que temos aqui, o próprio edifício marca uma época, temos acervo que marca determinadas épocas e os professores, principalmente aqui do concelho, sabem que nós aqui temos essa exposição e fazem, muitas vezes, a ponte, com as matérias que estão a dar. No fundo dão cá uma aula. E isso é mais fácil, quando alguém nos está a explicar e nós estamos a ver in loco...

19E: *Eles materializam o que estão a aprender.*

20E9: Eles materializam e, de certeza, que é uma coisa que eles nunca mais vão esquecer. Eles vão ser adultos e, de certeza, que se vão lembrar que foram ao Museu e que estilo é que aquilo tinha, como é que aquilo era feito, suponho que é mais por aí que as Escolas nos procuram. Depois, também, pelo tipo de Serviços Educativos que nós proporcionamos. Nós temos a exposição permanente, temos Serviços Educativos para a exposição permanente e temos Serviços Educativos que são feitos conforme as exposições que vêm. Desenvolvemos os Serviços Educativos com a Arte Contemporânea, que são duas coisas totalmente diferentes. Nós temos lá em baixo uma coisa mais clássica e, depois, chegamos aqui à galeria e temos uma coisa muito mais contemporânea. Pode, ou não, misturar-se com o que está lá em baixo mas têm que ser trabalhos diferentes, e fazemos essa programação.

21E: *Aproveitando a deixa dos Serviços Educativos, que importância atribui a esses Serviços?*

22E9: Essenciais! São essenciais. Eu acho que é essencial e acho que é assim que até conseguimos que venham diferentes públicos ter connosco. Serviços Educativos, atenção! Eu quando falo em Serviços Educativos não quero que seja interpretado de forma a que os Serviços Educativos sejam igual a Escola ou Serviços Educativos está para a Escola, não. Os ateliês, por exemplo, que nós temos integrados nos Serviços Educativos, também estão adaptados para pessoas de idade. De idade, adultas! Adultas, que estão na faixa dos cinquenta até aos setenta e tal anos. Eu vejo os Serviços Educativos não só como sendo para as Escolas.

23E: *Ou para as crianças...*

24E9: Ou para as crianças, só. Não! Serviços Educativos, para toda a gente. Como a entrada do Museu é aberta a toda a gente, o Serviço Educativo é aberto a toda a gente. Portanto, toda a gente tem acesso às actividades que nós propomos e às vezes instantâneas. Às vezes aparecem coisas engraçadas no decorrer da visita guiada, aparecem situações muito interessantes com diferentes públicos.

25E: *De todas as idades.*

26E9: De todas as idades. Nós já tivemos aqui uma visitante, foi muito engraçado e eu achei muito curioso, eu não sei se posso considerar a senhora uma sem-abrigo mas é uma senhora que anda aqui em Viana, acho que não é portuguesa, a passear pela cidade, não sei se é sem-abrigo ou não e ela, uma altura, entrou-nos aqui no Museu. E foi muito engraçado que ela perguntou se pagava para visitar o Museu e as colegas, lá em baixo [*referindo-se à Recepção*] disseram-lhe que sim, que tínhamos dois tipos de bilhete, um de grupo de 1€ e outro de 2€. Ela foi-se embora e, passados dois dias, a mesma senhora veio cá com 2€ na mão e disse: “eu quero visitar o Museu!”, e esteve aqui muito tempo a visitar o Museu. Ela tinha interesse em visitar o Museu, alguma coisa a chamou a atenção, É só mais para reforçar que recebemos toda a gente e que toda a gente tem direito e, às vezes, acontece que pessoas interessadas, que estão desempregadas que querem, por momentos, esquecer a situação em que estão e que nos pedem: “eu posso visitar o Museu gratuitamente?”, nós deixamos, mesmo às vezes sem o Chefe saber. Porque eu acho que não deve ser uma coisa que deve ser barrada por um escasso euro, por 2€, não devemos fazer isso. Mais tarde, às vezes, até se a situação da pessoa muda até pode dar outros frutos.

27E: *Consegue identificar melhorias que podiam ser implementadas aqui no Museu?*

28E9: Consigo! A nossa situação geográfica, em relação ao Museu do Traje, é problemática porque o Museu do Traje está num sítio central. Só por aí é já um benefício grande em relação a nós que estamos aqui num Largo que tem pouca actividade cultural, pouca actividade de que foro for. E então os nossos vizinhos, é muito engraçado porque nós vamos aqui às lojas, ao cafezinho, à padaria, à livraria, dizem-nos: “qualquer dia vou ao Museu, que não conheço”. Então o que é que nós fizemos? Este ano, para comemorar o Dia Internacional dos Museus no dia 18 de Maio, fizemos um convite personalizado. Fomos, primeiro, fazer uma sondagem, fomos ter com os nossos parceiros, digamos assim, e propusemos: “nós somos funcionários do Museu, estamos a pensar proporcionar-vos uma visita e queremos contar com vocês”. Então, fomos de loja em loja, durante uma tarde, divulgar pessoalmente esta actividade e perguntamos a alguém da loja: “quem é que vai à visita?”. Apontávamos o nome da pessoa e através da lista dos nomes das pessoas viemos para o Museu e, de uma forma muito caseira, até foi em formato PowerPoint que não cabe na cabeça de ninguém, mas foi em formato PowerPoint, fizemos vários *slides* em que personalizamos o convite. Então pusemos: “O Museu de Arte e Arqueologia vai comemorar o dia Internacional...”, eu até acho que tenho aqui, até lhe posso mostrar. Bem, fizemos o convite, personalizamos o convite e, uma semana antes, fomos pessoalmente, mais uma vez, entregar o convite aos nossos parceiros para virem cá. O que é que aconteceu? Eles tiveram que se “comprometer” que vinham. O que é que nós pensamos? “Mandar por correio não funciona, nós temos que os «caçar», mesmo”. Então, fizemos isto [*mostrando o convite em formato digital*] “O Museu de Arte e Arqueologia tem a honra de convidar a [*nome da pessoa*] da [*nome do estabelecimento comercial*] ...”. É que nós pusemos o nome da pessoa e o nome da loja!

29E: *O nome da pessoa, o nome da loja em formato digital!*

30E9: Ora nem mais! Fizemos em formato digital, imprimimos, cortamos os convites, pusemos num envelope, fomos à [*nome do estabelecimento comercial*] e entregamos o convite, neste caso para a [*nome*] da [*nome do estabelecimento comercial*] “para visita guiada ao Museu e Exposição Temporária «Poesia Experimental Portuguesa», às 11h00”. Nós mandamos isto a todos, só não vieram dois ou três comerciantes porque eram da área da restauração e tinham almoços para fazer. Foi muito engraçado porque eles vieram, ficaram espantados por terem aqui, à beira deles, uma coisa que não conheciam e, no final, entre os funcionários fizemos uma “vaquinha”, como se costuma dizer, fomos a uma pastelaria, compramos uns bolinhos, fizemos um chazinho e pedimos à fábrica de Viana que nos emprestasse bules e chávenas e oferecemos

chá com biscoitos, numa das salas do Museu. Portanto, esta foi uma forma que nós encontramos de captar um público e agora temos a certeza que nos conhecem. No final oferecemos um pequeno roteiro do Museu que eles têm na loja e isto foi uma forma que arranjamos de fazer divulgação e mediação. Quem vai agora à farmácia, à tabacaria, ao talho, ao sapateiro encontra informação suficiente sobre o Museu e sobre o que se pode ver. Qualquer exposição que haja aqui vamos, novamente, ter com eles, e eles visitam-nos.

31E: *Mas, diga-me, fizeram isso porque sentiam que eles não conheciam?*

32E9: Sentíamos que eles não vinham, começamos a ficar, entre aspas, preocupados, a questionar porque é que tínhamos aqui vizinhos que nunca ninguém se preocupou em trazer-los cá. Algumas pessoas diziam-me assim: “não sei se vou, não tenho tempo” e eu comecei a dizer “então, a partir de hoje, não venho mais ao seu café!”. Foi uma forma, quase, de coagir, mas eles depois até ficaram muito agradecidos e até chegaram a dizer “ainda bem que insistiram connosco porque realmente valeu muito a pena”.

33E: *Portanto, essa era uma melhoria que era preciso implementar?*

34E9: Era uma melhoria que era preciso rapidamente fazê-la, porque eles agora são nossos amigos neste sentido de se alguém vai lá para saber onde é que pode ir, automaticamente eles dizem: “olhe, tem aqui o Museu! Que tem louças antigas, que tem mobiliário...”. Portanto estávamos a pensar, para o próximo ano, continuar com esta iniciativa e alargar. Então estávamos a pensar alargar a quem? As outras entidades: PSP, porque os polícias andam na rua e, muitas vezes, esquecem-se que existe o Museu, convidá-los a vir cá ao Museu, Bombeiros, Taxistas, que são eles que vão buscar pessoas, estrangeiros que chegam, ou que levam... Começar a alargar esta pequena coisita que nós fizemos e ser uma forma de arranjar interlocutores entre nós e a comunidade daqui e de quem vem de fora. Porque o taxista vai buscar as pessoas à Estação, ao Aeroporto, traz para cá, leva, entra e sai. O polícia anda na rua, dá informações, uma série de pessoas. Não nos sai muito caro, é só arranjarmos uns bolos, um agrado só, uma coisa simpática para pôr que as pessoas gostam disso, e depois até fazem questão... Foi muito engraçado porque uma das senhoras que veio cá, era da pastelaria e ela disse “para a próxima vez que isto aconteça eu colaboro com os bolinhos”. Eles já se começaram a interessar e a querer participar e a predispor. “Eles interessaram-se por nós, agora também temos que fazer alguma coisa por eles”. São coisas simples...

35E: *E formas de estabelecer laços.*

36E9: E de estabelecer laços. Porque falamos tanto nos nossos vizinhos e eu lembro-me, quando era miúda, que a relação entre vizinhos era uma coisa que fazia parte do nosso dia-a-dia e hoje quase nos esquecemos para que é que servem. E nós começamos a pensar nisso, com esse sentimento tipo bairrismo, ou seja o que for... Mas começamos numa coisa micro, por aqui, e queremos ver se começamos a alargar, a captar mais entidades. Gostávamos de fazer, também, com os nossos colegas da Câmara que estão num edifício separado do nosso, porque também há lá muitas secções que são de atendimento ao público. As colegas, por exemplo, que estão na Recepção, fazer, pedir “venham-nos visitar, venham ver o que é que nós temos”. Isso são formas simples de fazer...

37E: *Em relação à atracção de novos públicos está a dar-me coisas exemplos de coisas que estão a ser feitas, novas ofertas...*

38E9: Sim, estou a falar-lhe de coisas que nós temos feito aqui. Por exemplo, um público que estamos a trazer agora, há cerca de um ano de meio para cá, e que se está a tornar assíduo a nível de trabalho e tudo, e é engraçado porque tudo começou a nível micro e agora já está a ser projectada a organização de uma visita para uma instituição em que já estão envolvidas quatro instituições, são públicos com algum tipo de deficiência. Começamos por trabalhar com uma instituição que nasceu há dois anos que é a Íris Inclusiva. Sabíamos que queríamos trabalhar com eles mas não sabíamos como. Não tínhamos ferramentas, nunca tínhamos trabalhado com cegos, não sabíamos de que é que os cegos precisavam.

39E: *Sentiam essa necessidade? De trabalhar com invisuais?*

40E9: Sentíamos. Porque é que vêm só pessoas ditas “normais”, e eu vou já explicar porque é que eu estou a dizer “ditas normais”, visitar o Museu? A cultura tem que ser acessível a toda a gente. Não pode haver entraves, de maneira nenhuma. Era como eu dizia há bocado, se aparece aqui alguém sem dinheiro para visitar o Museu não é por causa disso que não o visita. Não interessa, entra na mesma. Nós queríamos trabalhar com cegos, com amblíopes mas não sabíamos como, não sabíamos que cuidados ter e então fomos à procura. Falámos com a Íris, eles ficaram logo entusiasmados, claro. Então a Íris tinha uma colaboradora, na altura aposentada, mas que toda a vida trabalhou com cegos e que fez a sua formação e trabalhou muitos anos no centro Helen Keller, de Lisboa, que é só de cegos e perguntaram-nos o que achávamos de fazer alguma coisa com ela. Claro que agarrámos logo aquilo! Vamos trabalhar com a Dra. [nome]! E assim foi. E então o que é que nós organizámos? Pedimos à Dra. [nome] para nos dar uma ligeira formação sobre como lidar e conviver com um público a que nós não

estamos habituados. A reacção normal, que nós temos e achamos correcta, quando vemos uma pessoa cega é dar-lhe a mão e indicar-lhe o caminho. Mas nós não estávamos “para aí virados”. Então marcámos uma formação de uma manhã, com a Dra. [nome] em que ela trouxe uma série de materiais, uma série de actividades que fizemos e estendemos isso ao Museu do Traje. Convidamos os colegas do Museu do Traje e fizemos a actividade, apesar de pessoas de forma se estarem a querer inscrever para participar nessa acção só que, primeiro, restringimos. Pensamos: “vamos, primeiro, fazer para o pessoal só dos Museus para depois, a partir daí, podermos criar mais redes e dar a possibilidade a mais pessoas”. Tivemos aqui uma manhã, nós, o Museu do Traje e algumas pessoas da Íris, também. Aprendemos várias coisas, fizemos muitas actividades vendados, para termos a noção do que é ser cego e ambliope e aprendemos várias coisas, coisas muito básicas. Quando organizamos uma visita, seja em que sítio for, para uma pessoa cega, temos que ter cuidado com a limpeza, os cegos detestam sentir as mãos sujas. A primeira visita que fizemos com eles foi aos painéis de azulejos do Museu, com os rodapés que terminam num caixilho em madeira. A primeira experiência, que foi feita quando a visita estava quase preparada, porque nós preparamos a visita, primeiro tivemos a formação, depois fizemos um esboço daquilo que nós queríamos fazer, apresentamos à Íris, a Íris disse que podíamos avançar e conforme a preparação ia sendo desenrolada alguém da Íris, cego, vinha cá fazer uma pré-experiência, ver se isto estava bem ou não, e num dos dias passaram a mão por cima do rodapé. No fim disseram: “atenção que isto não pode estar sujo. Tem que estar limpo ou, no final, temos que ter uns toalhetes para limpar. Porque nós vemos com as mãos”. Nunca nos tinha passado isso pela cabeça. Então está tudo limpo, claro, e no final temos um pacote de toalhetes que temos nós ou traz a Íris para as pessoas, que eles convidam e que nós convidamos, lavarem as mãos. Vamos fazer a quarta visita, já!

41E: *Portanto, vocês estão a trabalhar nesse processo de receber novos públicos?*

42E9: É tudo em coisas micros. Porque, praticamente ainda não é um trabalho em grande escala mas vamos fazendo algumas coisas. A próxima visita já é uma parceria com a Escola Superior de Educação, com alunas do terceiro ano que vão ser professoras do Ensino Básico, é um trabalho em contexto escolar. Elas vieram propor-se trabalhar connosco na organização da nossa próxima visita, em que vai estar implicado o Museu, a Escola Superior de Educação, a Íris e a Fábrica da Louça porque a temática, desta vez, vai ser a cerâmica. Já fizemos uma sobre azulejos, outra sobre talha, outra sobre heráldica e, na de heráldica, houve uma parte prática. Eles fizeram moldes, os cegos fizeram moldes! Com plasticina e, depois, fizeram uma mistura

de gesso com água e fizeram moldes. E terminaram a visita num painel a fazer um Brasão porque nós, na preparação da visita, estivemos todos a trabalhar, desde a senhora da recepção, nisto [*mostrando os materiais utilizados na visita*]. Uma coisa tão simples quanto isto, ponha a mão em cima [*referindo-se a um dos materiais*]... eles sabiam que isso era um leão e isto colava num painel que tinha velcro. Eles visualizavam isto tudo, que nós tivemos o cuidado de pôr o relevo e, mediante as explicações que nós demos e os Brasões que eles viram nas salas começaram a ver isto e fizeram Brasões. Colaram isto, puseram isto no lugar que queriam e fizeram Brasões.

43E: *E foram vocês que fizeram estes materiais todos?*

44E9: Sim, isto fomos nós que fizemos e quase sem custos nenhuns. Sabe o que isto é? Isto são fotocópias de desenhos, ampliadas, que tiramos da Internet. O único gasto que tivemos foi o da tinta, que é tinta relevada, o resto foi tudo feito por nós. Ampliámos, tiramos as fotocópias, cortámos, pegámos na tinta relevada e pusemos por aqui para eles se aperceberem das ameias, do castelo, dos tijolos que o castelo tem, do leão, da juba, da cauda, da coroa, dos diferentes tipos de coroa, da coroa de bispo, da coroa de rei, da coroa de visconde... Isto foi tudo feito assim, materiais que fizemos aqui.

45E: *As pessoas que vêm cá fazer esses “testes”... como é que são feitos os contactos?*

46E9: Telefonamos ou então vamos lá...

47E: *São pessoas que vocês conhecem?*

48E9: Começámos a conhece-las. Nós começámos a procurar, não as conhecíamos. Começaram-nos a ajudar e começámos a trabalhar com elas.

49E: *Começaram a colaborar connosco.*

50E9: Começaram a colaborar connosco. Porque é assim, a primeira visita que nós fizemos com a Íris terminou aqui no jardim, no Verão, em Junho, quando eles fizeram um ano. Depois de fazerem a visita viemos para o jardim fazer uma reflexão. Falamos todos, os visuais e os invisuais. Queríamos que eles nos dissessem o que é que achavam que estava bem, o que é que esteve mal e, dentro do bem, o que é que nós poderíamos, ainda, melhorar. Fizemos ali uma reflexão, eles gostaram, e a única coisa que nos pediram foi que não houvesse a quebra desta continuidade de visitas, que fizéssemos, pelo menos, todos os anos uma, ou duas, se possível. Mas isto são coisas que, realmente... Nós, para já, ainda não conseguimos fazer as duas mas, de ano e meio para cá, já fizemos três. Vamos, agora, fazer a quarta já para Janeiro que vai ser sobre a cerâmica. E eles agora, neste momento, já começam a ter actividade

incluída na visita. Nós não fazemos a visita toda ao Museu, escolhemos um tema. Primeiro foram os azulejos, depois a talha, depois a heráldica... Aos bocados vamos fazendo as visitas, consoante o acervo que temos no Museu. Agora, nós temos bastante cerâmica, vamos fazer sobre cerâmica, desde o barro normal, comum do chão, até à peça que está exposta. Só que agora já vamos ter três parceiros a trabalhar connosco, já se está a estender, aos bocadinhos. Quer dizer, já é outro tipo de público que nós estamos a... E o que é que acontece? Temos estes materiais das visitas que nós vamos organizando, que vamos acumulando, e vamos tendo material pronto para uma pessoa que chegue aqui. Vem interessada em ver azulejos, tem um azulejo pronto para apalpar, para saber que desenho é que lá está. Está pronto, está guardado, é só dizer: “venha a tal hora que está tudo pronto”.

51E: *Curioso... Há mais alguma coisa de que gostasse de me falar, esclarecer ou informar?*

52E9: Não, não, se não tem mais nada para me perguntar.

Apêndice VI - Grelha de análise das Entrevistas do Museu de Artes Decorativas

	Dimensão de análise	Entrevistados MAD						
1	Tempo na instituição	Onze anos	Dezoito anos	Onze anos	Dez anos.	Dezoito anos	Dois anos.	Quatro anos.
2	Função na instituição	Técnica de Museografia (montar exposição, inventário, as peças, visitas guiadas, conservação preventiva). Papel flexível.	Técnico de Museografia (exposições, colecções e públicos). Papel flexível	Técnico de Museografia	Gestão do Museu (função administrativa).	Técnica Superior da Cultura.	Recepção	Recepção
3	Variabilidade das funções ao longo do tempo	Foram sempre as mesmas funções.	Foram sempre as mesmas funções.	Foram sempre as mesmas funções.	As funções não foram sempre as mesmas. Iniciou actividade no Museu como recepcionista.	Foram sempre as mesmas funções.	Foram sempre as mesmas funções.	Foram sempre as mesmas funções.
4	Preferência em trabalhar com um público específico	Crianças.	Público escolar.	Não.	Crianças.	Não.	Visitas em grupos.	Não.
5	Trabalho realizado no Museu	Objectivo educacional. Partilhar as peças, valorizar o nosso Património, dar a conhecer a história da cidade.	É um estúdio de educação não formal.	Gerar informação acerca do espólio. Informar, divulgar e transmitir informação das colecções para qualquer tipo de público.	Conservação, restauro, gestão do Património...	Estudar, investigar, conservar, organizar as reservas. Trabalho dos Serviços Educativos.	Dar a conhecer a cultura dos nossos antepassados.	Trabalhar para as pessoas.
6	Públicos recebidos	Todos os tipos de públicos.	Todo o tipo de públicos. Público escolar, crianças...	Essencialmente público escolar e estrangeiros.	Público escolar, idosos, emigrantes...	Todo o tipo de públicos.	Portugueses, estrangeiros, idosos...	Estrangeiros, Escolas, idosos...

7	Público que mais visita o Museu	Pessoas que gostam de Arte Antiga; que já ouviram falar do Museu.	Público escolar.	Público escolar.	Público com interesse específico no conteúdo do Museu (público escolar, por exemplo)	Estrangeiros e público escolar.	Idosos. Espanhóis	Espanhóis e emigrantes
8	Importância da oferta educativa	Muito importante, para sensibilizar as crianças e para que elas cresçam a apreciar os Museus.	Muito importante e gratificante, pois é possível “ver” o público a crescer.	Muito importante para transmitir uma ideia diferente daquela que existe acerca dos Museus.	A oferta educativa é importante, para que as crianças aprendam a gostar dos Museus	Os Serviços Educativos são essenciais.	Muito importante para auxiliar na aprendizagem das crianças.	Muito importante e interessante.
9	Melhorias a implementar	Divulgar mais o Museu.	Aposta na diversidade e regularidade das exposições temporárias.	Existem melhorias a implementar, mas a verba existente para isso é limitada.	Divulgação do Museu. Melhorias no imóvel.	Situação geográfica, divulgação do Museu.	Melhorias nas infra-estruturas.	Melhorias nas infra-estruturas (aquisição de um elevador, por exemplo).
10	Ofertas para atrair novos públicos	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.
11	Que novas ofertas		Divulgação do Museu. Aposta nas exposições temporárias.	Flexibilidade na oferta das exposições temporárias.	Iniciativas para atrair novos públicos. Proporcionar o contacto dos artistas com o público.	Trabalho com públicos específicos (cegos, por exemplo). Divulgação do Museu junto dos comerciantes vizinhos.	Novos artigos para venda.	Apostar na divulgação.
12	Idealização de sugestões		Não nos cabe a nós fazer esse tipo de	Não nos cabe a nós fazer esse tipo de	Não faço sugestões porque não			Nunca fiz sugestões.

			idealizações.	idealizações.	seriam aceites			
13	Porque é que nunca foram implementadas							
14	Mais informações							Gosto muito de trabalhar aqui.

Apêndice VII – Grelha de análise das Entrevistas aos Comerciantes de Lojas Regionais

	Dimensão de análise	Entrevistado/Comerciante					
1	Conhecimento do Museu e seu conteúdo	Conhece o Museu. Pouco do seu conteúdo	Conhece o Museu. Pouco do seu conteúdo	Conhece o Museu. Pouco do seu conteúdo	Conhece o Museu e o seu conteúdo	Conhece o Museu e o seu conteúdo	Conhece o Museu. Pouco do seu conteúdo
2	Conhecimento das actividades	Pouco	Não conhece	Não conhece	Não conhece	Conhecimento dos Serviços Educativos	Não conhece
3	Visitas ao Museu	Uma vez, há muito tempo.	Nunca	Uma vez, há muito tempo.	Nunca	Duas vezes, com os filhos. Na abertura do Museu e no âmbito de um evento cultural	Nunca
4	Importância atribuída ao Museu	É importante para a divulgação dos trajes	É importante	É importante	É um «chamariz» para os turistas	O Museu do Traje é muito importante para a cidade assim como as suas iniciativas e actividades, até para as pessoas mais velhas.	Importante para os turistas. Traz movimento à rua. As pessoas acabam por passear na cidade e isso também traz vantagens para o nosso comércio.
5	Perspetiva acerca da quantidade público	Não sabe. Pensa que as pessoas conhecem o traje, atribuem-lhe importância e têm interesse em visitar o Museu	Muito visitado	Precisava de ser mais divulgado para ser mais visitado	Muito visitado	Se calhar não é muito visitado. Se calhar é só mais visitado no Verão	Não é muito visitado
6	Perspetiva acerca do tipo de públicos	Principalmente portugueses. Os estrangeiros não	Estrangeiros	Turistas, essencialmente. Portugueses ou não.	Pessoas de meia-idade, com cultura geral elevada	No Verão turistas e no inverno sejam mais as pessoas	Não faço a mínima ideia

		atribuem importância ao traje				daqui	
7	Visitas da população local	A população local é a que menos visita	Não visita	As população local não visita porque já conhece os trajes	Não visita	Muito não, mas suponho que toda a gente conhece	Possivelmente as pessoas daqui interessam-se mais
8	Pedido de indicações para chegar até ao Museu	Sim	Sim, muitas vezes	Sim	Sim	Muitas vezes as pessoas perguntam onde fica e fazem perguntas	Sim, já aconteceu. Algumas pessoas já nos perguntaram onde fica o Museu.
9	Sugestão da parte do comerciante ao cliente para visitar o Museu	Não	Sim, quando pedem sugestões de locais a visitar na cidade	Não	Não	Sim, várias vezes. Como conheço e gosto acho que é uma boa visita para se fazer.	Não
10	Melhoria da oferta do Museu	Sim. Ex: danças de ranchos folclóricos no Museu;	Não sei. Acho que está bem divulgado	Como não tenho conhecimento do que acontece no Museu, prefiro não dar sugestões	Divulgação	O Museu podia ter outras atividades, durante o dia, como teatro, por exemplo.	
11	Razões que o levariam a visitar mais o Museu	Entradas gratuitas para os comerciantes relacionados ao artesanato	Ver os fatos tradicionais	Ter mais disponibilidade	As peças que o Doutor Freitas ofereceu. O resto não me atrai tanto porque no fundo estão coisas expostas que conheço desde que nasci		Mais disponibilidade e mais conhecimento acerca do que está exposto
12	Mais informações						

Apêndice VIII – Grelha de observação para visitas guiadas

Data: ____ / ____ / ____

Grupo: _____

Número de Visitantes: ____

Responsáveis: ____

Exposição: _____

Início: ____h__ Fim: ____h__

Dimensão	Indicadores
Organização/Gestão dos visitantes/guia e da sala	<ul style="list-style-type: none"> • Como se organizam espacialmente os visitantes e o guia? • Os visitantes podem escolher os lugares/localizar-se da forma que desejam? • Existem interrupções causadas por factores exteriores? • Existe muito barulho? • São definidas regras previamente? • Quem define a organização espacial? • Este plano é flexível? • Qual é a reacção dos visitantes?
Interação entre os intervenientes	<ul style="list-style-type: none"> • Quem fala, para quem e durante quanto tempo? • Qual é o padrão de interacção? (fala uma pessoa de cada vez, muitas pessoas ao mesmo tempo, ou um misto? Quem regula este padrão?) • Como é dada a palavra às pessoas? • Como é que os responsáveis e funcionários falam uns com os outros? • Existem desacordos/conflitos? Porquê?
Discurso do Guia	<ul style="list-style-type: none"> • O guia dá instruções? Que tipo de instruções? • O guia mostra que está a ouvir? Como? • Que tipo de perguntas faz o Guia? • A quem é que o guia dirige as perguntas? • O guia dá tempo para os visitantes pensarem nas respostas? • O guia encoraja a formulação de perguntas? • O guia estimula a discussão? Como? • O guia consegue que os visitantes participem na visita? • O guia consegue captar a atenção dos visitantes?
Relação entre os visitantes	<ul style="list-style-type: none"> • Como é que os visitantes interagem uns com os outros?
Clima durante a visita	<ul style="list-style-type: none"> • Os visitantes e o guia estão interessados e entusiasmados? • Os responsáveis chamam os visitantes pelos nomes? • É usado humor durante a visita? • Os visitantes estão atentos? • Existe um clima de tranquilidade que favoreça a aprendizagem? • Existe um clima de valorização e respeito de diferentes opiniões? • Existe um clima de colaboração e ajuda?

adapt. de Reis, 2011³⁰

³⁰Consultado em: http://www.ccap.min-edu.pt/docs/Caderno_CCAP_2-Observacao.pdf

Apêndice IX – Guião da atividade «Era uma vez... a nossa história»

Narrador: – Numa aldeia de Viana do Castelo vive um menino que se chama João. O João tem dez anos e é muito curioso. Na escola, em casa e com os amigos aprende coisas muito interessantes e faz descobertas que o deixam encantado com o mundo e com as pessoas que o rodeiam. Na escola, o João está a aprender algumas coisas sobre o passado do seu país e da sua terra. Ao reparar nas imagens dos livros que retratam as pessoas que viviam no passado, o João pensou:

João: – Estas pessoas eram diferentes! Tinham outras roupas e faziam outras coisas... Como será que se vestiam as pessoas na minha aldeia? E que coisas faziam?

Narrador: – O João ficou a magicar nestas questões durante algum tempo pois achava estranho, e ao mesmo tempo engraçado, que as coisas fossem diferentes no passado. De tanto matutar, a sua curiosidade e imaginação levaram-no a fazer uma viagem no tempo até ao séc. XIX! E muito admirado falou para os seus botões:

João: – Esta é a minha aldeia! Mas... está tão diferente! As casas, os campos, as pessoas, as roupas!

Narrador: – O João estava encantado com tudo o que via, e principalmente com as roupas das pessoas por quem ia passando. Tinha vontade de fazer muitas perguntas a quem vivia naquela altura. Ao ver uma rapariga a trabalhar a terra do campo, decidiu parar e falar com ela:

João: – Bom dia!

Rosa *[um pouco assustada]*: – Bom dia... Quem és tu?

João: – Eu sou o João. Também moro aqui nesta terra.

Rosa: – Eu sou a Rosa. Nunca te vi por aqui. Porque estás vestido assim?

João: – Não me conheces porque eu vivo numa época diferente, no século XXI. É também por isso que me visto assim.

Narrador: – O João e a Rosa estavam a descobrir mundos novos. Como eram os dois curiosos, fizeram muitas perguntas um ao outro:

Rosa: – O que fazes no séc. XIX, se vives no séc. XXI?

João: – Estava muito curioso para ver o que as pessoas faziam nesta altura e para ver que roupas usavam. Porque estás a trabalhar a terra?

Rosa: – Eu vivo numa aldeia, trabalho a terra. *[perguntar às crianças se sabem que nome se dá a estas raparigas]*

João: – Não me lembro de ver raparigas a trabalhar a terra no séc. XXI... E porque te vestes assim?

Rosa: – Aqui usamos estas roupas.

João: – São muito diferentes daquelas a que estou habituado a ver...

Rosa: – Estas eram as roupas que as raparigas das aldeias de Viana do Castelo usavam *[perguntar se sabem que nome se dá ao traje]*. Há diferentes trajes. O que tenho vestido é o traje de trabalho. É com ele que venho trabalhar. É um traje simples, com tecidos que me protegem, mesmo nos trabalhos mais duros!

João: – Então quer dizer que há outros trajes?

Rosa: – Sim! Ao domingo uso o traje de domingar para ir à missa ou ao mercado. Este traje é mais rico do que o traje de trabalho e pode ter padrões muito diferentes.

João: – E nos dias de festa?

Rosa: – Nos dias de festa usamos o traje de festa. Só é usado em ocasiões especiais como as festas da aldeia, ou da Senhora da Agonia. É um traje muito rico e colorido! Com este traje as raparigas usam todo o ouro que têm, para mostrar a sua riqueza.

Narrador: – O João parou a pensar no que a lavradeira lhe contava. Já tinha visto os trajes nas festas da cidade e em grupos de folclore, mas nunca tinha pensado na história dessas roupas e para o que verdadeiramente serviam.

João: – E há mais trajes?

Rosa: – Há raparigas que organizam e ajudam nas festas. Essas raparigas são as mordomas e vestem o traje de mordoma durante as festas. Depois usam esse traje no dia do casamento porque são roupas melhores e muito caras pois tem tecidos comprados, que não são feitos pelas lavradeiras.

João: – Os outros trajes são feitos por vocês? Não compraste essas roupas?

Rosa: – No séc. XIX as pessoas faziam os seus próprios trajes!

João: – A sério? Eu não sei fazer roupa... Como é que faziam os trajes?

Rosa: – Utilizamos a lã das ovelhas, que são criadas por nós, e o linho. *[perguntar se sabem o que é o linho]*

João: – O linho?

Rosa: – Sim, o linho. O linho é uma planta que as lavradeiras transformam em tecido. É muito complicado e demora muito tempo!

João: – As pessoas desta época são muito sábias. E o que mais usam?

Rosa: – Também usamos sempre ouro. *[explicar que as lavradeiras usavam sempre ouro, caso contrário queria dizer que eram muito pobres]*

João: – As tuas roupas são muito bonitas! E os trabalhos que se faziam são muito diferentes dos que se fazem no séc. XXI! Não sabia estas coisas sobre o que se usava nesta época nas aldeias de Viana. Falar destas roupas é falar da história e tradições da nossa cidade.

Rosa: – É contar a nossa história!

João: – Foi tão bom conhecer-te e descobrir tudo isto! Vou voltar ao séc. XXI e procurar mais informação! Adeus lavradeira! Adeus amiga Rosa!

Rosa: – Adeus João!

Narrador: – O João voltou à sua época, maravilhado com o que viu. Falou com os pais, com o professor e com os amigos para partilhar o que sabia e para fazer ainda mais perguntas. Alguns dias depois, o João foi visitar o Museu do Traje...

Apêndice X - Proposta de Guião para visita autónoma

Museu do Traje
Viana do Castelo

Guião para visita autónoma

O Museu do Traje...

... foi criado com o propósito de divulgar as tradições etnográficas do Alto - Minho, com especial atenção no Traje.

O Museu cumpre a sua missão de divulgar e estudar a identidade Vianense e Alto Minhota de que o Traje é o principal expoente.

Aqui poderá visitar duas exposições permanentes (“Traje à vianesa” e “Trabalhos do linho”), uma exposição temporária e a Sala do Ouro.



Propomos uma viagem no tempo, a partir dos trajes «à vianesa» e do modo de vida das «lavradeiras».

1. Exposição “Traje à vianesa”

Esta exposição ilustra o uso dos vários trajes pelas lavradeiras no passado. Neste espaço **estão expostos exemplares dos vários trajes «à vianesa»**, com as devidas elucidações.

Existem vários tipos de traje com características distintas, e que eram usados em ocasiões diferentes.



Quem eram as «lavradeiras»?

O termo «lavradeira» significa «rapariga que lavra a terra». Este termo definia um grupo social que destacava o género feminino, o que demonstra o papel central da agricultura na vida económica e o peso fundamental da participação da mulher neste sector.



Traje de Festa

Traje de Festa

- O mais rico, vistoso e emblemático
- Fato caro, feito com os melhores materiais
- Decorado de forma artística, combinando o trabalho do tear com o bordado e a aplicação de missangas e lantejoulas
- Usado em ocasiões mais especiais, como são as festas em honra do santo padroeiro da aldeia ou da senhora d'Agonia, na cidade



Traje de Trabalho

Traje de Trabalho

- O traje mais simples
- Feito com tecidos grosseiros e decorações pouco trabalhadas
- Usado em diferentes tipos de trabalho para proteger a pele



Traje de Mordoma

Traje de Mordoma

- Usado pelas mordomas (raparigas com o estatuto de organizadora da festa)
- Traje de grande cerimónia, por isso se apresenta de cor preta (ou azul escuro)
- Era também com este traje, com pequenas alterações, que a rapariga se casava



Traje de
domingar

Traje de Domingar

- Mais decorado do que o de trabalho e mais simples do que o de festa;
- Usado em ocasiões em que as raparigas se querem apresentar mais bonitas (momentos lúdicos, de descanso ou de trabalhos mais leves)
- Podiam apresentar padrões estéticos muito diversificado

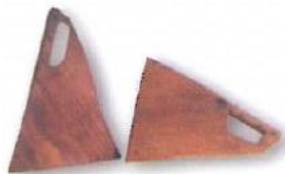
Existem ainda outros Trajes, que as «lavradeiras» usavam conforme as circunstâncias e as terras a que pertenciam

2. Exposição “Trabalhos do linho”

Esta exposição retrata o linho (e lã) enquanto base do vestuário popular rural alto minhoto, até ao início do século XX. Em “Trabalhos do linho” é repercutido o processo caseiro e artesanal de colheita, tratamento e tecelagem do linho e da lã através de um conjunto de operações que envolviam vários objetos.



Restelo



Espadelas



Ripo



Dobadoira



Urdideira



Tear

3. Sala do Ouro

Às exposições permanentes e temporária, aquiesce parte da **coleção de peças de ouro, tipicamente vianesas**, expostas na Sala do Ouro. Esta coleção foi doada por Manuel Rodrigues Freitas (proprietário de uma das mais conhecidas ourivesarias portuguesas) na sequência de um violento assalto à sala Museu do Ouro Tradicional Português, que possuía e que acabaria por encerrar.

Em 2011, num raro gesto de generosidade e amor à sua terra, decide doar a coleção que reuniu ao longo dos anos (composta por peças de ourivesaria tradicional, mas também com outras peças, mais eruditas, como são, por exemplo, os relógios), tendo por isso criado a Fundação Eduardo Freitas – que homenageia o seu filho. O local escolhido para mostrar esta coleção à cidade foi o Museu do Traje, mais concretamente o cofre do antigo Banco de Portugal.

Através de exposições temporárias é apresentada, parcialmente, a coleção que está guardada no cofre de um banco da cidade.



4. Exposição Temporária

Além das exposições permanentes, o Museu apresenta sempre uma exposição temporária sobre diferentes aspetos da cultura popular rural vianense. Aqui, e tendo sempre o Traje como referência, são recriados e estudados os ambientes em que era utilizado ou mostrada a enorme variedade e riqueza de que se reveste, evidenciando assim as formas de vida tradicionais vianenses.

Esperamos que a visita ao Museu do Traje tenha correspondido às suas expectativas e contribuído para um conhecimento mais profundo acerca do traje à vianesa» e tradições do Alto-Minho.

Não hesite em contactar-nos caso sinta necessidade de esclarecer algum aspeto relacionado com o nosso espólio.

Museu do Traje

Contactos

Telefone: 258809306

E-mail: museutraje@cm-viana-castelo.pt



Guião de Visita

Museu do Traje
Viana do Castelo

Para famílias com crianças dos 6 aos 10 anos

AOS PAIS E EDUCADORES

Este guia dá-vos algumas sugestões para explorar a exposição «Traje à vianesa». As sugestões são simples pontos de partida para desenvolver o diálogo com as crianças e a relação com a exposição.

Embora se apresentem várias sugestões, o importante não é cumprir todo o percurso de brincadeiras proposto mas fazer com que as crianças se empenhem na observação das peças e sintam o apelo da curiosidade.

«Trajar» significa vestir-se. É algo que temos que fazer todos os dias e que sempre fez parte da história, da nossa civilização.

No entanto, o vestuário foi evoluindo ao longo dos tempos.

As roupas que usamos hoje não são iguais às que os nossos antepassados usavam. E, as características das vestes mudam de local para local, de acordo com as características geográficas e dos povos.

No Museu do Traje vamos fazer uma viagem ao passado para descobrir que roupas usavam as «lavradeiras» das aldeias de Viana do Castelo e de que forma eram feitas!

Segurem-se bem e liguem o botão da curiosidade!

1. Procurem este traje na exposição «O Traje à vianesa».

Sabiam que...

O termo «lavradeira» significa «rapariga que lavra a terra». Este termo definia um grupo social que destacava o género feminino, o que demonstra o papel central da agricultura na vida económica e o peso fundamental da participação da mulher neste sector.

Como se chama o traje?

Traje de Trabalho ☐

Traje de Festa ☐

Traje de Domingar ☐

Traje de Dó ☐



2. Que cores identificam nele?

3. Indiquem três elementos que compõem o traje:

Ex: lenço, chinelas

4. Este é o Traje de Dó. Era usado nas Festas por raparigas «que estavam de luto aliviado ou tinham algum problema familiar».



As cores que identificaram no Traje de Dó transmitem:

Alegria ☐

Tristeza ☐

5. Por quem era usado o Traje de mordoma?

Pelas lavradeiras que não gostavam dos outros trajes ☐

Pelas raparigas que ajudavam na organização das festas ☐

Pelas raparigas que não tinham dinheiro para comprar outros trajes ☐

Pelas raparigas viúvas ☐

6. Procurem os trajes de «domingar» na exposição e, juntos, explorem as suas características.

Completem a seguinte frase:

O Traje de _____ era mais decorado do que o de _____ e menos rico do que o de festa.

Era usado em ocasiões em que as raparigas queriam estar mais _____, momentos de _____ ou trabalhos mais leves.

Este traje podia ter padrões muito _____.



7. Qual destes é um traje de trabalho?



Para que servia o traje de trabalho?

8. Que outros trajes se podem encontrar no Museu do Traje?

- ☐ Traje de Geraz do Lima
☐ Traje de Meia Senhora
☐ Traje do Vale do Neiva
☐ Caroça
☐ Traje Serrano

9. Na exposição «Trabalhos do linho» podem perceber o processo artesanal através do qual as lavradeiras faziam o seu traje, desde o plantar do linho até à tecelagem no tear manual.

Propomos que vejam o filme disponível na exposição, sobre o ciclo do linho.

Encontrem as seguintes palavras, relativas a objetos utilizados no processo do ciclo do linho e da lã e identifiquem-nos na exposição.

Roca; Tear; Fuso; Urdideira; Ripo; Sarilho; Restelo

E	R	U	R	D	I	D	E	I	R	A	A	G	O	G	H	J
F	U	B	E	X	P	O	H	L	I	R	A	S	S	U	F	K
G	R	F	A	R	O	C	A	G	H	I	D	J	M	U	N	O
J	D	I	D	I	C	D	R	O	C	S	H	R	S	O	T	I
I	A	E	A	P	E	A	M	X	U	P	S	O	Q	P	E	U
O	Z	X	B	O	F	J	F	U	D	Q	E	T	I	U	A	T
E	Q	R	A	R	T	M	U	S	O	L	E	T	S	E	R	H
R	S	A	R	I	L	H	O	L	I	N	H	L	A	P	E	L
I	O	P	Ç	Q	W	T	U	I	L	H	F	U	S	A	S	J

10. Encontrem nesta exposição os trabalhos relativos aos bordados de Viana do Castelo.

Quais as únicas cores que compõem este bordado?

Vermelho, amarelo e azul ☐

Branco, vermelho e verde ☐

Vermelho, azul e branco ☐

11. Dirijam-se agora à «Sala do Ouro» do Museu.

Façam corresponder as imagens às respetivas designações das peças em ouro.



•

• Brincos
à
Rainha



•

• Coração
de Viana

Sabiam que...

A «Sala do Ouro» do Museu do Traje é o antigo cofre da delegação do Banco de Portugal. O Banco encerrou em 1996 e o edifício alberga hoje o Museu do Traje.

nessa sala!

Visitem a exposição temporária no segundo piso, e apreciem o que o Museu do Traje tem à disposição do vosso olhar

Descubram elementos que vos chamem à atenção e falem sobre eles em família.

Chegamos ao fim da visita!
Lembrem-se que o que viram no Museu do Traje é o espelho das tradições etnográficas do Alto-Minho. Espero que tenham gostado e que regressem para uma nova visita!



Apêndice XII – Proposta de questionário para professores, educadores e animadores

Questionário sobre a visita ao Museu do Traje

A ser respondido por professores, educadores, animadores....

AO RESPONDER, PENSE NAS SUAS CRIANÇAS

Escola: _____ Concelho _____
Ano _____ Turma _____ nº de alunos _____
Visita no dia ____ / ____ / ____
Início: _____ ; Fim: _____

1. Porque decidiu fazer uma visita a este museu (interesse pedagógico, cultural....)?

2. Classifique o interesse dos conteúdos de que usufruíram no Museu do Traje.
Use a escala de **1** (Pouco interessante) a **5** (Muito interessante)

	1	2	3	4	5
Exposição permanente					
Exposição temporária					
Atividade educativa					
Filme					
Visita Guiada					
Outros:					

3. Manifeste a sua opinião sobre a **adequação** das seguintes atividades ao (seu) público -alvo.
Use a seguinte escala: Concordo Totalmente (**CT**), Concordo (**C**), Sem Opinião (**SO**), Discordo (**D**), e Discordo totalmente (**DT**):

	CT	C	SO	D	DT
A informação fornecida foi suficiente					
A informação fornecida foi pensada em função da compreensão do público –alvo					
A visita guiada motivou o público-alvo					
As atividades foram adequadas ao grupo etário					

As atividades estavam relacionadas com o tema da visita /exposição					
--------------------------------------------------------------------	--	--	--	--	--

4. Esta visita deu-lhe ideias para atividades/projetos posteriores? Quais? Exemplifique.

5. Na sua opinião, há aspetos que poderiam ser melhorados? Quais?

Obrigado pela colaboração!



Apêndice XIII – Proposta de questionário para crianças do 1.ºCiclo

Questionário sobre a visita ao **M**useu do **T**raje

Preenche o questionário. Pede ajuda se precisares

Escola: _____ Concelho _____
Ano _____ Turma _____ nº de alunos _____
Visita no dia ____ / ____ / ____
Início: _____ ; Fim: _____

Idade _____

Rapaz ☐

Rapariga ☐

1. Gostaste da visita ao Museu do Traje?

Sim ☐

Mais ou menos ☐

Não ☐

2. Achas que a atividade foi divertida?

Sim ☐

Mais ou menos ☐

Não ☐

3. De um a cinco que nota atribuis à atividade?

1	2	3	4	5
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

4. Gostavas de voltar ao Museu do Traje para fazer outras atividades?

Sim ☐

Não ☐

5. Gostarias de acrescentar alguma coisa ao teu questionário?

Obrigada pela tua ajuda. Espero que voltes em breve ao Museu do Traje!



Anexos

Anexo I – Circular sobre as Oficinas Itinerantes

Ex.mo Senhor(a) Coordenador (a)

Viana do Castelo, 12 de Março de 2012

Como é do conhecimento de V. Exa, os museus e as escolas têm objectivos comuns no que concerne ao enriquecimento cultural dos alunos.

Neste sentido, os **Museus de Artes Decorativas** e do **Traje de Viana do Castelo** desenvolveram um projecto de divulgação do património e da identidade cultural vianense através das suas colecções, que pretende facultar a todas as escolas a possibilidade de usar o museu como recurso pedagógico.

Este projecto pedagógico desenvolveu uma **Oficina Itinerante de Serviços Educativos** que está disponível para se deslocar às escolas do concelho de Viana do Castelo, preferencialmente às segundas feiras, com um conjunto de actividades e jogos educativos preparados para serem realizados pelos alunos dentro do espaço escolar.

As actividades apelam à criatividade e pretendem motivar os alunos para procurar novos conhecimentos sobre os trajes regionais e as artes decorativas e estão preparados especialmente para os Jardins de Infância e do 1º Ciclo do ensino básico.

As escolas podem solicitar aos Museus a realização destas actividades, mas ficamos ao dispor para nos deslocarmos à escola que dirige para apresentar com mais pormenor este projecto de Oficina Itinerante de Serviços Educativos.

Com os melhores cumprimentos e ficando disponíveis para qualquer esclarecimento,

Museu de Artes Decorativas de Viana do Castelo

Largo de S. Domingos

Tel: 258 809306; e-mail: museu.a.a@cm-viana-castelo.pt

Museu do Traje de Viana do Castelo

Praça da República

Tel: 258 809305; e-mail: museutraje@cm-viana-castelo.pt

Anexo II – Tabela das Escolas com Oficinas Itinerantes

Oficina Itinerante de Serviços Educativos

Escola/contactos	Total Alunos	Mês	Actividade	Confirmar	Museu A. D.
J. Infância X	1 Sala 20 Alunos	23 de Abril 10.00h	Pintura Lavradeira	Confirmado	
J. Infância X	2 Salas 25 Alunos 20 Alunos	30 de Abril 10.00h	Pintura Lavradeira	Confirmado	
Centro Escolar X	2 Salas 3º Ano – 38 alunos – Traje 4º Ano – 34 alunos -Azulejo	7 de Maio 9.30h	Tear	Confirmado	
EB1 X	2 Salas 3º Ano – 20 alunos 4º Ano – 15 alunos	14 de Maio 10.00h	Tear	Confirmado	
Centro Escolar X	2 Salas 3º Ano – 17 alunos 4º Ano – 18 alunos	21 de Maio 10.00h	Tear	Confirmado	
EB1 X	2 Salas 3º Ano – 23 alunos 4º Ano – 23 alunos	28 de Maio 9.30h	Tear	Confirmado	
EB1 X	2 Salas 3º Ano – 18 Alunos 4º Ano – 24 Alunos	04 de Junho 10.00h	Tear	Confirmado	
Jardim Infância X	16 Alunos	11 de Junho 10.00h	Pintura Lavradeira	Confirmado	
J. Infância X	1 Sala 23 Alunos	18 de Junho 10.00h	Pintura Lavradeira	Confirmado	

Anexo III – Questionário do Museu do Traje sobre a visita e Serviços Educativos

Questionário sobre a visita ao Museu do Traje

Visita no dia ____ de ____ de ____ Início às __h__ m; fim às __h__ m

Escola: _____ concelho de _____

Ano _____ Turma _____ nº de alunos _____

Professor responsável _____

Em relação às actividades que utilizou, por favor dê a sua opinião sobre a qualidade de:

	mau		suficiente		Muito Bom
Exposição permanente	1	2	3	4	5
Exposição temporária	1	2	3	4	5
Serviços Educativos	1	2	3	4	5
Filme	1	2	3	4	5
Visita Guiada	1	2	3	4	5

Indique também o que mais gostou

<hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/>

O que menos gostou / acha que deve ser melhorado:

<hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/>

O professor _____, em ____/____/ 2012

Obrigado pela colaboração!